

A

ARMADURA DE DEUS NA ORAÇÃO

Vencer o

Adversário



MARK I. BUDECK

Vencer o
Adversario

MARK I. BUBECK

© 1984 de *The Moody Bible Institute of Chicago*

Composição

Valéria Fontana

Diagramação

Roger L. Malkomes

Capa

Íbis Roxane

Coordenação editorial

Robinson Malkomes

Coordenação de produção

Eber Cocareli

Publicado primeiramente nos Estados Unidos da América por
Moody Press, sob o título *Overcoming the Adversary*.

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486, 04698-970,
São Paulo, SP.

1.ª edição em português: 1993

ISBN 85-275-0185-6

Impresso no Brasil.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Edição Revista e Atualizada* da
tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Sociedade Bíblica do
Brasil, salvo casos em que o uso de outra tradução se fez necessário,
para o que a devida indicação aparece no corpo do texto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bubeck, Mark I.

Vencer o adversário : a armadura de Deus na
oração / Mark I. Bubeck ; tradução Fabiani Silveira
Medeiros. -- São Paulo : Vida Nova, 1993.

Bibliografia.

ISBN 85-275-0185-6

1. Bíblia . N.T. Efésios VI 2. Diabo 3. Oração
4. Vida cristã - Autores batistas I. Título. II.
Título: A armadura de Deus na oração.

93-2848

CDD-248.4861

Índice para catálogo sistemático

1. Vida cristã : Prática religiosa : Igreja Batista
248.4861

Às muitas pessoas que têm compartilhado comigo suas batalhas no combate espiritual. Mediante seus sofrimentos e vitórias, o Senhor deu-me ânimo para que eu me empenhasse no estudo e no trabalho necessários à execução deste livro.

CONTEÚDO

Dedicatória	5
Prefácio dos editores	11
Prefácio do autor	13
Introdução	17
1. Satanás não é Invencível	25
O amor poderoso de Cristo	26
Subestimando o inimigo	29
A tática de Satanás	30
Enganados pela experiência	32
Oração da vitória	34
2. Na Perspectiva da Soberania	37
Os seus direitos legítimos	38
Os quatro segredos da vitória sobre Satanás	45
Concentrados em Deus	46
3. A União do Crente com Cristo	47
Coragem em Cristo	50
Reivindicando a nossa união	55

4. A Pessoa do Espírito Santo e a Força do Seu Poder	57
O perigo de correr atrás de manifestações sobrenaturais	60
Uma perspectiva equilibrada do enchimento do Espírito	64
O Espírito ministra convencendo	65
O Espírito ministra habitando	68
O Espírito ministra batizando	69
O Espírito ministra selando	70
O Espírito ministra vivificando	71
O Espírito ministra intercedendo	72
O Espírito ministra enchendo	73
Os benefícios do enchimento do Espírito	74
Benefício interior	74
Benefício ascendente	75
Benefício exterior	76
Os pontos fundamentais do encher-se do Espírito	77
Regeneração — o nascer de novo (Jo 3.1-16)	77
Eliminação — entristecer o Espírito	78
Dedicação — o entregar-se a Deus	79
A certeza na espera — o manifestar da nossa fé	81
Continuação — o andar no Espírito	81
Oração pelo enchimento do Espírito	82
5. Toda a Armadura de Deus: o Cinturão da Verdade	85
Um inimigo brutal	86
Os quatro fundamentos da verdade	89
Cingindo-se com o cinturão	94
6. Toda a Armadura de Deus: a Couraça da Justiça	97
A proteção da couraça	101
O perigo da passividade	106
Apropriando-se da couraça	106
7. Toda a Armadura de Deus: os Calçados da Paz	109
A paz decorrente da nossa posição	113
A paz de acordo com a experiência	115
O tranquilizante receitado por Deus	115

A paz que protege	117
A garantia da obediência	118
Jesus Cristo — nossa paz	119
Apropriando-se da paz	120
8. Toda a Armadura de Deus: o Escudo da Fé	121
Escudado por todos os lados	122
O objeto da nossa fé	123
A confiança no escudo	124
O objetivo do Senhor com a batalha	125
Permanecendo concentrados em Deus	126
O caráter mortal da batalha	128
Apropriando-se do escudo	129
Os anjos protetores	131
O sangue de Cristo	132
Embraçando o escudo	133
9. Toda a Armadura de Deus: o Capacete da Salvação	135
A mente assediada	136
Protegendo a mente	138
As estratégias de Satanás para controlar a mente	139
Jesus Cristo — nosso capacete	140
Como o capacete protege	141
A esperança serve de escudo para a mente	143
Vestindo o capacete	145
10. Toda a Armadura de Deus: a Espada do Espírito	147
Amarrando e saqueando o nosso inimigo	148
As nossas armas de ataque	150
O poder da Palavra de Deus	151
A operação interior da Palavra	152
Diretrizes para o uso da espada	153
A pessoa do Espírito	156
Erguendo a espada	157

11. A Abrangência Total da Oração	159
A primazia da oração	160
O gosto pela oração	161
O Paráclito da oração	162
A proteção da oração	164
A perseverança na oração	166
O panorama da oração	167
A extensão da oração	168
12. A Oração Invencível em Atividade	171
Aprendendo a orar	172
Provocando a ação de Deus	174
Tomando o fardo	176
Tendo por certa a vitória	178
Assumindo uma posição de invencibilidade	179
Epílogo: Simplesmente Vencedor	181
Bibliografia	184

PREFÁCIO DOS EDITORES

“Combate espiritual” está na moda no Brasil. Mais do que nunca se comenta a estratégia que alguns “combatentes” utilizam para vencer as forças invisíveis que dominam os homens. Todo o conhecimento que se consegue acumular, porém, é pouco diante dos imensos desafios dos espíritos imundos.

Mark Bubeck, bem conhecido autor de *O Adversário*, em sua 5.^a edição, e do recente *O Reavivamento Satânico*, acrescenta esta obra sobre as mais eficazes armas na luta contra Satanás.

Trata-se da oração destemida, cheia de fé e esperança baseadas nas promessas da Palavra de Deus. A batalha contra o diabo não é fácil, nem agradável, mas os resultados são valiosos e confirmam a fé dos que crêem e obedecem. O Pr. Bubeck sabe a grande vantagem que tem aquele que crê e conhece seus direitos.

Provavelmente aumentarão as manifestações de poder demoníaco em nosso país; mas aumentará também o conhecimento de como lutar para libertar os cativos nas trevas.

Para garantir a vitória sobre as forças tenebrosas, Deus oferece o poder do Espírito Santo em toda a sua plenitude. A união com Cristo também fornece a verdade que enfraquece as algemas satânicas. Toda a armadura que Deus providencia para todos os Seus filhos

fortalece-os com tudo que seja necessário para afrontar o inimigo rebelde.

Este livro, ainda mais alicerçado nas grandes verdades da Bíblia do que *O Adversário*, chegou em hora muito oportuna. Recomendamos de coração as estratégias aqui apresentadas. Estamos mais que confiantes de que os amados leitores que fizerem uso de suas instruções serão amplamente galardoados com vitória.

A Deus toda a glória!
Dr. Russell P. Shedd

PREFÁCIO DO AUTOR

*O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando
ele à minha direita não serei abalado
(Sl 16.8).*

*Confia os teus cuidados ao SENHOR, e ele te
sustera: jamais permitirá que o justo
seja abalado
(Sl 55.22).*

*... tudo posso naquele que me fortalece
(Fp 4.13).*

Tanto o Antigo Testamento quanto o Novo comunicam-nos que o povo de Deus está classificado como vitorioso, de forma segura, imbatível e fixa. Nenhum inimigo pode alterar esse plano, a menos que o crente permita que esse inimigo lhe roube sua postura de vitória. O objetivo deste livro é ajudar os crentes a lançar mão de um método de oração que lhes possibilite caminhar vitoriosos.

Veza por outra o leitor encontrará menções ao meu livro *O Adversário*. Este, *Vencer o Adversário*, é uma continuação daquele. Foi escrito em resposta a muitos pedidos de um “manual” complementar e prático para o combate espiritual.

Este livro destaca a oração, exercício muitas vezes vergonhosamente negligenciado entre os evangélicos. Segundo resultados de uma pesquisa, mesmo “o pastor médio ora apenas três minutos por dia”.¹ Se isso apresenta um quadro ainda que parcial do que acontece na vida de oração da igreja, estamos em sérios apuros.

Hoje precisamos atentar para a convocação de Andrew Murray, abaixo transcrita:

Um aspecto muito importante da oração é a intercessão. Que trabalho Deus tem aberto a Seus sacerdotes — os intercessores! Encontramos uma maravilhosa revelação na profecia de Isaías. Deus diz: “... que os homens se apoderem da minha força...” e também: “Não há mais ninguém que ore a ti, [...] que procure a tua ajuda” (BLH). Em outras passagens, Deus faz menção aos que intercedem por Israel. Você já se apoderou de Deus? Não há algo de que mais precisem a igreja e o mundo do que um forte Espírito de intercessão, para que o poder de Deus seja derramado sobre a terra. Ore para que se derrame do céu o Espírito de intercessão e haja um grande reavivamento na oração.²

Meu desejo é que este livro desperte o leitor para o espantoso recurso da oração.

À minha dedicada esposa, Anita, estendo minha mais profunda gratidão pelo tempo e esforço empreendidos auxiliando-me na execução deste projeto. Agradeço especialmente a Rose, Gladys e Donna a tarefa de amor ao datilografar e redatilografar o manuscrito.

¹*Christianity Today*, 6 de abril de 1979, p. 52.

²Charles COOK, ed., *Daily Meditations for Prayer*, p. 330.

Devo também manifestar minha imensa gratidão à família da Central Baptist Church pelo estímulo, pelas orações e pela paciência tão carinhosamente oferecidos à medida que trabalhava neste livro. A vida e a força da congregação em muito favoreceram a tarefa.

INTRODUÇÃO

Quando entrou em meu gabinete, seus olhos marejaram-se de lágrimas e as mãos úmidas denunciavam-lhe a aflição. A voz trazia o mesmo estremecimento de pavor que eu havia percebido quando me ligou para marcar a entrevista. Nanci¹ era filha de missionários, bela jovem de 19 anos e aluna brilhante.

Após orarmos por alguns instantes, abriu o coração. “Pastor Bubeck, faz meses que estou sendo atormentada. Quase toda noite, quando tento dormir, tenho a impressão de que se aproxima de mim uma presença amedrontadora. Tenho até visto aparições fantasmagóricas em meu quarto e estou morrendo de medo.”

O problema de Nanci começara quando, com alguns colegas de classe de uma faculdade cristã, havia assistido a *O Exorcista*. Desde então fora acometida por tormentos de variada intensidade. Ela queria saber onde encontrar socorro. De que modo poderia livrar-se desse temor? Seria aquela uma aflição puramente psicológica — estaria perdendo o juízo? Ou será que Satanás ou seus demônios lhe estavam perturbando? Se fosse isso mesmo, o que deveria fazer?

¹Os nomes das pessoas utilizadas como exemplo foram alterados a fim de lhes preservar a individualidade.

Tentei mostrar a Nanci alguns princípios estabelecidos na Palavra de Deus para o combate espiritual. Ela passou a ter novas percepções no íntimo e com elas o renovar da confiança. À medida que enxergava sua vitória no Senhor Jesus Cristo, um pouco do medo passou a deixá-la gradualmente.

O problema de Nanci é crescente na igreja de hoje. Antes de deixar meu gabinete, fiz uma pergunta que merece resposta. “Estou enxergando um lado completamente novo da vida cristã que jamais vi. Por que nos 19 anos da minha vida quase não ouvi falar do combate espiritual?” Pensei ter detectado um tom de indignação, como se ela se sentisse ludibriada enquanto cristã.

Vários crentes querem uma resposta a essa pergunta. Por que toda essa retomada nos círculos cristãos do interesse pelos demônios e pelo trabalho de Satanás? Será mais uma moda passageira? Será que isso põe demais o diabo em evidência? Será uma tentativa sutil de Satanás de desviar os crentes do importante trabalho de evangelizar?

A obra de Satanás com toda certeza não é uma novidade passageira. Ele sempre odiou a todos os crentes com “astúcias tão cruéis”. O reino de Satanás ocupa-se de uma campanha implacável para destruir os cristãos e impedir a execução satisfatória da vontade de Deus por parte deles. Há vários motivos por que a batalha está-se tornando mais notória hoje.

Um dos motivos da atuação cada vez mais visível de Satanás na vida dos cristãos é que até há pouco o assunto do combate espiritual destemido foi amplamente negligenciado nos círculos evangélicos. Nos últimos 75 anos, a maioria dos crentes nos Estados Unidos tem caído numa postura de passivamente ter por certa a vitória sobre Satanás, em vez de aplicá-la destemidamente. Quando o Senhor pela primeira vez levou-me a um estudo mais aprofundado sobre a forma pela qual o crente derrota o poder de Satanás, descobri que, em sua maioria, os livros doutrinários e bem fundados, escritos sobre o assunto, eram muito antigos. Os seminários evangélicos e as escolas bíblicas haviam preparado seus alunos a batalhar pelos fundamentos da fé, mas haviam fornecido pouca visão de como travar batalha contra Satanás, um inimigo pessoal.

Outro motivo por que estamos enxergando a batalha mais claramente é que estamos vivendo os últimos dias. Em 1 Timóteo 4.1

declara-se: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios...”. Versículos como este na Palavra devem ser encarados realisticamente. As atividades ofensivas e patentes de Satanás e dos demônios serão muito mais acentuadas à medida que se aproxima a hora final.

Ai da terra e do mar,
pois o diabo desceu até vós,
cheio de grande cólera,
sabendo que pouco tempo lhe resta.
(Ap 12.12)

O terceiro motivo da crescente consciência da batalha é que o pecado sobeja em nossos dias. Quanto mais perverso o homem, tanto mais patente e claro o poder de Satanás se manifestará. Isso é certo sobretudo com relação aos pecados ligados ao ocultismo e à licenciosidade sexual. A sociedade amplamente caracterizada por pornografia, licenciosidade, drogas, alcoolismo, bruxaria, feitiçaria e culto aberto a Satanás é uma sociedade que verá muito patente e clara a atuação dos demônios.

Que devem fazer os crentes a fim de preparar-se para enfrentar o desafio? Este livro incentiva-os a fazer uso da oração de combate e de outros meios práticos para seguramente conquistar a vitória. Os crentes devem evitar pessoalmente qualquer envolvimento com práticas ocultas, disso também protegendo com zelo suas famílias. Mesas de *Ouija*,* sessões espíritas, levitação, meditação transcendental, cartas de tarô, horóscopos e outros mais devem ser evitados completamente. Alimentar a curiosidade por coisas assim é como entrar desarmado em território inimigo.

*Instrumento usado pelos espíritas para receberem mensagens dos espíritos. A palavra é uma combinação de *oui*, do francês, e *ia*, do alemão, ambas significando “sim”. Na mesa há letras do alfabeto e palavras de uso comum. Quando os dedos dos comunicadores tocam a mesa, um pequeno pedaço de madeira rolante move-se de letra em letra, formando assim a mensagem (nota do tradutor).

Quando entrares na terra que o SENHOR teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR teu Deus os lança diante de ti. Perfeito serás para com o SENHOR teu Deus (Dt 18.9-13).

Devemos também tomar o cuidado de não alimentar demasiada curiosidade pelas operações de Satanás. Os livros e os filmes que mostram as práticas e as orgias de reuniões de bruxas e do culto a Satanás não servem para os crentes. Sob o pretexto de ficarem informadas, algumas pessoas bem-intencionadas estão realizando um perigoso desserviço à comunidade cristã. Conhecer os pormenores dos ritos e cerimoniais de feitiçaria é prejudicial e totalmente desnecessário. A maioria de nós logo veria o mal que há em o cristão ler pornografia ou assistir a um filme pornográfico para entender melhor essa área do pecado, mas é possível que deixemos de enxergar o mal que há na curiosidade pela feitiçaria e pelo satanismo.

Não devemos também permitir que nossa mente fique absorta com Satanás e suas atividades, dando-lhe assim um destaque imerecido. Esperança e coragem são palavras essenciais no combate espiritual. A coragem não é apenas uma necessidade para enfrentarmos o nosso inimigo implacável, mas é também patrimônio adquirido do crente. O maior desejo de Satanás não seria outro senão encher os crentes de pavor por ele e por seu reino. Se puder manter seu trabalho envolto numa aura de mistério ou ocultar seus programas com uma embromação sensacionalista na mente dos crentes, terá atingido um de seus principais alvos.

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé...” (1 Pe 5.8, 9a). Satanás ruge para que tenhamos medo e fiquemos, portanto, vulneráveis, mas o nosso direito adquirido é a coragem para resistir-lhe. O medo talvez seja uma das principais causas de os crentes não tomarem parte no combate espiritual. Sem dominar o assunto, esperam não ter de enfrentar seu

inimigo diretamente. Alguns me perguntam: “Até onde preciso tomar parte no combate espiritual quando não tenho consciência de nenhum problema em particular?” A resposta que apresento é lembrá-los de que *já* tomam parte se são crentes. Quer queiramos, quer não, Satanás impele-nos à batalha numa luta implacável e à queima-roupa. Efésios 6.12 declara que o nosso combate é uma batalha corporal, uma luta de perto, corpo a corpo, com o reino altamente organizado de Satanás. Para aqueles que superestimam o espantoso poder do reino de Satanás, essa luta pessoal é uma possibilidade aterradora. No entanto, o postulado que subjaz Efésios 6 é que todo crente tem a certeza da vitória: “... e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis” (Ef 6.13).

A oração é o meio pelo qual reivindicamos com intrepidez a nossa força no Senhor, apropriando-nos do poder do Espírito Santo e revestindo-nos de toda a armadura de Deus. Nada substitui uma vida de oração que aplique com determinação a verdade da Palavra de Deus. Era disso que falava Pedro quando nos mandou resistir ao diabo “firmes na fé”. “A fé” é a parte central da verdade de Deus, os fatos absolutos e eternos da doutrina que não podem ser desfeitos.

Quão corajosos devem tornar-se os crentes ao aplicar sua vitória contra Satanás? Alguns evangélicos têm recorrido à expulsão dos maus espíritos, mesmo da vida de outros crentes. Alguns casos apresentaram resultados animadores, mas outras vezes o benefício desse método foi muito questionável.

Uma história do *Chicago Tribune* trazia a perturbadora manchete: “Inglês Assassino da Esposa Suscita Debate sobre Exorcismo”. O artigo relatava que, três horas após um homem ser submetido a um “antigo ritual de exorcismo” de sete horas, ele matou e mutilou a esposa. Citou-se um cônego da Igreja Anglicana, que disse: “Os [...] intrometidos dedicam-se ao demonismo sem saber o que estão fazendo ou o que poderá acontecer. O dano que isso pode causar é incalculável”. Edward Rogers, responsável pela ação social da Igreja Metodista, acrescentou um comentário mais moderado, porém igualmente cuidadoso: “Ministrado com cautela, o exorcismo poderia funcionar como uma espécie de auxílio psicológico, mas, feito

de modo impróprio, pode ser uma forma de desastre psicológico”.²

Notícias semelhantes da prática de expulsar demônios são comuns e igualmente controversas. Qual deve ser a postura do crente diante da prática de enfrentar com ousadia as forças demoníacas? O Senhor Jesus e Seus discípulos muitas vezes enfrentaram maus espíritos e com ousadia ordenaram que revelassem a sua presença (Mc 5.9; At 16). Na qualidade de crentes unidos no Senhor Jesus Cristo em toda a Sua pessoa, posição e vitória, sem dúvida temos autoridade sobre todas as forças do mal (Ef 1.21; 2.6; 6.10-18), e poderá haver momentos em que será necessário enfrentar com audácia o inimigo. A hora em que vivemos pode impor-nos esse trabalho. Procurei, no capítulo 9 do *Adversário*, mencionar alguns desses momentos e os respectivos procedimentos.

Mas creio que se deva dar muito maior destaque à constância na oração de combate por parte do crente perturbado, ao uso da doutrina bem fundada em seu caminhar diário e à prática de um viver separado e consagrado. Cada cristão individualmente deve saber exercer sua autoridade sobre Satanás e sobre os demônios de maneira impositiva.

Os crentes devem ver novamente o privilégio e a responsabilidade que têm de andar vitoriosamente como homens e mulheres de Deus. Nenhum crente que ande intencionalmente nos pecados da carne e do mundo pode ter esperança de escapar aos danos e à escravidão de Satanás (Gl 5.13-26; 1 Jo 2.15-17). Você pode imaginar o que aconteceria a um soldado que desse uma voltinha no território inimigo em meio ao furor da guerra? Se não morto, logo seria assediado e levado cativo. No entanto, há crentes que acreditam poder inadvertidamente envolver-se no pecado sem se tornar vulneráveis a Satanás. Efésios 4.27 adverte: “... nem deis lugar ao diabo”. É isto que ele procura: uma brecha para transpor a porta da vida do crente. Ele procura ferir, amarrar e destruir-nos mediante nossos pecados de natureza mundana ou de outra ordem. A menos que conheçamos o caminho da vitória, tornamo-nos vulneráveis.

A vitória contra o pecado da carne conquista-se primeiramente

²*The Chicago Tribune*, 27 de março de 1975.

quando admitimos com sinceridade a propensão de nossa velha natureza a ser pecaminosa. Eis por que se nos apresentam listas como a de Galátas 5.19-21. Deus não Se surpreende com a nossa velha natureza. Ele conhece a sua iniquidade e quer que a conheçamos também. O segundo passo para vencer o pecado da carne é considerarmos mortos para a velha natureza (Rm 6.5, 6; Gl 5.24). Com Cristo, o “velho homem” está morto. O terceiro passo é andar no Espírito e pedir-lhe que ponha em nossa vida interior o fruto de Sua plenitude (Gl 5.22, 23). Ele o fará à medida que nos entregarmos à verdade de Sua Palavra inspirada. A aplicação constante de nossa vitória opera milagres na derrota dos pecados da carne.

A vitória sobre a carne, o mundo e o diabo está à nossa disposição. É nosso dever apropriar-nos dessa vitória e andar nela. Se agirmos intencionalmente de encontro a isso, poderemos chegar a um desastre, havendo necessidade de uma batalha feroz contra Satanás para reconquistarmos a liberdade.

Acredito que uma das maiores necessidades da igreja é que os crentes se conscientizem da gravidade da nossa batalha contra Satanás e do auxílio espiritual e prático que nos garante a vitória. Essa vitória deve fazer parte de nosso caminhar espiritual diário. Este livro ajudará o crente a ter uma vida vitoriosa de oração e combate.

UM

Satanás Não é Invencível

Por oito meses muito agradáveis, tivemos o privilégio de receber em casa uma jovem de vinte anos, encantadora, a qual fora viciada em heroína durante pelo menos cinco anos. Antes de vir ficar conosco, Alexandra havia sido desintoxicada no hospital de uma penitenciária. Ela começou a progredir no ambiente seguro de nosso lar cristão. Era como uma flor começando a desabrochar. Ao libertar-se das drogas, começou a ver todo um mundo novo ao seu redor e perceber o que havia perdido durante a escravidão. Ela gostava de ir à igreja. Até fez profissão de fé, recebendo Jesus Cristo como Salvador. Seu emprego como auxiliar de enfermagem num hospital da localidade para *convalescentes tornou-se um prazer*, à medida que confortava e prestava auxílio a pacientes idosos. Seu extraordinário talento como pianista começou a voltar. Tudo parecia favorável e animador.

Tudo corria bem até que um dos amigos descobriu onde ela estava. Convidou-a para acompanhá-lo ao casamento da irmã. Relutantes, depois de ter insistido, deixamos que fosse. Mais tarde contou-nos que exatamente àquela noite retornara ao caminho das drogas. Embora a amássemos muito, logo tivemos de dizer-lhe que, ou se submetia à disciplina de nossa família, ou teria de partir.

Na noite em que decidi deixar-nos, conversamos sobre sua profissão de fé. Com uma percepção fora do comum, apontou para a cabeça e disse: “Ela está aqui em cima, pastor, mas nunca esteve aqui embaixo”, apontado para o coração. Que noite lúgubre aquela, ao vê-la partir no novo carro que seu pai lhe estava ajudando a adquirir. Satanás parecia tão poderoso naquele momento; e nós, tão fracos. Poucos meses depois, realizei o funeral. Morrera de *overdose*. Se aplicada por si mesma ou à força, ninguém sabe. Satanás é de fato muito poderoso.

O AMOR PODEROSO DE CRISTO

Há, no entanto, um lado bom nessa história. Nos meses após Alexandra ter partido, nossa família nunca cessou de orar por ela. Frequentemente ligávamos para ela e estabelecíamos contato, às vezes para ajudá-la a livrar-se de uma enrascada. Sempre dizia que nos amava.

Num dia de agosto, o telefone tocou em meu escritório. Era nossa filha mais velha, Rhonda, que nos visitava, vinda de outro estado. Ela me disse que Alexandra estava na casa pastoral querendo ver-me. Larguei tudo e corri para casa.

Não estava preparado para aquela cena. Alexandra, sem ter recebido alta, acabara de sair de um hospital da localidade onde estava sendo tratada em virtude de uma *overdose*. Os lindos cabelos negros e longos haviam sido retalhados bem abaixo da orelha por um namorado furioso. O rosto era um fac-símile definhado da moça anteriormente bela que estivera em nossa casa. Estava sofrendo não apenas da *overdose*, mas de uma doença no fígado. As roupas estavam sujas e rasgadas. Tomei-a nos braços e comecei a chorar. Minha demonstração de amor pareceu partir-lhe o coração, e ela pranteou sua dor, soluçando e soluçando em meu ombro.

Quando já era possível conversar, disse-lhe: “Alexandra, você sabe que, vivendo desse jeito, vai acabar morrendo logo, não sabe?”. Fitou-me por um instante, e novamente seus olhos ficaram rasos de água ao menear a cabeça afirmativamente. Falamos sobre quando confessou que a profissão de fé feita anteriormente fora apenas um consentimento intelectual e não uma crença de coração. Vimos

inúmeras passagens bíblicas indicativas de que a esperança, recebem-na os que primeiramente se achegam de coração ao Senhor. Ela precisava, por vontade própria, reconhecer seu pecado e arrepende-se. Precisava de fato desejar livrar-se do poder do pecado e das drogas e crer que o Senhor Jesus Cristo poderia libertá-la de todos os pecados.

Uma batalha horrenda se estava travando. O domínio exercido por Satanás sobre ela estava sendo ameaçado, e ele lutava ferozmente. Às vezes ela parecia insensibilizar-se e até rir. Outras vezes parecia quase apagar-se. Nesses instantes, eu parava e orava por ela em voz alta. “Em nome do Senhor Jesus Cristo, amarro a tentativa de Satanás de impedir que a Alexandra venha a conhecer o Senhor Jesus Cristo. Convido o Espírito Santo a convencê-la da necessidade de libertar-se dos pecados. Senhor Jesus Cristo, abre-lhe os olhos para que veja quanto a amas.”

Fiquei convencendo Alexandra de que ninguém poderia tomar aquela decisão por ela. Ela mesma tinha de convidar Cristo a entrar em sua vida e em seu coração para lhe salvar a alma. Propus-me a não facilitar as coisas. Não me ofereci para ajudá-la a fazer a oração do pecador, como fiz quando de sua profissão de fé. Disse-lhe que tinha de brotar do coração. Ela precisava derramar o coração em arrependimento para Deus e convidar o Senhor Jesus a entrar em sua vida e purificá-la de todos os pecados.

A luta continuou por alguns instantes. Uma hora parecia quase decidir-se por Cristo, em seguida queria deixar para mais tarde. Por fim fiz-lhe uma oração doutrinária, reivindicando a obra consumadora de Cristo contra Satanás e clamando o amor misericordioso de nosso Senhor por ela.

O momento da vitória chegou. Sem que eu precisasse instigá-la mais, Alexandra ajoelhou-se em oração. Do mais profundo de sua alma brotaram palavras de arrependimento pelos pecados e de amor por Cristo como poucas vezes ouvi. Manifestou o anseio de que o Senhor Jesus Cristo entrasse em sua vida e a libertasse dos pecados. As lágrimas rolavam em profusão, não apenas de seus olhos mas dos meus também. Ao terminar sua oração, comecei a orar novamente para que o Senhor a libertasse de todas as amarras de Satanás e de quaisquer forças demoníacas que estivessem prendendo sua vida.

Alexandra estava ajoelhada no chão de nossa sala de estar, sobre o tapete, com o rosto escondido entre as mãos. Quando orei pedindo sua libertação, começou a tossir sem parar e a fazer esforço involuntário para vomitar, como se estivesse expelindo algum veneno invisível. As forças das trevas, que por tanto tempo haviam reclamado profundamente a posse de sua vida, estavam saindo. Era como se avalanche após avalanche tivesse de sair, e, sempre que isso acontecia, a tosse e a ânsia involuntária de vômito convulsionavam-lhe o corpo em dor. Alexandra não parecia entender bem o que estava acontecendo, mas sabia ser algo bom. Continuei orando ao Senhor para que extirpasse de sua vida todos os poderes das trevas e a libertasse completamente.

Quando finalmente sentou-se, um sorriso radiante iluminava-lhe todo o rosto. Tinha um ar lindo e sereno. O brilho do céu resplandecia através de cada cicatriz do pecado.

“Não dá pra acreditar”, afirmou, “nunca me senti tão limpa por dentro. Estou salva de verdade. Jesus Cristo me ama mesmo. Não dá pra acreditar. Aconteceu mesmo comigo”. Sim, Satanás é poderoso, mas não é todo-poderoso. Mais uma vez, seu domínio sobre uma vida fora aniquilado.

Ao lembrar-me daquele dia, sinto que fiz um julgamento gravemente incorreto naquela ocasião. Alexandra quis procurar os pais para contar-lhes o que lhe ocorrera, e deixamos que fosse. Contou aos pais sobre a decisão tomada e disse: “Mamãe, papai, vocês não precisam mais se preocupar comigo. Mesmo que eu morra esta noite, sei que estarei no céu”.

O que se deu depois disso não sabemos exatamente. Ela disse ao pai que entregaria às autoridades algumas pessoas “muito perversas”. Ele estava convicto de que aquelas pessoas “muito perversas” não agüentaram aquela nova moça e lhe aplicaram à força uma *overdose*. Ninguém sabe ao certo, mas a nossa alegria é estar seguros de que Alexandra está ausente de seu corpo e “no lar com o Senhor”. Satanás é poderoso, mas não é invencível.

A oração de combate havia resgatado para Cristo um dos destroços mais irrecuperáveis da vida. A cerimônia fúnebre foi um momento de manifesta vitória. Compartilhei o testemunho de sua conversão com o grande número de parentes e amigos ali reunidos.

Muitos deles não conheciam a Cristo e foram profundamente tocados pela cerimônia.

SUBESTIMANDO O INIMIGO

Sempre que Satanás aparece nas Escrituras, há uma aura de extraordinário poder em torno dessa criatura decaída. A Bíblia parece dar a entender que Deus jamais criou outro ser tão poderoso quanto Satanás. Mesmo o arcanjo Miguel, um dos santos anjos de Deus, claramente não foi páreo para Satanás numa luta que travou diretamente com ele (Judas 9). Miguel teve de recorrer a Deus para repreender Satanás. O poder assombroso de Satanás é ainda mais bem visto nos relatos dos evangelhos sobre a tentação de Jesus. Ninguém que leia sobre aquele conflito no deserto deixa de desenvolver um ponderado respeito pelo poder e pela posição desse arquiinimigo de Deus e Seu reino. Ainda assim, há uma necessidade premente de saber que Satanás não é invencível. Ele é sempre o “segundo colocado”. É meramente uma criatura, não é páreo para o Criador!

Por vezes a batalha pode ficar mais intensa; possivelmente sintamos que Satanás esteja vencendo. Daniel deve ter-se sentido assim quando orou por 21 dias à espera de resposta a uma oração insistente de seu coração (Daniel 10). Ele nos conta que durante aquele período pranteou. Como prova da fé profunda de Deus, fez um pequeno jejum e realizou outros atos de abnegação. A oração de Daniel chegara ao céu desde o primeiro dia, mas a resposta foi retardada por um poderoso príncipe do reino da Pérsia, que se pusera no caminho do santo anjo que trazia a resposta de Deus a Daniel. Somente porque Daniel continuou a orar e jejuar, pôde o anjo santo chegar, depois dos 21 dias (Daniel 10.1-15). E se Daniel tivesse achado que Satanás era poderoso demais e que não conseguiria a resposta a seu pedido? Talvez o mensageiro angelical não tivesse chegado.

Será que desistimos muito cedo e deixamos de receber respostas às nossas orações? Um dia, quem sabe, Cristo nos revele a resposta a essa pergunta, mas o desafio que ela nos traz deve mover-nos a orar com mais tenacidade. Satanás não é invencível, mas nós podemos e devemos ser invencíveis. É da vontade do Senhor que tenhamos tudo de que precisamos para cumprir o Seu querer.

A TÁTICA DE SATANÁS

Quão mentiroso Satanás se revela quando tenta convencer-nos de que é poderoso demais para nós! Um jovem profissional telefonou-me para falar sobre a batalha que travava contra o reino de Satanás. Era um atleta de grande força, tanto física quanto intelectual. No entanto, fora incessantemente atormentado por forças demoníacas. Elas o afligiam com incômodas sensações físicas e, por vezes, tomavam conta de sua língua de modo que sibilasse como cobra. Quando essas coisas aconteciam, parecia incapaz de se ajudar.

Mostrei-lhe, por telefone, tanto quanto pude, os princípios do combate e enviei-lhe um material. Aparentemente aquilo ajudou por um instante, mas logo seu padecimento físico pareceu piorar. Há pouco tempo ligou-me novamente. Ao relatar-me sua batalha, passou uma mensagem de irremediabilidade e desesperança. Pude entender aquilo, levando em conta sua longa batalha, mas eu sabia que ele teria de receber um choque para deixar de ver as coisas como irreversíveis.

Após deixá-lo falar por algum tempo da batalha e das derrotas, eu disse: "Pensando bem, acho que Satanás é mesmo mais forte que Deus. Ele venceu você, e é melhor desistir, porque não há esperança". A reação foi imediata e cumpriu meu objetivo. Ele percebeu o que eu estava tentando dizer. "É isso mesmo que estou falando, não é?", reforçou. "Caí na armadilha de convencer a mim mesmo de que estou derrotado. Pastor, ore por mim". No telefone mesmo, começamos a orar juntos. Enquanto eu orava, as forças das trevas tentaram assumir o comando, mas continuamos a orar e alegrar-nos com nossa imbatível posição de vitoriosos em Cristo. As forças foram aniquiladas. Ele pôde louvar ao Senhor pela batalha e mesmo pelas derrotas por que passara, alegrando-se com o propósito que tinha o Senhor naquela longa batalha.

Uma mulher telefonou-me e relatou seu difícil combate espiritual. Quando tentei compartilhar com ela os princípios da luta espiritual destemida, respondeu garantindo que fizera tudo aquilo durante muitos anos. Fez questão de afirmar que seu caso era sem precedentes e mais difícil do que aquilo por que qualquer outro já houvesse passado. Ela precisava receber um tratamento muito especial para adquirir a esperança da libertação, porque Satanás exercia

extraordinário domínio sobre sua vida. O segredo da força do inimigo em sua vida era este: ela lhe estava atribuindo um papel de invencibilidade que ele estava muitíssimo feliz em aceitar.

Uma vez façamos isso, estamos aprisionados num ciclo de derrotas. Não conseguimos vencer porque temos por certo que não conseguiremos. Pessoas assim procuram a ajuda de quem, ao contrário delas, não esteja sujeito ao poder “invencível” de Satanás, mas mesmo seus amigos cristãos não podem ajudá-las sem que se repudie a mentira em que elas acreditam. Satanás não é invencível. É um inimigo derrotado. Qualquer vitória dele que se verifique em nossa vida é apenas temporária. “... somos mais que vencedores, por meio daquele [Cristo] que nos amou” (Rm 8.37).

Satanás quer que o adoremos. Ele levou o Senhor Jesus a um alto monte e “mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4.8, 9). Se ousou tentar fazer com que o Filho de Deus, sem mácula, o adorasse, empregará as mais sutis artimanhas para tentar que os que pertencem a Cristo façam o mesmo.

Ah, muito raramente será tão atrevido a ponto de tentar fazer com que você se ajoelhe de verdade e o adore — pelo menos não a princípio. Apenas tentará fazê-lo exaltar seu poder na mente ao ponto de considerar-se o indefeso de quem ele está se ocupando. Nessa altura, segundo parece a você, ele é mesmo um inimigo invencível. Quando você cai nessa armadilha, está atribuindo a Satanás uma reverência que é uma espécie de adoração — adoração composta de medo e sujeição.

Quando eu era jovem, meu pai costumava ter às vezes três ou mais touros de raça pura compondo o rebanho. Era inevitável que um deles, em combate com os demais, tivesse de provar que estava “no comando”. Uma vez que isso estivesse provado, os derrotados sempre lhe davam o direito de comandar e não mais desafiavam sua autoridade. Isso ilustra o que Satanás tenta fazer conosco. Quando nos derrota uma ou várias vezes, está simplesmente tentando impor o direito de governar. Quer que os crentes aceitem o fato de que é mais forte que eles e de que está “no comando”. Uma vez que aceitemos essa falácia, ele nos aprisiona numa derrota psicológica que não condiz com a vida cristã.

ENGANADOS PELA EXPERIÊNCIA

Há vezes em que a experiência parece desafiar a verdade. Uma senhora do Canadá afirmou ter seguido à risca os princípios de combate apresentados no *Adversário*. “Fiz tudo”, ela disse, “mas simplesmente não funciona comigo. Fiz as orações doutrinárias, li e memorizei a Palavra, tenho resistido ao diabo e seus demônios constante e destemidamente, mas ainda sou fortemente atormentada”. Ela estava desestimulada, derrotada e buscando desesperadamente um alívio rápido. Queixou-se de que não parecia haver ninguém por perto interessado em ajudá-la. Sua experiência na batalha era um desafio inequívoco à verdade de Deus. Sentia-se tão derrotada que nem estava indo à igreja.

Ao conversarmos, perguntei-lhe se alguma vez agradecera ao Senhor a batalha. Perguntei se alguma vez pedira ao Senhor que lhe ensinasse, por meio daquela longa batalha, tudo o que queria que ela aprendesse. Admitiu que não. Sua opinião foi a de que aquela batalha com o reino de Satanás era de todo hedionda e que a única coisa que Deus queria para ela era vitória completa e imediata. Quando percebeu que Deus podia estar querendo ensinar-lhe estabilidade e fidelidade a despeito da batalha e mesmo no meio da mais temível derrota, abriu-se-lhe uma perspectiva inteiramente nova.

Conversamos sobre o fato de que seu descuido na frequência aos cultos e na comunhão com os irmãos era como admitir perante Satanás a vitória dele. A “desistência” da oração de combate e a declaração de que os princípios de combate “não estavam funcionando” eram formas de admitir que Satanás estava vencendo. Ela precisava firmar-se na verdade e não permitir que a experiência de sua batalha a afastasse dali.

É isso que o apóstolo Paulo destaca seguidamente em suas excelentes exortações doutrinárias em Romanos 5 e 6. Devemo-nos firmar na verdade e não permitir que uma experiência pessoal desafie o caráter absoluto da verdade. Somente quando fazemos isso, a experiência pessoal começa a harmonizar-se com a verdade. Jamais se deve confiar que a experiência pessoal estabeleça validamente a verdade espiritual. A Palavra de Deus revelada estabelece a verdade.

Em Romanos 6.5-10, o apóstolo Paulo expõe a verdade de que

cada crente une-se com Cristo em Sua vitória completa sobre o pecado, sobre a morte e sobre Satanás. Essa é uma verdade inquestionável, na qual todo crente é responsável por firmar-se. O pecado e Satanás não podem governar alguém que esteja morto. O pecado não pode dominar ou submeter à servidão alguém que esteja agora “vivo para Deus” por causa de nossa união com Cristo e de Sua ressurreição. Essa é uma verdade incontestável e imutável, em que nos devemos firmar, independentemente de nossa experiência.

Satanás procurará incessantemente desafiar a verdade. Ele trará todo tormento que puder concentrar na sua experiência, a fim de fazê-lo pensar que com você simplesmente não funciona. Ele fica afirmando, pela sua experiência, que o pecado é forte demais e que ele pode controlar sua vida e irá fazer isso.

Qual a resposta de Paulo a esse ataque? “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões...” (Rm 6.11, 12). O desafio de Paulo é reiteradamente comunicado em outras passagens doutrinárias semelhantes. Devemo-nos firmar na verdade. Nossa responsabilidade é declarar como fato que estamos “mortos” para o governo e regime do pecado, da morte e de Satanás em nossas vidas. Estamos “vivos para Deus”. Nosso Senhor está governando. Nossa responsabilidade é “não deixar o pecado controlar”. O pecado e Satanás só podem reinar se permitirmos”. “Deixamos” que reine quando aceitamos o fato de que “não funciona” ou quando nos recusamos a “congregar”, porque a experiência da batalha é demasiado intensa. No momento em que concedemos a Satanás um papel em nossas vidas, por causa de nossas experiências de luta e de derrota, estamos permitindo-lhe que assuma o controle. A vitória é conquistada porque estamos certos da vitória mediante nosso Senhor Jesus Cristo.

Em momento algum o crente precisa “render-se” e reconhecer-se derrotado nas mãos de Satanás, com suas artimanhas e astúcias tão cruéis. Há esperança e vitória à disposição do mais derrotado. A igreja de Laodicéia exemplifica bem essa questão. Aquela congregação sucumbira aos logros de Satanás. A mornidão espiritual havia-se instaurado. A igreja tinha-se por muito suficiente e espiritualmente

vitoriosa. Diziam: “Somos ricos, estamos muito bem e temos tudo o que precisamos”. Estavam tão obcecados pelo embuste astuto de Satanás, que não se reconheciam, “miseráveis e desgraçados [...] pobres, nus e cegos” (Ap 3.17, BLH). Ainda assim, mesmo às pessoas totalmente ludibriadas, o Senhor Jesus ofereceu total acesso à Sua vitória.

Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas. Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo (Ap 3.18-20).

Essa grande oferta e segurança pertence a cada cristão. Independentemente de quão longe Satanás tenha ido, enganando-nos e controlando-nos, podemos ter ouro refinado pelo fogo, vestes limpas e brancas e colírio para curar-nos da cegueira espiritual. A comunhão com Cristo íntima, próxima e do fundo do coração está lá para ser reivindicada. Satanás não é invencível, mas Cristo é, e o crente é invencível nEle.

ORAÇÃO DA VITÓRIA

Amado Pai celestial, eu Te louvo porque Satanás é um inimigo derrotado. Alegro-me por essa derrota ter sido efetuada pelo Senhor Jesus Cristo em Sua vida sem pecado, Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão à glória. Espero ansiosamente o dia em que o Senhor Jesus Cristo reinará, enquanto Satanás será amarrado no abismo. Sei que Satanás será finalmente jogado no lago de fogo preparado para ele e seus anjos, onde ficará para sempre. Alegro-me por hoje me dares, na minha união com o Senhor Jesus Cristo, total vitória sobre Satanás.

Tomo posse da minha vitória com determinação e reivindico minha posição de mais que vencedor por Aquele que me amou. Recuso-me a reconhecer-me continuamente derrotado por Satanás em

qualquer área da minha vida. Ele não pode dominar-me e não o fará. Estou morto com Cristo para o seu domínio. Afirmo que a graça e a misericórdia de Deus dominam todas as áreas da minha vida pela união com o Senhor Jesus Cristo. Concede-me a graça de afirmar a Tua vitória mesmo quando as experiências da vida pareçam contrariá-la.

Agradeço-Te essas batalhas e tudo o que, em Tua sabedoria e desígnio, estás procurando realizar em minha vida. Aceito a batalha e alegro-me com o Teu propósito. De bom grado aceito e desejo beneficiar-me de todo o Teu propósito em deixar que o reino de Satanás chegue até mim. Rejeito todos os intentos de Satanás. Mediante a vitória de meu Senhor e Salvador, permaneço resoluta e firmemente na certeza da minha vitória. Confiante, espero em Ti, Senhor Jesus Cristo. Quando se cumprir o Teu propósito para essa batalha, sei que ela se perderá na obscuridade das batalhas esquecidas e do inimigo derrotado. Pelo nome do Senhor Jesus Cristo, assim será. Amém.

DOIS

Na Perspectiva da Soberania

Antes de mais nada, o cristão precisa cultivar uma fé que lhe confirme o caráter de vencedor. Isso é importantíssimo. Tudo que esteja abaixo disso confere uma vantagem arrasadora a Satanás e seu reino.

Bear Bryant, técnico de futebol americano, tornou-se um homem legendário ao longo de sua existência. Acima de tudo, é lembrado como vencedor. Ao fim da carreira que durou 38 anos, havia conquistado seis campeonatos nacionais e obtido mais vitórias que qualquer outro técnico na história do futebol americano universitário.

Victor Gold, em tributo à carreira de Bryant, escreveu a seu respeito na edição de 19 de fevereiro de 1983 da *National Review*: “Como todas as autênticas figuras legendárias do sul, era um homem da terra. ‘Se não tivesse descoberto o futebol’, disse uma vez, ‘teria acabado no lombo de uma mula, exatamente como meu pai. Mas uma coisa eu digo. Eu teria aberto o sulco mais reto de Arkansas’”.¹

Alguém certa vez perguntou-lhe:

¹ © 1983 de *National Review*. Reproduzido com permissão.

— Você não se considera inovador? Um criador de estilo?

— Não — disse ele — sou simplesmente um vencedor.

A carreira premiada e a filosofia de vida adotada por Bear Bryant falam algo importante para o crente. Precisamos saber que, por intermédio da vitória da graça e da redenção, somos simplesmente vencedores.

Habacuque viveu numa época muito semelhante à nossa. Para onde quer que se voltasse, encontrava a degradação moral e espiritual manifesta em violência e injustiça. “Até quando, SENHOR, clamarei eu, e tu não me escutarás? gritar-te-ei: Violência! e não salvarás? Por que me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas, e o litígio se suscita” (Hc 1.2, 3).

Um profeta de nossa época talvez proferisse o mesmo lamento ao contemplar o cenário mundial de nossos dias. O programa de Satanás é uma mistura destoante de violência, injustiça e brutalidade. Prometendo muito, Satanás sempre cumpre pouco. Quanto mais exerce seu poder, mais amedrontadoras e caóticas as coisas se tornam para cada indivíduo, bem como para toda a sociedade. Satanás é um usurpador. Tenta exercer o poder à força, sem direito algum de fazê-lo. Eis por que, quando sob o ataque do reino de Satanás, é importante conhecermos a base bíblica ou legítima da nossa autoridade.

OS SEUS DIREITOS LEGÍTIMOS

Alguns de nossos queridos amigos viveram dias tenebrosos. Ataques muito semelhantes aos de um epilético, sem explicação médica clara, acometiam a esposa sobretudo à noite. Os médicos acreditavam que os ataques se devessem a uma espécie de acesso de ansiedade, mas nunca haviam visto manifestar-se daquela forma. Os psicólogos explicaram que teriam como origem raiva reprimida. Nossos amigos participaram-me o problema enquanto tratávamos de percepções espirituais sobre aquela difícil fase.

Parecia haver motivo para supor que os ataques estivessem sendo causados por forças demoníacas, mas é melhor agir com cautela nessas crises emocionais delicadas. Respostas precipitadas e

simplificadas podem ser não apenas injustas, mas também muito prejudiciais. No entanto, por meio da observação e com a minha experiência, eu havia descoberto que os ataques bem podiam ter origem demoníaca. Satanás é um astuto intensificador da fraqueza humana. Deseja agravar ao máximo qualquer problema originário dessa fraqueza. Os problemas psicológicos que de outra forma resolveríamos com razoável facilidade podem quase destruir-nos quando agravados por Satanás.

Discutimos a possibilidade de que ali houvesse a mão de Satanás. Não apenas dolorosos, os ataques eram também amedrontadores. Examinamos cuidadosamente a autoridade bíblica do crente de negar a Satanás o direito de dominar qualquer área de nossa vida. Em Romanos 6, eles viram o privilégio e a responsabilidade que tinham de não deixar que “reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedçais às suas paixões” (Rm 6.12).

Delineou-se um plano cuidadoso. A próxima vez que se iniciasse um ataque, teriam de imediatamente desafiar qualquer participação de Satanás, proibindo-o de dominar daquela forma. Falamos sobre como o marido podia agir em socorro da esposa, desafiando qualquer espírito das trevas que estivesse por trás do ataque. Deveria dizer: “Em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo poder de Seu sangue, resisto a qualquer espírito das trevas que esteja tentando fazer com que minha esposa tenha esses ataques. Eu te proíbo de fazê-lo. Ordeno que saias de nossa presença e vás para onde o Senhor Jesus Cristo te enviar”. Exigi que ele repetisse as palavras com insistência, até que o ataque fosse desfeito. A esposa foi incentivada a repetir o desafio que o marido dirigisse contra Satanás o mais que pudesse.

Quando nossos amigos utilizaram a estratégia, os ataques cessaram completamente. Nesse caso, de fato havia a mão dos demônios buscando agravar uma fraqueza humana.

Nosso inimigo sutil fará qualquer coisa para tentar impor-nos enganosamente seu controle. Se conseguir convencer-nos de que nossos problemas não são obras suas, conseguirá dar prosseguimento ao trabalho. Culpar o diabo de todos os nossos problemas nunca é sensato, nem tampouco descartar logo de início a sua parcela de contribuição.

Usemos um exemplo para mostrar quão importante é que você conheça seus direitos bíblicos ao desafiar as investidas usurpadoras de Satanás. Suponhamos que um dia você atenda à porta e lá esteja um homem forte e enorme que, antes de você poder impedir, avance audaciosamente para dentro de sua casa. O porte grande e a voz potente o apavoram. Ele fica totalmente à vontade e domina a situação. Você tenta descobrir por que está lá, mas ele faz uso de evasivas, dizendo que é seu amigo e só quer ser amável.

O dono da casa cansa-se do intruso e dá a entender que a família agradeceria se fosse embora para que pudessem jantar. “Ah, que ótima idéia”, diz o grandalhão. “O que vamos comer?”

Atarantado com essa intromissão atrevida, mas respeitando o tamanho considerável do homem, o chefe da casa hesita em expulsar o intruso. O jantar é servido, e o grandalhão come quase tudo. Depois do jantar, passa para a sala de estar e monopoliza a conversa. A família fica cada vez mais incomodada, mas o tamanho do homem, o olhar penetrante e a voz estrondosa intimidam a todos.

O pai insinua que está ficando tarde e que talvez o homem devesse partir por já ser hora de ir para a cama. O grandão sorri e se diz cansado também; decidiu ficar e dormir no quarto principal. A essa altura, todos já estão exasperados, mas o que se pode fazer? Um único movimento de sua forte mão os destruiria por completo. Simplesmente dirige-se ao quarto e toma conta dele. É grande demais para ser expulso. Intimidados, vêm-se obrigados a deixá-lo ficar.

Neste ponto, a história começa a ficar ridícula. Difícil imaginar que qualquer um de nós permitiria algo assim. Grande ou não, o homem tem de sair. É um intruso, um usurpador. Não tem direito algum de entrada, quanto mais de permanência. O que podemos fazer para livrar-nos dele?

Se formos prudentes, chamaremos a polícia e o obrigaremos a sair. Pode ser que seja grande demais para darmos conta dele, mas temos toda a autoridade da lei e do governo ao nosso lado. Se houver a necessidade de toda uma milícia para realizar o serviço, a justiça e a autoridade não lhe permitirão ficar. No entanto, temos de nos pôr em ação. Os nossos pedidos não o fazem sair. As ameaças só o fazem rir por causa de sua força e tamanho. Somos impotentes contra sua força. Ficaria para sempre, se deixássemos de recorrer às autoridades

competentes.

Satanás é esse tipo de inimigo. Age com muito mais sutileza, mas o relato exposto indica muito bem o modo como atua contra os cristãos. Efésios 4.27 adverte-nos para não darmos lugar ao diabo. Ele avança para dentro de nossa vida, onde não tem direito legítimo de permanência. Tentará convencer-nos de que a nossa fraqueza, demonstrada por nossos pecados e falhas, outorga-lhe esse direito. Uma vez que tenhamos aberto a porta, dando lugar a algum pecado especial, ele deixa claro que ficará ao nosso redor o quanto desejar. Intimidados por seu poder e dominados pela culpa de nossos pecados, concluimos temerosamente que, afinal de contas, talvez ele tenha mesmo o direito.

Não estamos falando de um crente possuído por Satanás. O apóstolo Paulo com certeza não era possuído por Satanás, mas pôde sentir profunda aflição e uma espécie de opressão demoníaca que o perturbavam grandemente.

Pois se eu vier a gloriar-me não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim oure. E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo (2 Co 12.6-9).

Há duas lições a ser aprendidas com a experiência de Paulo. De maior importância, é a de sempre desafiar as intromissões de Satanás em nossa vida.

Paulo sabia que Satanás não tinha direito legítimo algum de ser uma influência perturbadora em sua vida. Tinha todo o direito de “resistir ao diabo” com a certeza de que Satanás teria de “fugir dele”. Tinha toda a autoridade, todo o direito legítimo de insistir que essa aflição de origem demoníaca o deixasse. Toda a autoridade de sua união com Cristo na pessoa e obra consumada do Salvador pertencia

a Paulo. Satanás não tinha nenhum “direito legítimo” sobre Paulo. Tampouco tem qualquer direito legítimo sobre os demais crentes. Essa é a própria essência da mensagem da obra consumada de Cristo. Hebreus 2.14, 15 a resume assim: “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida”. A obra do Senhor Jesus Cristo liberta-nos legítima e completamente das reivindicações de Satanás.

Há ainda outra lição importante a aprendermos com a experiência de Paulo. Devemos permitir que o nosso Senhor seja soberano. Para Paulo, exigir seus direitos “legítimos” seria um insulto ao seu Senhor. Em Sua soberania, o Senhor tinha uma finalidade em permitir que Satanás afligisse o apóstolo. Isso ilustra um princípio vital do combate espiritual. Em nossa batalha, o nosso Senhor deve sempre ser o mais importante. Mesmo na batalha direta contra Satanás, devemos ocupar-nos principalmente com Deus. Ele tem um objetivo em nossa luta contra as forças das trevas, para o nosso bem e Sua glória.

Não há exposição mais clara desse fato do que a da narrativa veterotestamentária sobre Jó. Todos os problemas, sofrimentos e tormento de Jó eram de origem satânica. Todavia, Jó manteve toda a atenção voltada para o Senhor, à medida que vencias suas horrendas provações.

Jó sabia de um princípio muito importante para um homem justo que lidasse com Satanás. Ele sabia que seu Senhor tinha um propósito soberano na luta. Paulo reconheceu essa mesma consciência, aceitou-a e nela se deleitou. Ao batalharmos contra Satanás e contra os poderes das trevas, é necessário ter presentes duas idéias importantes. Em primeiro lugar, precisamos saber que, por estar unidos a Cristo, temos total autoridade para resistir a Satanás e obrigá-lo a deixar a nossa presença. Ao mesmo tempo, contudo, devemos estar desejosos de aceitar o propósito soberano de nosso Senhor em permitir que experimentemos a batalha, ainda que longa.

Geralmente insisto com quem esteja enfrentando intensa luta contra Satanás que declare duas coisas. A primeira representa o

positivo, a fé no Senhor: “Em nome do Senhor Jesus Cristo, aceito todo propósito que meu Senhor tem em permitir que eu trave essa batalha ferrenha contra Satanás. Desejo aproveitar e aprender todo o propósito do meu Senhor nessa batalha”. A segunda é negativa, a rejeição do propósito de Satanás: “Em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo poder de Seu sangue, rejeito todo o desígnio de Satanás e seu reino ao afligir-me nesta batalha. Ordeno que todo espírito mau por trás dessa aflição saia da minha presença e encaminhe-se para onde o Senhor Jesus Cristo lhe enviar”.

Por vezes, quando estamos sendo afligidos pelo inimigo, a única coisa em que pensamos é no fim da experiência. Quantas vezes me telefonaram querendo uma fórmula rápida de libertação imediata. É dolorosamente difícil mas inteiramente necessário que os que passam por aflições assim lembrem-se de ter presente a soberania do Senhor. Às vezes é plano do Senhor libertar de imediato, mas às vezes a longa batalha pode estar em Seu plano soberano. Entregar tudo ao nosso Senhor é sempre primordial nas questões espirituais. É Sua vontade que precisa ser satisfeita e não a nossa. É geralmente nas experiências mais dolorosas da vida que mais crescemos.

Mesmo tendo perdido a fonte, recordo-me de ter lido uma história relatada por Festo Kivengere, célebre bispo anglicano de Uganda. Sob o regime do ditador Idi Amim, muitos ugandenses eram mortos pelo menor crime — real ou fictício — contra o governo. Muitos dos que foram mortos eram cristãos.

Um crente, que estava sendo amarrado a uma árvore para ser executado por um pelotão de fuzilamento, pediu que lhe permitissem falar aos torturadores. Fitando-lhes diretamente nos olhos, em alta voz, declarou: “Eu os amo e amo o meu país! Ao morrer, gostaria de cantar para vocês”. Ele sorriu, e as palavras de sua canção brotaram com uma segurança inabalável: “Deixo a noite da escravidão/ Vindo a Ti, vindo a ti...”.² Enquanto entoava aquele hino, os tiros foram disparados, ele morreu, mas morreu como um cristão invencível. Foi simplesmente um vencedor.

Quando pastoreava no sul da Califórnia, recebi um doloroso

²*Cancioneiro do Exército de Salvação*, 183.

relato do trágico acidente de amigos nossos muito queridos. Timóteo e eu atuávamos juntos como pastores vizinhos em outro estado, durante aproximadamente 12 anos. Tínhamos ficado muito ligados, trabalhando na mesma denominação, compartilhando alegrias e fardos. Éramos parceiros de oração. Foi um choque tomar conhecimento do acidente. Um motorista embriagado havia desviado por sobre a faixa de trânsito e havia-se chocado de frente com o pequeno veículo que Timóteo dirigia. A esposa morreu instantaneamente, e Timóteo encontrava-se em estado muito crítico.

Pude sentir a dor e a tristeza de Timóteo. Ao dirigir-me à unidade de tratamento intensivo do hospital, fiquei-me perguntando o que dizer. Que poderia eu comunicar que pudesse prestar auxílio a alguém constrictado e triturado por tamanha tristeza e sofrimento físico? Timóteo e a esposa eram tão ligados. Eram um grande exemplo de casamento cristão na melhor fase.

Caminhando em direção ao leito de Timóteo, atentei para o considerável aparato posto em funcionamento para mantê-lo vivo. A enfermeira que estava prestando assistência falou da gravidade do estado de Timóteo e pediu-me que não me demorasse em minha visita. Meus olhos se encheram de lágrimas quando os olhos de Timóteo encontraram-se com os meus. Tentando controlar minhas emoções, tomei-lhe a mão que não tinha ferimentos e segurei-a por um instante. “Timóteo”, consegui finalmente dizer, “sinto tanto. Eu te amo muito”. Mesmo sem poder falar com a voz, os olhos e o semblante falaram eloqüentemente. Aquela centelha de fé e aquele sorriso confiante que eu conhecera tão bem ainda me saudavam. Algo irradiava de seu interior. Era como um fogo resplandecente. Eu havia ido para alentar Timóteo com algumas promessas das Escrituras, uma palavra de amor e uma oração de apoio. No entanto, naquele instante o auxílio do Espírito Santo fluiu de sua vida para auxiliar-me. Ele estava passando por aquela tragédia como “mais que vencedor”. Estava experimentando o que é ser invencível. Parti, sabendo que iria recuperar-se e que sua vida continuaria a manifestar a força do povo invencível de Deus. Ele também era simplesmente um vencedor.

O apóstolo Paulo encerra a Epístola aos Efésios, estabelecendo os quatro segredos da força que possibilita ao crente permanecer sempre vencedor. Não importa quão ferrenha seja a batalha, não

importa quanta pressão Satanás nos faça suportar, não importa que para a perspectiva humana pareça ser o contrário, continuaremos triunfantes, à medida que utilizarmos o que Deus providenciou.

OS QUATRO SEGREDOS DA VITÓRIA SOBRE SATANÁS

Os quatro segredos são: 1) a união do crente com Cristo, 2) a pessoa do Espírito Santo, 3) toda a armadura de Deus e 4) a abrangência total da oração. Examinaremos cada um deles mais detidamente nos capítulos que seguem, mas parece essencial firmá-los no pensamento desde o início.

“Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor...” (Ef 6.10a). A nossa força e a nossa certeza de vitória concentram-se no estar “no Senhor”. O nosso vínculo inseparável com toda a Sua pessoa e obra assegura-nos de que somos simplesmente vencedores. “Quanto ao mais, sede fortalecidos [...] na força do seu poder” (Ef 6.10b). Assim como a primeira frase fala de toda a pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo, a segunda fala da pessoa e obra do Espírito Santo. As palavras finais do Senhor Jesus Cristo a Seus discípulos convergem para a fonte do poder na vida do crente. “... Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo...” (At 1.8). É mediante o Espírito Santo que experimentaremos “a força do seu poder”. Teremos de aprender a nos apropriar da pessoa e da obra do Espírito Santo em nosso combate.

O terceiro segredo é o suprimento de toda a armadura de Deus, tanto para a proteção como para a ação.

“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo...” (Ef 6.11). Cada peça da armadura tem um papel singular e estratégico na obtenção e manutenção da vitória do crente.

Os crentes vitoriosos cada vez mais valorizarão a armadura ao longo de suas vidas. Devemo-nos familiarizar com a nossa armadura.

O quarto segredo carrega uma importância toda própria porque continua sendo o meio pelo qual o crente apropria-se dos outros três. “... orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos...” (Ef 6.18). Não sei de nenhum outro modo de alguém se apropriar da união com Cristo

senão pela oração. A pessoa e a obra do Espírito Santo em nosso viver diário estão para a oração como o ar para a respiração. O Espírito Santo não impõe Seu domínio e poder à nossa vida. Espera ser convidado a demonstrar a força de Seu poder por nosso intermédio. A prática da oração é absolutamente essencial para nos revestirmos da armadura. Estudaremos pormenorizadamente o uso da oração e seu papel essencial em garantir que, como crentes, permaneçamos vencedores.

CONCENTRADOS EM DEUS

Amado Pai Celestial, capacita-me a manter todas as coisas na perspectiva da Tua soberania. Dá-me sabedoria para reconhecer que a fúria da batalha não é sinal de derrota. Ajuda-me a agradecer-Te e louvar-Te por Teu propósito em cada etapa da batalha. Rejeito todo o propósito de Satanás de atacar-me, mas aceito todo o Teu plano e desígnio soberanos. Agradeço-Te o que estás fazendo, ao permitir que o reino de Satanás guerreie contra mim. Usa a batalha para aperfeiçoar, aprofundar, amadurecer, humilhar e edificar a minha fé.

Dá-me o discernimento e o entendimento para conhecer a minha vitória. Peço-Te que minha certeza de vitória esteja profundamente arraigada nas doutrinas básicas da Tua Palavra. Quero ver-me invencivelmente forte pela união com Cristo, pela pessoa e obra do Espírito Santo, pela totalidade da Tua armadura que me concedes e pela abrangência total da oração. Ensina-me a apropriar-me da minha vitória na prática, num hábito diário. Peço essas coisas em nome de meu Senhor Jesus Cristo. Amém.

TRÊS

A União do Crente com Cristo

*Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor
e na força do seu poder
(Ef 6.10).*

Eis uma ordem expedida por um adestrado capitão de guerra, o apóstolo Paulo, uma palavra enérgica entregue pelo Espírito Santo aos soldados cristãos, que enfrentam um poderoso inimigo. E que ordem! O uso do imperativo no grego torna-a uma ordem à qual não se pode deixar de obedecer. As implicações teológicas são evidentes. Estamos destinados a ser invencíveis em nosso combate. Não podemos aceitar nada menos que isso.

Em Romanos 8, após mostrar a posição elevada do crente — foi predestinado, chamado, justificado e glorificado — Paulo manifesta de maneira notável a força invencível que tem o crente em seu combate. “Que diremos, pois, à vista destas cousas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31). Ele acredita que, em resposta, daremos um grito de vitória. “Simplesmente ninguém!” Nem mesmo o próprio Satanás pode ter sucesso contra os crentes que conhecem o fundamento da vitória. Alguns versículos depois, Paulo reafirma essa certeza de vitória: “Em todas estas cousas, porém, somos mais que

vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8.37-39).

Não é de admirar que esse homem, com conhecimento da força que lhe pertencia, afirmasse: “... tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13). Ele sabia que era invencível na batalha. Tudo que atrapalhasse a vontade de Deus para a sua vida tinha de ser afastado: Satanás, os demônios e qualquer outro poder.

O conhecimento de que somos espiritualmente invencíveis no cumprimento da vontade de Deus para a nossa vida é pré-requisito para uma oração de combate eficaz. Satanás é um mentiroso coroado de êxito. Não poupa tática alguma para procurar intimidar os crentes e convencê-los de que são fracos. Quer que nos tenhamos por indefesos diante de seu espantoso poder. A menos que conheçamos o fundamento bíblico da nossa invencibilidade, sem dúvida ele logrará convencer-nos de que não somos páreo para suas investidas.

Há alguns meses procurou-me um homem que estava travando intensa batalha contra as forças das trevas. Elas o atormentavam de inúmeras formas havia muitos anos. Não raro, tinha sonhos terríveis, repletos de violência, sadismo e sórdidas orgias sexuais. Pela manhã, ao acordar, ouvia vozes cruéis que o instavam à prática de atos hediondos, causadores de repulsa a seu espírito cristão sensível. Outras vezes, sentia dores que pareciam causadas pelos poderes das trevas. O tratamento psiquiátrico e o aconselhamento não haviam obtido êxito em abrandar-lhe o tormento.

Ao aconselhá-lo, procurei levá-lo a resistir destemidamente aos ataques, com base na própria autoridade que tinha enquanto cristão. O crente deve, com determinação e coragem, resistir ao ataque, lançando mão do seguinte método:

“Em nome do Senhor Jesus Cristo, oponho-me ao poder das trevas que faz com que essas vozes me sugiram esses atos hediondos. *[Certifique-se de citar o sintoma que está tendo, seja ele qual for.]* Oponho-me a ti no poder da minha união com o Senhor Jesus Cristo e, mediante Seu precioso sangue, resisto-te. Uno a ti todo o teu reino. *[Os espíritos malignos estruturam-se de forma muito semelhante a uma*

organização militar, com comandantes e comandados.] Impeço-te de trabalhares e ordeno a ti e a teu reino que me deixem e se dirijam para onde o Senhor Jesus Cristo os enviar”.

Logo que propus o método ao homem, sua reação foi: “Ah, mas eu iria ficar com medo de fazer isso. Satanás iria me esmagar. Eu não sou muito forte espiritualmente e acho que jamais ousaria desafiar Satanás assim”.

Aí está um exemplo clássico de como Satanás nos faz acreditar em suas mentiras. Esse homem nutria um conceito errôneo de sua condição, do ponto de vista bíblico. Desconhecia sua verdadeira autoridade. Não se tinha por forte e invencível. Estudando com ele a Palavra e encorajando-o pacientemente, pôde por fim começar a reivindicar sua vitória. Quando conseguiu, o problema imediatamente começou a deixá-lo.

É importante que a visão que temos de nós como invencíveis repouse sobre a verdade bem fundada da Palavra de Deus. A nossa autoridade precisa estar alicerçada na Bíblia. A coragem como autoconfiança, originária de algumas crenças errôneas, além de muito perigosa, frustrará muitas batalhas. A batalha que enfrentamos não é pequena. Quando falamos sobre ser invencíveis e capazes de derrotar o reino de Satanás, não podemos descansar-nos com essa certeza, tornando-nos assim descuidados. A nossa invencibilidade em relação ao reino de Satanás não significa que, no final das contas, seu poder não encerre muita coisa. Devemos sempre lembrar-nos de que o poder de Satanás está apenas em segundo lugar em relação ao poder do próprio Deus. Judas 8 e 9 advertem-nos para que jamais lidemos levianamente com o poder do nosso inimigo: “Ora, estes, da mesma sorte, quais sonhadores alucinados, não só contaminam a carne, como rejeitam governo, e difamam autoridades superiores. Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda”.

Os sete filhos de Ceva, sumo sacerdote judeu, aprenderam essa lição de forma penosa. Enquanto Paulo estava em Éfeso, esses usurpadores tentaram empregar a fórmula de Paulo, desconhecendo a verdade que lhe fundamentava. Ao tentarem lidar com os espíritos maus, disseram: “Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega” (At

19.13). Os resultados obtidos foram muito penosos: "... o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa" (At 19.15, 16).

CORAGEM EM CRISTO

O crente necessita de coragem. Não deve ser temeroso; deve, sim, estar certo de que sua coragem depende dAquele que de fato o torna invencível. Efésios 6.10 afirma: "... sede fortalecidos no Senhor...". Essa pequena locução, *no Senhor*, é uma das mais importantes que jamais chegaremos a compreender. É exatamente a pedra angular do conhecimento de sermos invencíveis no combate espiritual.

As locuções *no Senhor* e *em Cristo*, ou equivalentes, aparecem mais de 40 vezes só no livro de Efésios. Essa repetição mostra-nos que não se trata apenas de um cômodo clichê. Todo crente está inseparavelmente unido ao Senhor Jesus Cristo. Somos colocados por Deus em unidade com Sua pessoa e obra. A obra de Cristo pertence a cada crente pelo direito da união íntima. Em 2 Coríntios 5.17 declara-se concisa e decisivamente: "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". Estar "em Cristo" constitui fato doutrinário, verdade absoluta que garante ao crente uma nova posição. A antiga escravidão a Satanás e o medo em relação a ele foram aniquilados. Toda a vitória de Cristo passou a ser nossa.

O que significa estar "em Cristo"? O que há nessa relação que nos torna invencivelmente fortes? De que modo podemos usar essa verdade na oração de combate? De que forma pode tornar-nos vitoriosos em nossa resistência a Satanás?

Em primeiro lugar, estar "em Cristo" significa ser participante da enorme vitória do nome do Senhor Jesus Cristo. Que grande fonte de poder para a vitória o Seu nome representa. Filipenses 2.9-11 comunica-nos algo do poder que temos quando estamos em Seu nome:

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai.

O Seu nome está “acima de todo nome” — isso fala de um lugar de segurança e força invencível. “Todo joelho se dobrará” em submissão ao poder desse nome. Nisso incluem-se Satanás e todo o seu reino.

É importante que diariamente você ore pedindo a segurança e a força de Seu nome sobre sua vida, sobre sua família e sobre o chamado de Deus à sua vida. É em nome do Senhor Jesus Cristo que somos fortes e invencíveis.

Estar “em Cristo” também significa estar unido a Cristo em toda a vitória que Ele conquistou em Sua obra redentora. No momento da conversão, Deus introduz o crente em toda a vitória conquistada por Cristo em Sua *encarnação*. Uma das verdades mais estarrecedoras na obra redentora de Cristo é que, na pessoa de Cristo, o próprio Deus fez-Se homem. A humanidade de Cristo é ainda hoje uma das grandes maravilhas da eternidade. Foi em Sua forma encarnada, como um de nós, que o nosso Senhor Jesus Cristo conquistou a nossa redenção e derrotou por completo o reino das trevas (Hb 2.14, 15).

Em 1 João 4.2, 3 declara-se: “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo”.

A verdade relacionada à vinda de Deus ao mundo na pessoa de Cristo, a verdade de que estava em Cristo, de que o próprio Deus tornou-Se homem, é uma tremenda derrota, uma ameaça arrasadora ao reino de Satanás. João conta-nos ser essa uma verdade tão ameaçadora e arrasadora para o reino das trevas, que as criaturas decaídas não admitirão francamente que Jesus Cristo veio em carne humana.

A vitória sobre Satanás pertence-nos mediante a nossa união com Cristo em Sua *encarnação*. Sabem o sabor dessa vitória os que se

apropriam dessa verdade poderosa contra o nosso inimigo. Será difícil enxergar a derrota que significa para o seu adversário o fato de você concentrar contra ele e seu reino a verdade de sua união com Cristo em Sua encarnação? A nossa esperança da bênção e do favor diários de Deus sobre nós, enquanto ainda vivemos nesta terra, depende exclusivamente da verdade de que estamos incluídos no perfeito mérito de Cristo em Sua humanidade. Ele sempre levou uma vida humana digna das melhores bênçãos de Deus. Apesar de tentado de todas as formas, permaneceu sem pecado. Estava sempre em comunhão com o Pai celestial, sempre absolutamente santo e digno do que Deus tinha de melhor. Ao andarmos neste mundo, Sua vida humana digna pertence-nos. É nossa. Deus nos vê nEle. Não contamos com aquelas inúmeras bênçãos de Deus, dia a dia, por ser tão bons e por lograr êxito em conduzir uma vida perfeita. Não, contamos com Suas bênçãos porque o nosso Salvador encarnado teve uma vida absolutamente digna, e nós estamos “em Cristo”.

Estar “em Cristo” significa também estar na obra e na vitória conquistadas por meio de Sua morte. Os sofrimentos e a morte de nosso Senhor Jesus Cristo são igualmente essenciais para que sejamos invencivelmente vitoriosos na oração de combate. “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2.14, 15).

No plano de redenção, Deus insere o crente na morte de Cristo com toda a vitória que essa morte exerce sobre os nossos inimigos. Resta-nos apropriar-nos destemidamente de nossa união com Cristo em Sua morte e aplicá-la como parte de nossa responsabilidade de ser invencíveis no combate. Isso nos é transmitido em passagens como Romanos 6.11, 12: “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões...”. O fato de sermos proibidos de deixar que o pecado reine em nosso corpo mortal é prova de que mesmo os crentes podem ter esse problema. Se o crente não se apropriar da sua união com Cristo em Sua morte e não a aplicar, o pecado, em suas variadas manifes-

tações, reinará. Somos responsáveis por “considerar”, assentar como verdade o fato de estarmos mortos para o domínio do pecado. Estamos unidos com Cristo em Sua morte. Em razão desse fato doutrinário, estamos mortos para o controle do pecado, mas vivos para o domínio de Deus.

A cruz e o sangue de nosso Salvador constituem tremenda ameaça ao reino de Satanás. Na cruz, Jesus Cristo reduziu a cinzas o reino de Satanás. Quando o crente, destemido, aplica a morte de Cristo, reivindicando todos os benefícios que ela proporciona à sua vida pessoal, à sua família e ao seu serviço para o Senhor, torna-se também invencível com Cristo em Sua morte. “... e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15).

Estar “em Cristo” implica vitória posterior, uma vez que significa estar em Sua ressurreição. O mesmo grande poder que ressurgiu nosso Senhor do túmulo cabe a nós e é nosso. Não é de surpreender que, muito depois de tornar-se crente, Paulo escrevesse aos filipenses, dizendo: “... para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3.10, 11). Estar “no Senhor” significa que compete a nós reconhecer e usar o extraordinário poder da ressurreição, para nos tornarmos invencíveis em nosso combate.

Estar “em Cristo” relaciona-se ainda com o estar assentado com Cristo nas mansões celestes. “... e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus...” (Ef 2.6). Depois de ressurgir, o Senhor Jesus Cristo estava assentado

à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as cousas debaixo dos seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as cousas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as cousas (Ef 1.20-23).

A ascensão de Cristo à glória foi o momento que selou a consumação de Seu triunfo, o retrato de Sua vitória suprema “acima de todo principado, e potestade”. Estando assentados lá com Cristo, a nossa posição “em Cristo” é uma verdade que demonstra a nossa autoridade “no Senhor” para resistir ao diabo e derrotá-lo. Estamos unidos com Cristo em toda a autoridade e poder de Sua ascensão.

Uma última idéia precisa ser salientada. Ser forte, invencível “no Senhor”, significa conhecer e aplicar a verdade de estar unido com Cristo em Sua supremacia vigilante sobre Sua igreja. Ele é o nosso grande Sumo Sacerdote e o exaltado Pastor de Suas ovelhas. Como é maravilhoso saber que estamos unidos ao nosso Salvador, que vive e está edificando a Sua igreja; saber que ele disse: “... De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiNessas bantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei...” (Hb 13.5-6).

Nessas breves locuções — *em Cristo e no Senhor* — muito nos leva a crer que a vontade de Deus é que sejamos invencivelmente fortes. Não precisamos amedrontar-nos com o rugido de Satanás, uma vez que estejamos “em Cristo”.

Uma mulher contou-me uma história fascinante que ilustra a natureza do nosso combate invencível, se travado destemidamente.

Quando jovem, cursara uma excelente faculdade teológica, onde adquiriu boa base de conhecimento bíblico. Anos depois, ao criar sua família, permitiu que sua fé se tornasse mais um exercício rotineiro do que uma vida exuberante de caminhada diária com Cristo. Apesar da participação ativa numa igreja em que se pregava a Palavra, faltava-lhe um relacionamento caloroso e constante com o seu Senhor. Tornou-se uma cristã “institucional”. Um cristianismo assim profissional pode não raro acarretar catástrofe, como em seu caso.

O relacionamento com o marido deixava muito a desejar. Os três filhos adolescentes dirigiam-se à ruína. O mais velho estava irremediavelmente enterrado no mundo das drogas e vagava sem objetivos. A filha do meio estava envolvida num namoro com um homem casado e recusava-se a ser alertada contra o perigo e a tragédia em que estava incorrendo. O mais novo, embora no curso secundário, estava seguindo os passos do irmão mais velho. Essa mãe cristã estava desesperada e não sabia o que fazer para remediar a

tragédia da vida sua e de sua família.

Telefonou-me um dia, contando que lera *O Adversário*. O desafio de exercitar as orações doutrinárias apresentadas naquele livro moveu-lhe o coração. Começou a concentrar essas orações sobre o lar e os filhos. Cinco meses depois, estava telefonando para compartilhar os resultados.

O filho mais velho renegou o envolvimento com as drogas e estava fazendo planos de ingressar numa faculdade teológica. A filha terminara o relacionamento com o homem casado e estava prestes a ficar noiva de um cristão consagrado. O mais novo renovara seu compromisso com Cristo e estava tomando parte ativa na liderança do grupo de jovens em sua igreja. Regozijante, compartilhou outros resultados espirituais surpreendentes que Deus estava trazendo à sua vida e a seu lar. Embora as orações doutrinárias nem sempre sejam tão surpreendentes em operar transformações, narro esse fato como testemunho inequívoco dos benefícios práticos de conhecermos a nossa invencibilidade na oração de combate. Concentrar a vitória de Cristo sobre nossa vida, sobre nossa família e sobre nossa esfera de trabalho sempre colherá recompensas significativas. Antes de encerrar este capítulo, desejo compartilhar uma oração que se concentra em nosso relacionamento “em Cristo”.

REIVINDICANDO A NOSSA UNIÃO

Amado Pai celestial, louvo o Teu nome. Agora posso ver que é da Tua vontade que eu seja invencivelmente forte em meu combate espiritual. Louvo-Te, Senhor, porque me puseste “em Cristo”. Pela fé, manifesto o desejo de submeter-me à proteção e à bênção do nome poderoso do Senhor Jesus Cristo. Peço o poder onipotente de Seu nome sobre minha família e sobre o serviço para o qual me chamaste. Invoco o nome do Senhor Jesus Cristo contra Satanás e tudo o que o seu reino possa fazer para impedir o plano de Deus para a minha vida.

Concentro minha oração na minha união com Cristo em Sua encarnação. Alegrementemente reconheço que Jesus Cristo veio em carne humana para me conquistar a vitória. Peço todos os triunfos que o Senhor Jesus conquistou em Sua humanidade contra todos os estratagemas sutis e enganos astutos de Satanás. Peço as vitórias da

encarnação sobre todas as áreas da minha vida e do meu trabalho para o Senhor.

Louvo-Te pela cruz e pela morte do Senhor Jesus Cristo, pedindo que todos os benefícios de Sua morte convirjam para minha vida, minha família e meu trabalho para o Senhor. Afirmo que minha morte com Cristo pode derrotar o controle e o domínio do pecado, da morte e de Satanás. Peço que o sangue que Cristo verteu vá de encontro a tudo o que Satanás está fazendo para impor-me obstáculos.

Tenho sede de aprender com maior profundidade o significado de experimentar o poder de Sua ressurreição. Assim como desejo estar morto para o reino do pecado, assim também anseio viver de acordo com o fato de que estou vivo para Deus mediante o poder da ressurreição. No poder extraordinário que ressuscitou o Senhor Jesus Cristo dentre os mortos, faze-me andar na novidade de vida à minha disposição.

Pai celeste, será sempre uma maravilha para mim que Tu me tenhas assentado com Cristo nos lugares celestiais, acima de todo principado e potestade. Humildemente faço uso da autoridade da minha união com Cristo em Sua ascensão, para derrubar todos os planos de Satanás arquitetados contra mim, contra a minha família e contra o plano fixado por Deus para a minha vida.

Obrigado, Senhor Jesus Cristo, pois em Tua posição glorificada à direita do Pai, estás guiando a Tua igreja e apascentando os Teus cordeiros. Decididamente submeto-me ao Teu senhorio sobre minha vida e meu trabalho para Ti. Reconheço que tudo que há de bom em minha vida, em meu lar e em meu trabalho para Ti deve-se ao Teu senhorio e à Tua bênção misericordiosa.

Pela fé, reivindico meu direito de ser invencivelmente forte e vitorioso na salvação que consumaste. Recuso-me a me desanimar. Rejeito todo sentimento de derrota. Escolho viver como mais que vencedor por meio de Jesus Cristo, meu Senhor. Em nome do meu Senhor Jesus Cristo, oro com ação de graças. Amém.

QUATRO

A Pessoa do Espírito Santo e a Força do Seu Poder

Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo...
(Ef 5.15-20).

Quanto ao mais, sede fortalecidos [...] na força do seu poder
(Ef 6.10).

Vários biógrafos de D. L. Moody fazem um relato daquele que se tornou um momento significativamente decisivo em seu notável

ministério para Deus. Moody pregava havia vários anos. Era muito solicitado como pregador. Foi fundador e líder de uma das escolas dominicais mais eficazes e de maior crescimento em Chicago. Seu ministério atraiu até mesmo a curiosidade e a atenção de Abraham Lincoln, que fez questão de, numa de suas idas a Chicago, visitar a escola dominical do Sr. Moody. A influência e o ministério de Moody estavam tendo repercussão cada vez maior, mas tinham um ponto fraco, e este precisava ser admitido.

Após uma das reuniões evangelísticas do Sr. Moody, duas senhoras permaneceram um pouco mais para falar-lhe:

— Estamos orando por você — disseram, dando a entender que haviam percebido uma necessidade de orar por sua vida e ministério.

Aquela declaração ousada perturbou Moody.

— Por que não oram pelo povo? — perguntou um tanto asperamente.

— Por que você precisa do poder do Espírito Santo — responderam.

Irritado, Moody retorquiu:

— *Eu* preciso do poder?

Mas aquelas duas senhoras receberam do Senhor o encargo de orar para que o Sr. Moody fosse revestido do poder do Espírito Santo. Em suas reuniões, ocupavam quase sempre as primeiras fileiras, orando muito, o que era visível. No primeiro momento, o Sr. Moody reagiu com irritação, mas o seu coração leal logo começou a reagir construtivamente. Não demorou muito, ele próprio passou a clamar no coração para que fosse revestido de poder. Não raro, reunia um grupo para orar a metade de um dia. Ele “gemia e chorava na presença de Deus” pelo revestimento do Espírito.

Então algo extraordinário aconteceu num quarto de hotel em Nova Iorque. A biografia oficial de Moody, escrita por William Moody, seu filho, cita a seguinte declaração do evangelista:

“Eu clamava o tempo todo para que Deus me enchesse de Seu Espírito. Então, um dia, na cidade de Nova Iorque — ah, que dia! — é impossível explicar, quase nunca toco no assunto; é uma experiência praticamente sagrada demais para mencionar; Paulo teve uma experiência sobre a qual nunca falou por quatorze anos.

Só sei dizer que Deus revelou-Se a mim, e senti de tal forma o Seu amor, que precisei pedir-lhe para recolher a mão. Voltei a pregar. As mensagens eram as mesmas. As verdades pregadas não tinham novidade alguma, e, ainda assim, centenas convertiam-se. Se me oferecessem o mundo todo, eu não regressaria à posição em que me encontrava antes dessa abençoada experiência — no cômputo geral, significaria muito pouco.¹

Outro biógrafo declara: “Deus parece ter respondido de modo poderoso às orações daquelas duas mulheres, uma vez que, naquele instante, a vida transformou-se-lhe muito: pregador imaturo, algo convencido e orgulhoso transformado em um pregador humilde, maleável e dócil, o qual expunha, com moderação, mas com profundidade [...] o ensinamento atraente do grande amor de Deus pelo homem em todo lugar, conforme mostrado na Bíblia”.²

O ter dado lugar à pessoa e à obra do Espírito Santo em sua vida operou transformações radicais no ministério de Moody. Ele encontrou novo poder e eficácia para arrancar vidas da escravidão de Satanás. Walter Knight escreve sobre a eficácia posterior de uma das reuniões de Moody em Londres. Ele pregou a 5 mil pessoas, muitas das quais ateus, agnósticos e livres-pensadores declarados. A incredulidade estava tão em voga naquela época, que se criaram associações por toda Londres, a fim de propiciar o encontro daqueles que haviam abandonado a fé. Foram à reunião de Moody com mentes incrédulas e olhares desdenhosos. Moody foi tentado a intimidar-se com aqueles cépticos doutos e zombadores, mas, em vez disso, reivindicou a força do poder do Espírito Santo. Pregou a Palavra de Deus com grande convicção e fervor. Knight cita a avaliação dos resultados feita pelo próprio Moody.

Num instante, o Espírito Santo agiu naqueles inimigos de Jesus Cristo. Mais de quinhentos deles puseram-se de pé. Em lágrimas, exclamaram: “Eu quero! Eu quero me entregar a

¹William R. MOODY, *Life of D. L. Moody*, p. 66.

²Harry J. ALBUS, *A Treasury of Dwight L. Moody*, p. 35.

Jesus!”. Rapidamente a reunião foi encerrada para que se desse início ao atendimento individual. Desde aquela noite até o fim da semana, quase 2 mil homens converteram-se das fileiras de Satanás para o exército do Senhor. O caráter duradouro do que se sucedeu comprovou-se pelo extermínio das associações ateísticas!³

D. L. Moody tornou-se, na cristandade, um dos maiores defensores da necessidade da pessoa e da obra do Espírito Santo na vida do crente. Sabia quão impressionante poderia ser a vitória de alguém sobre o pecado e sobre Satanás quando cheio da força do poder do Espírito. Cautelosamente evitava os excessos que têm por vezes caracterizado o destaque especial dispensado ao ministério do Espírito Santo. Não obstante, Moody estava sempre pronto para anunciar a verdade de que o crente deve ser cheio do Espírito. Os milhares de milhares convertidos a Cristo por suas mensagens evangelísticas foram resultado do revestimento do poder do Espírito. As campanhas de reavivamento, que por vezes duravam semanas, com Moody pregando todas as noites, também atestam esse poder.

Ser cheio do poder do Espírito Santo constitui a essência de toda a vitória espiritual e serviço cristão. A grande importância que as Escrituras atribuem à doutrina do Espírito Santo é sem dúvida o motivo por que há entre os crentes tanta confusão sobre o assunto. Tanto o intelectualismo racional quanto o emocionalismo exacerbado têm contribuído para privar os cristãos do maravilhoso ministério do Espírito Santo em suas vidas. O reino das trevas está fazendo todo o possível para manter a pessoa e a obra do Espírito Santo vetadas ao nosso uso prático.

O PERIGO DE CORRER ATRÁS DE MANIFESTAÇÕES SOBRENATURAIS

Por um lado, os cristãos enfrentam o problema do emocionalismo exacerbado em torno da pessoa do Espírito Santo. Esse destaque especial acentua mais do que se deve o intenso sentimento

³Walter B. KNIGHT, *Knight's Illustrations for Today*, p. 150.

religioso e as manifestações sobrenaturais, nos quais as forças demoníacas estão sempre prontas para intrometer-se. O Dr. Merrill Unger, em seu livro *What Demons Can Do to Saints* [O Que os Demônios Podem Causar aos Santos], documentou vários casos assim. Um dos exemplos, recebeu-o da mulher de um pastor batista que pastoreava em Kansas, nos Estados Unidos. Ela lhe escreveu contando sua conversão aos dez anos, mencionando a intensa escravidão às forças demoníacas às quais sucumbira. O relato abaixo foi feito por ela mesma:

Muitas vezes, nos vinte anos que se seguiram [à conversão], minha alma teve enorme sede de conhecer melhor o Senhor. Não sendo estudiosa da Palavra, eu não compreendia muito bem a simplicidade de ser cheia do Espírito e de andar no Espírito como Deus ensinava.

Em 1967, um amigo deu-me um livro sobre o falar em línguas. Minha vida espiritual estava num período de maré baixa, e eu vivia buscando a Deus profundamente. Eu me tinha por salva, mas me parecia haver um vazio na alma.

Após a leitura do livro, passei a crer que era necessário falar em línguas para preencher o vazio espiritual. Durante seis anos busquei a experiência.

No ano de 1973, adoeci. O desejo de uma comunhão mais íntima com o Senhor e de contar com o poder de Deus sobre a minha vida ficou mais forte que nunca. Li vários livros sobre o dom de línguas [...] e comecei a tentar descobrir quem já tivesse tido a experiência.

Meu marido, pastor batista e estudioso da Palavra, explicava o ensino bíblico a esse respeito, mas eu estava convencida de que as línguas eram o maior e mais fidedigno indício da plenitude do Espírito.

Procurei um pastor batista renovado e recebi a imposição de mãos, o que ocasionou uma sensação por demais extasiante [...], sem dúvida sobrenatural. Jamais tivera sensação tão maravilhosa — diferente demais para ser meramente psicológica. Para mim, com certeza, ninguém jamais se sentira tão feliz, satisfeito e cheio de alegria.

Não passei a falar em línguas com a imposição de mãos, mas permaneci buscando. Dois meses depois, recebi o dom

juntamente com acontecimentos fora do comum.

A cada dia, uma experiência nova e maravilhosa. As orações eram atendidas milagrosamente, e sempre em nome de Jesus. Um dos maiores enganos são os espíritos do “outro Jesus”, os quais não confessam que Jesus Cristo é Salvador e Senhor (1 Jo 4.2; 2 Co 11.4).

Naquele momento, ninguém conseguiria levar-me a supor que Satanás pudesse estar por trás daqueles acontecimentos, embora a Palavra de Deus advirta que ele é “o príncipe da potestade do ar” (Ef 2.2).

Na semana em que recebi o dom de línguas, coisas estranhas ocorreram em meu corpo. A minha vontade não exercia controle algum sobre o que acontecia, e eu nada fazia que provocasse aquela situação.

Algumas manifestações eram lascivas, e a minha mente ficava por demais transtornada, uma vez que ocorriam depois de eu falar em línguas, as quais eu presumia proviessem do Espírito Santo.

O falar em línguas era uma novidade emocionante, e eu o usava com freqüência no princípio. Eu sabia que os acontecimentos físicos eram demoníacos, mas pensava que Satanás estaria tentando frustrar a maravilhosa experiência do Espírito Santo.

Eu estava jubilante com o dom de línguas, mas ao mesmo tempo ficava atormentada com o constante mal que predominava. Vez após vez recorri à ajuda de meus amigos renovados. Sempre me impunham as mãos e ordenavam que Satanás me deixasse em paz.

Embora as manifestações físicas nunca me abandonassem, durante vários dias fiquei liberta da opressão mental.

Busquei mais o dom de línguas, indo mais fundo na experiência, tentando livrar-me de Satanás. Quando terminava o gozo do “êxtase”, após cada experiência de falar em línguas, a presença do mal era mais reinante.

Muitas vezes parecia que todo o recinto estava repleto do mal.

Vários meses após ter recebido a experiência de falar em línguas e viver dia após dia entre alegria e infelicidade, uma voz mansa e delicada falou-me claramente, avisando que as línguas eram um meio de adoração a Satanás. Tendo estado

segura de que aquela obra era do Espírito Santo, fiquei horrorizada, embora já viesse suspeitando disso havia algum tempo.

Tendo cada vez mais a certeza de estar sendo controlada por Satanás, resolvi resistir-lhe. Seguiu-se um tormento indescritível. Eu ouvia vozes dizendo coisas as mais abomináveis que se possa imaginar.

Fui acometida por terríveis desconfianças para com meu marido e queridos amigos cristãos. Tive sonhos e pesadelos aterrorizantes. Vozes diziam-me que eu deveria morrer por ser corrupta e que Deus jamais me usaria então.

Às vezes, ficando desesperada com medo de perder o juízo e a vida, rendia-me às línguas que fluíam do meu interior. Ficava grandemente aliviada até que novamente impedisse que se manifestassem.

Muitas vezes clamei ao Senhor e reivindiquei o sangue de Cristo. Mas toda vez era lançada ao chão em grande tormento. Quatorze meses após ter recebido o dom de línguas, eu estava pronta para tirar-me a vida.

Num último grito de socorro, telefonei para um amigo muito querido, pastor batista, o qual sabia algo dessas obras satânicas entre o povo de Deus. Ele trabalhou e orou com meu marido e comigo durante quase três meses. Outros ministros oraram conosco, por vezes durante horas a fio.

No decorrer desse período, vimos o poder do Cristo ressurreto manifestar-se contra o inimigo de maneira espetacular.

Embora eu me houvesse aberto, por desobediência, à influência das forças maléficas de Satanás, o Senhor, com amor, continuou a desprender-me do laço do inimigo.

Foi uma longa viagem de regresso do mundo das trevas, no qual me envolvera tão profundamente, mas a graça do Senhor Jesus Cristo foi bastante para suprir toda necessidade.

Não estou aqui acusando nem condenando os que falam em línguas. Estou apenas atestando a verdade da minha experiência, que se deu em virtude de a minha mente ter sido corrompida, apartando-se da simplicidade que há em Cristo (2 Co 11.3).

Tenho muitos amigos e amados no movimento pentecostal-renovado, cujo desejo é servir ao Senhor Jesus Cristo. Muitos

deles pregam o verdadeiro evangelho da salvação. Alguns se tornaram muito queridos por mim nos momentos de grande pressão e com sinceridade desejaram ajudar-me e transmitir-me coragem.⁴

Esse relato apresenta um dos lados do perigo. Há ainda outro. O intelectualismo morto, frio e antibíblico em relação à pessoa e à obra do Espírito Santo permite que Satanás leve igual vantagem sobre nós. O chamado “cristianismo tradicional” tem sido alvo de críticas nos últimos anos. Quando o culto religioso restringe-se a uma cerimônia impessoal e sem vida, não é de admirar que as pessoas busquem noutro lugar a alegria para as suas vidas. O programa de Satanás parece muito atraente em contraposição ao institucionalismo insípido de que geralmente se constitui o culto de nossos dias.

UMA PERSPECTIVA EQUILIBRADA DO ENCHIMENTO DO ESPÍRITO

Praticamente todos os graves equívocos que têm dividido e atrapalhado a igreja estão de alguma forma relacionados à falta de equilíbrio. Há muitas verdades visivelmente paradoxais nas Escrituras que exigem uma compreensão equilibrada. A soberania de Deus e o livre arbítrio do homem são um exemplo que vem bem a propósito. A predestinação e a doutrina da eleição são verdades doutrinárias sensacionais. Contudo, se fecharmos os olhos ao ensino bíblico sobre a oportunidade de escolha e a responsabilidade pela decisão que tem o homem, fatalmente estaremos em apuros. A Palavra de Deus frisa ambos os ensinamentos na mesma proporção.

O equilíbrio é a solução para reconhecemos a obra que o Espírito Santo efetua a fim de garantir a vitória. O ministério do Espírito Santo em favor do crente, conforme consta na Palavra de Deus, tem pelo menos sete aspectos. É necessário equilíbrio para manter esses ministérios na devida perspectiva. O destaque exacerbado a um dos ministérios do Espírito em detrimento de outros começa a arruinar o equilíbrio. O inimigo leva-nos a inquietar-nos de antemão

⁴Merrill F. UNGER, *What Demons Can Do to Saints*, pp. 81-84.

com tangentes que nos tomam o tempo e nos distraem do todo. À medida que diariamente nos apropriamos do poder do Espírito Santo, é útil ter em mente os sete ministérios exclusivos do Espírito.

O ESPÍRITO MINISTRA CONVENCENDO

Mas eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado (Jo 16.7-11).

O ministério de convencimento do Espírito Santo manifesta-se sobretudo antes de tomarmos conhecimento de Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador. “Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia”, disse o Senhor Jesus aos judeus murmuradores, em João 6.44. O Pai celeste atrai-nos mediante Seu Santo Espírito, convencendo-nos de nosso pecado, da justiça de Deus e da inevitabilidade do juízo vindouro. Embora só tivesse oito anos quando me converti a Cristo, a obra de convencimento do Espírito Santo permanece viva em minha lembrança. Eu sabia que era pecador e precisava ser salvo. No dia de Pentecoste, depois da descida do Espírito Santo e da pregação de Pedro, o convencimento do Espírito Santo fez-se presente com poder. “Ouvindo eles estas cousas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?” (At 2.37).

O Espírito Santo toma a Palavra de Deus e aplica-a ao coração do homem. A culpa pelo pecado, a justiça de Deus e a responsabilidade merecedora de juízo são produzidas pelo Espírito Santo no coração do homem. É assim que os incrédulos passam a conhecer Cristo como Senhor e Salvador. Esse ministério do Espírito ocorre constantemente em nosso mundo.

Há um sentido no qual o Espírito Santo também convence o crente, caso tenha pecados inconfessos em sua vida. Trata-se, contudo, de outro gênero de convencimento. É como um apelo amoroso e

insistente de nosso Pai celeste para com Seus filhos. Não se ocupa do juízo e da ira, mas sim da comunhão rompida e da necessidade de reatar o relacionamento (1 Jo 1 e Hb 12.1-13).

Infelizmente, muito do suposto convencimento de erro na vida do crente trata-se na verdade de culpa infundada, lançada sobre ele pelo “acusador de nossos irmãos”. Apocalipse 12 antevê aquele dia em que “foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia, e de noite, diante do nosso Deus. Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12.10, 11).

Precisamos compreender a obra do reino de Satanás; caso contrário, poderemos tragicamente atribuir ao Espírito Santo o que na realidade constitui obra de Satanás. Poucos crentes livram-se dos expedientes astutos empregados por Satanás para fazer com que se achem cobertos de culpa e autocondenação. Ele e seus cooperadores procuram com acusações destruir no crente a sensação de dignidade conferida por Deus. “Olhe para você”, insultam. “Você alega ser cristão, mas sente ódio de Deus e da Sua Palavra. Que espécie de cristão é você? Você merece ser condenado ao inferno.” Pensamentos assim devem ser identificados como obra de Satanás. O Espírito Santo não trata o crente dessa forma. Bem pode chamar-nos a atenção para um ato de desobediência, mas apenas para nos fazer ver o perdão e a purificação disponíveis mediante o sangue de Cristo. Seu objetivo é reintegrar-nos e assegurar-nos do amor, do perdão e da comunhão refeita com Deus.

Nunca é possível alertar o bastante sobre a importância de discernir entre a obra de amor do Espírito Santo para com os crentes e as atividades acusatórias e destrutivas de Satanás. Examine o paralelo seguinte:

A Obra do Espírito Santo

A Obra de Satanás

1. Procura mostrar-lhe que a importância e o valor infinitos que você tem para Deus fazem-no desejar estar em comunhão com você.
2. Procura mostrar-lhe que há disponibilidade de perdão e reintegração independentemente da gravidade do seu pecado.
3. Usa a Palavra de Deus para dar-lhe esperança e certeza do amor e do perdão de Deus.
4. Firma a fé, a esperança e o amor em seu coração, aumentando a sua confiança e certeza de salvação.

1. Procura convencê-lo de que você é tão perverso que Deus não Se interessa por nenhum envolvimento com você.
2. Procura convencê-lo de que não há perdão para você. Você cometeu o pecado imperdoável.
3. Usa a Palavra de Deus, fora de contexto, para convencê-lo de que não lhe resta esperança.
4. Provoca desespero, dúvida, ressentimento e ira em relação a Deus, Sua Palavra e Seu povo. Você passa a achar que ninguém tão perverso quanto você possa de fato ser salvo.

A culpa infundada é uma das enfermidades que mais comumente atacam os crentes de hoje. A libertação de uma culpa assim é formidável e dá-nos uma sensação de liberdade. “O senhor nem imagina, pastor, como a minha vida mudou depois que me livrei da culpa sem fundamento. Desde minha conversão fui perseguido pela consciência dos desejos pecaminosos da minha velha natureza. Eu me sentia tão culpado e condenado quando tinha esses desejos. Hoje entendo que eles são apenas a representação da minha velha natureza pecaminosa, conforme Deus a descreveu. Agora consigo rejeitar os desejos e poucas vezes tenho aquela culpa destruidora, paralisante e autocondenatória. Se volta, sei como combatê-la.” Um engenheiro cristão não há muito compartilhou comigo esse testemunho. É o tipo de testemunho que o Espírito Santo quer conceder a cada crente.

O ESPÍRITO MINISTRA HABITANDO

“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato *o Espírito de Deus habita em vós*. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9; o grifo é nosso).

Esse texto deixa claro que o Espírito Santo passa a habitar no crente quando este é salvo. João 3.6 afirma: “O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito”. O Espírito Santo, na hora do novo nascimento, passa a habitar no espírito do crente. Está de fato presente, é um habitante do corpo do crente. “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1 Co 6.19).

A compreensão dessa verdade deve evitar que nos enquadremos em alguns dos exageros do cenário religioso de nossos dias. Não precisamos mais ainda do Espírito Santo. Ele vive, habita exatamente em nosso ser. Resta-nos identificar Sua presença e receber em nós Sua pessoa e obra. Não precisamos ainda mais dEle; Ele sim precisa ainda mais de nós. Diariamente devemos-nos entregar à Sua pessoa e à Sua obra em nós. D. L. Moody não desejava o Espírito Santo, mas sim Seu poder, Sua unção para o serviço. Estudaremos mais a esse respeito, ao examinarmos o ministério de enchimento do Espírito Santo.

O nosso sucesso enquanto cristãos depende em muito de identificarmos e apropriar-nos da habitação do Espírito Santo. Por habitar em nós, podemos pedir-Lhe que diariamente faça brotar em nós o fruto do Espírito. “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei” (Gl 5.22, 23). Para que esse fruto brote, não há necessidade de uma superexperiência nova com o Espírito Santo. É uma questão de exercitar a fé diariamente. Quando a velha natureza tenta dominar, levando-nos a manifestar algumas de suas formas apresentadas em Gálatas 5.19-21, temos por dever declarar-nos mortos para o seu domínio e em seguida pedir que o Espírito Santo faça brotar em nós Sua obra frutífera.

É também porque o Espírito Santo habita em nós que podemos estar certos de que entenderemos a Palavra de Deus quando a lermos

e estudarmos. No entanto, conforme está escrito:

Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.

Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito, porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? assim também as cousas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente (1 Co 2.9-12).

A esse aspecto do Espírito Santo em favor do crente dá-se em geral o nome de iluminação. Quando contamos com a presença do Espírito de Deus ao estudar a Bíblia, Ele nos fará compreender a verdade nela contida. Eis por que, ao estudar ou memorizar a verdade de Deus, é tão importante pedir que o Espírito Santo a torne clara.

Podemos tirar muito proveito da obra de habitação do Espírito Santo. Ele pode santificar-nos, fazer-nos crescer na graça, dar-nos Sua paz e capacitar-nos para exercitar o amor. Por meio de Sua presença habitando em nós, Ele distribui os dons espirituais que quer que cada crente possua (Rm 12.1-8; 1 Co 12; Ef 4.7-13).

O ESPÍRITO MINISTRA BATIZANDO

Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito (1 Co 12.12, 13).

Diversos ramos eclesiásticos em geral divergem quanto à doutrina do batismo “no Espírito Santo”, ou “com o Espírito Santo”, ou “pelo Espírito Santo”. Alguns insistem em que essa obra se dá após a salvação e que a ela segue-se o falar em línguas. Em 1

Coríntios 12.13 classifica-se o batismo do Espírito como uma obra do Espírito Santo que introduz todos os crentes no corpo de Cristo. O Seu corpo é explicado em Efésios 5.22, 23 como a Sua Igreja. O Espírito Santo batiza todo crente no momento em que se converte e entra para o corpo de Cristo, que compreende todos os crentes verdadeiros. Exatamente como a profissão de fé e o batismo com água parecem ter sido as duas exigências para que alguém fosse admitido na *igreja local* do Novo Testamento, o novo nascimento, seguido do batismo do Espírito Santo, é o meio pelo qual Deus nos introduz no corpo de Cristo. Embora seja bem possível que à nossa conversão sigam-se sentimentos de alegria, no batismo do Espírito Santo não precisamos necessariamente sentir-nos como “no céu”. Tal como a justificação, ele ocorre independentemente do que se está sentindo. É um tremendo alívio compreender claramente que não há necessidade de eu buscar, gemer e lutar para ser batizado pelo Espírito Santo. Essa obra do Espírito Santo une-nos ao Senhor Jesus Cristo e aos demais crentes logo que cremos.

O ESPÍRITO MINISTRA SELANDO

... em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória (Ef 1.13, 14).

E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção (Ef 4.30).

Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações (2 Co 1.21, 22).

Esses textos deixam claro que Deus é quem sela, independentemente de qualquer empreendimento ou empenho de nossa parte. Somos selados para Deus no momento em que somos salvos.

O ser selado pelo Espírito Santo garante-lhe a obtenção e a certeza da vida eterna. Satanás e seu reino desafiarão incessantemente a sua certeza de salvação. Ele sustentará que você não é bom o bastante para conseguir chegar ao céu. Que alívio indescritível saber

que é Deus quem põe o selo de propriedade, e como devemos louvá-lo sempre por isso! É o Espírito Santo quem nos sela para o dia da redenção, garantindo o que está por vir. A garantia do crente concentra-se na Trindade como um todo. O Pai segura-nos nas mãos: “Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatá-lo” (Jo 10.29); o Filho protege-nos: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.27, 28) e o Espírito Santo sela cada crente (Ef 1.13; 4.30).

Do meu ponto de vista, a garantia do crente é uma das doutrinas bíblicas mais importantes. Se entendermos a nossa garantia profundamente escondida em nossa fé, nem mesmo o próprio Satanás conseguirá fazer-nos duvidar.

O ESPÍRITO MINISTRA VIVIFICANDO

Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita (Rm 8.11).

Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos... (Ef 2.4, 5).

Vivificar significa dar vida aos mortos. O Espírito Santo fez isso pelos crentes. “Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência...” (Ef 2.1, 2). Esse texto torna claro que, antes de Deus dar-nos vida espiritual mediante a obra vivificadora do Espírito Santo, o príncipe da potestade do ar, Satanás, exercia enorme controle sobre nós. Após o Espírito Santo dar-nos vida na qualidade de crentes, fomos libertos do domínio de Satanás.

A obra vivificadora do Espírito Santo tem três fases. O Espírito Santo vivificou-nos e deu-nos vida espiritual no primeiro momento em que cremos. Estamos sendo vivificados à medida que andamos

diariamente no Espírito e vivenciamos Sua obra avivadora (Gl 5.16-26). Ainda seremos vivificados na vinda do Senhor, quando o Espírito Santo executará em nossos corpos mortais a obra de incorruptibilidade (Rm 8.11; veja também 1 Co 15.42-58; Fp 3.21; 1 Ts 4.13-18).

Os nossos corpos necessitam do poder vivificante do Espírito Santo para que estejam prontos para desfrutar da glória do céu. Em Romanos 6, o apóstolo Paulo chama ao corpo de “o corpo do pecado”. “... sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o *corpo do pecado* seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos... (Rm 6.6, 7; o grifo é nosso). Versículos como esses parecem dar a entender que a velha natureza ainda tem a possibilidade de exercer controle sobre nós por meio de nossos corpos mortais, os quais ainda não foram vivificados e glorificados. O corpo encaminha-se para a morte; ela lhe é inevitável, mas um dia ele será vivificado pelo Espírito Santo no poder da ressurreição. Então teremos corpos glorificados e imortais como o que teve Jesus quando ressurgiu dentre os mortos. “Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que Ele tem de até subordinar a si todas as cousas” (Fp 3.20, 21).

O ESPÍRITO MINISTRA INTERCEDENDO

Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos (Rm 8.26, 27).

... com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos... (Ef 6.18).

Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo... (Jd 20).

Esses textos lembram-nos de que somos ajudados em nossas orações. O Espírito Santo capacita-nos a “orar no Espírito”. Isso quer

dizer que Ele fica ao nosso lado e ajuda-nos a formular as nossas orações. Significa também que Ele ora por nós quando talvez não digamos absolutamente nada, mas confiamos que Ele conduzirá os nossos pedidos ao trono da graça com fortes gemidos.

Por certo todo crente já sentiu a fraqueza humana de que todos partilhamos, uma fraqueza que pode dificultar a oração. Há vezes em que, se aguardarmos no Espírito Santo, Ele desembaraçará a nossa mente e os nossos lábios para exprimirmos a Deus os nossos anseios. Noutras vezes, pode ser que simplesmente ajoelhemo-nos diante do Senhor sem dizer uma palavra, sabendo que o Espírito Santo está levando a Deus os nossos pedidos.

Não é correto dizer que para “orar no Espírito” é necessário fazer uso de uma língua estranha. Paulo deixa claro em 1 Coríntios 14.13-17 que orar no Espírito não exclui o uso da mente. As orações de Paulo pelos efésios (Ef 1.15-22; 3.14-19) e pelos crentes de Colossos e Filipos eram orações no Espírito. Orar no Espírito significa apenas que estamos sendo capacitados pelo controle do Espírito Santo a orar em conformidade com a Sua Palavra e a Sua vontade. Ele nos possibilita orar e interceder como não conseguiríamos não fosse Sua ajuda.

O ESPÍRITO MINISTRA ENCHENDO

Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus (At 4.31).

Por esta razão não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito... (Ef 5.17, 18).

O encher-se do Espírito permite que o Espírito Santo realize aquilo por que entrou em nossa vida. Enchendo-se do Espírito Santo, o crente é cada vez mais fortalecido para ser vitorioso sobre o mundo, a carne e o diabo. Em consequência do enchimento do Espírito, a nossa vida apresentará aquilo a que Paulo chamou de “o fruto do Espírito” — as virtudes que caracterizaram a vida de nosso Senhor Jesus Cristo quando esteve na terra. O enchimento do Espírito Santo

fornece-nos poder para trabalhar e possibilita-nos exercitar os nossos dons espirituais.

Importante é que, ao buscar a nossa força na “força do Seu poder”, mantenhamo-nos equilibrados, vendo toda a esfera de ação da pessoa e da obra do Espírito Santo.

OS BENEFÍCIOS DO ENCHIMENTO DO ESPÍRITO

O encher-se do Espírito Santo resulta em muitos benefícios para o caminhar do crente.

BENEFÍCIO INTERIOR

“E não vos embriagueis com vinho [...], mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais...” (Ef 5.18, 19).

Essas palavras insinuam alguns benefícios maravilhosos, interiores e muito humanos para o crente que está vivenciando o enchimento do Espírito Santo. Os comentaristas da Bíblia muitas vezes chamaram a atenção para a diferença que há entre ser cheio do Espírito e estar embriagado. Não apenas a diferença é inequivocamente estabelecida em Efésios 5.18, mas também o primeiro enchimento do Espírito Santo, registrado em Atos 2, foi mal interpretado como estado de embriaguez. “Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!” (At 2.13). Pedro reagiu à má interpretação deles, dizendo: “Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia. Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne...” (At 2.15-17).

Aí se encontra uma promessa maravilhosa para os que vêm procurando seus “estímulos” por meio do álcool e das drogas. As viagens da embriaguez e das drogas são experiências ilusórias. Produzem uma falsa euforia muito fora da realidade. O ébrio submete-se à ação de uma força que o deixa livre das inibições; os problemas parecem não mais existir; adquire uma coragem que às vezes o faz

pensar que pode “surrar” todos em casa. O trágico é que a euforia é apenas temporária. Em geral desperta de suas “viagens” para descobrir que os problemas aumentaram. Talvez tenha sido detido por dirigir alcoolizado ou a esposa o tenha abandonado. Paulo adverte que a euforia causada pelo álcool acarreta dissolução.

Os crentes têm uma opção que satisfaz e não é ilusória. É verdadeira. A opção é o enchimento do Espírito Santo. Quando é Ele quem está no comando, predominam os benefícios interiores do amor, da alegria e da paz (Gl 5.22). Conforme demonstra Efésios 5.19, o crente cheio do Espírito pode entoar e louvar ao Senhor de coração. O resultado é uma serenidade interior que proporciona alívio mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Certa vez, para uma intervenção cirúrgica, ministraram-me uma fórmula de sódio pentotal como anestésico. Imediatamente entrei em estado de inconsciência, mas enquanto estive na sala de recuperação, senti a traiçoeira euforia que alguns buscam por meio das drogas ou do álcool. Sob o efeito do medicamento, a minha mente e as minhas emoções entraram num alto grau de êxtase. Senti-me tão completo, tão em paz, que parecia estar flutuando no próprio paraíso. À medida que as horas se passavam, no entanto, a euforia foi dando lugar a uma sensação de dor e mal-estar, resultantes da cirurgia. A euforia não era verdadeira; estava apenas disfarçando a verdadeira dor. No entanto, quanto mais consciente eu me tornava, mais tranquilo e em paz sentia-me no Senhor. Muitos tinham orado por mim, e o Espírito Santo encheu-me de uma serenidade e de uma alegria que não eliminaram a dor mas estavam lá no meio dela. Esse benefício interior não necessita de outra fonte senão o próprio Espírito Santo.

BENEFÍCIO ASCENDENTE

“... entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo...” (Ef 5.19, 20).

O encher-se do Espírito Santo faz brotar uma adoração de júbilo. Para obedecer a essas palavras precisamos ser cheios do Espírito Santo. A música de louvor e gratidão ao Pai celeste flui com naturalidade do coração daquele que está cheio do Espírito. Quando

o louvor, a adoração e a gratidão não nos são familiares, é possível que necessitemos de um novo enchimento do Espírito Santo.

Quando pastoreava em Chicago, duas igrejas de Pekin, no estado de Illinois, passaram por um pequeno avivamento. Ralph e Lou Sutura, que haviam dado início aos despertamentos ocorridos em Regina, Saskatchewan, no começo da década de 70, estavam realizando campanhas lá. Durante as reuniões, uma igreja ficara tão lotada, que tiveram de mudar-se para um prédio maior. As campanhas duraram várias semanas e agiram dramaticamente sobre a vida de centenas de crentes, levando muitos a Cristo.

Ao saber do que Deus estava realizando, minha mulher e eu resolvemos ver aquilo de perto. Participar de uma tão poderosa visitação do Espírito Santo foi uma experiência inigualável. À medida que os crentes se acertavam uns com os outros e com seu Senhor, sentiam que o Espírito os estava enchendo novamente. Jamais nos esqueceremos dos cânticos, dos louvores ao Senhor, da alegria e do caráter aparentemente interminável daquela noite. O culto durou quase quatro horas, mas quando terminou as pessoas ainda permaneceram. Não queriam ir embora. Esse avivamento ajuda a exemplificar o benefício ascendente do ministério de enchimento do espírito. Possibilita que o louvor, a ação de graças e a adoração fluam sem empecilhos.

BENEFÍCIO EXTERIOR

A ordem em Efésios de sermos cheios do Espírito Santo encontra-se imediatamente antes dos versículos que tratam das relações interpessoais. Os relacionamentos entre marido e mulher, filhos e pais e empregados e patrões, estabelecidos em Efésios 5.21-6.9, somente são possíveis mediante o encher-se do Espírito Santo. Este tem o poder de possibilitar que o ser humano dê mostras de um coração de servo que tornará as relações no lar, com a família e no trabalho harmoniosas e que exaltarão a Cristo. A vida cheia do Espírito também fará com que o crente não hesite em reivindicar a vitória sobre Satanás e seu reino (Ef 6.10-18). Nos capítulos que seguem estudaremos mais pormenorizadamente o assunto.

OS PONTOS FUNDAMENTAIS DO ENCHER-SE DO ESPÍRITO

“... enchei-vos do Espírito...” (Ef 5.18).

Quais as exigências fundamentais para a condição espiritual a que a Bíblia dá o nome de “cheio do Espírito”? Que devo fazer para obtê-la? De que forma posso ter a plenitude do Espírito, a qual está à minha disposição, é benéfica e exalta a Cristo?

A Palavra de Deus apresenta uma fórmula simples. Não estamos falando de uma posição disponível somente aos “supersantos”. É do propósito de Deus que a plenitude do Espírito faça parte do viver diário e normal de todo crente. Que é preciso para se conhecer essa perspectiva de vida invencível?

REGENERAÇÃO — O NASCER DE NOVO (JO 3.1-16)

Parece sensato que se frise esse ponto fundamental. Pode haver quem esteja lendo este texto e nunca tenha nascido do alto. Se você morresse, estivesse diante de Deus, e Ele lhe perguntasse: “Por que haveria eu de te deixar entrar no Meu céu?”, você saberia o que responder? A salvação — vida eterna — é o dom gratuito de Deus para ser recebido como propriedade pessoal. Passa a ser sua no momento em que você, pela fé, estende a mão e reivindica a obra consumada do Senhor Jesus Cristo como pagamento de seus pecados.

“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.11-13).

Há pouco tempo visitei um empresário que aceitara Cristo como Salvador havia pouco mais de um mês. Ronaldo e a família freqüentavam a nossa igreja, embora ele não fosse crente. A igreja orara e trabalhara muito para ganhá-lo para Cristo. A esposa havia sete anos vinha orando pela salvação dele.

Quando planejaram mudar-se para outro estado, convidamos a família para um jantar de despedida em nossa casa. Ao longo do período em que lá estiveram, tive oportunidade de conversar a sós

com Ronaldo. Conte-lhe que muitos de seus amigos tinham a esperança de que, antes de mudar-se, ele pudesse conhecer Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Isso deu margem para que conversássemos sobre as coisas eternas, e, em questão de minutos, Ronaldo estava orando e convidando Jesus para entrar em sua vida e ser seu Salvador e Senhor.

A transformação foi imediata e radical. Sem perda de tempo, compartilhou com a esposa, que estava noutra dependência da casa, a alegria da nova vida. No domingo seguinte, na escola dominical, comentou que aquilo era como se alguém houvesse acabado de acender a luz. Pela primeira vez conseguia ouvir a verdade espiritual e compreender o que se dizia. Uma visita que lhe fiz recentemente comprovou que continuava a crescer. Ocorrera a regeneração. “E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5.17).

Fui mais uma vez lembrado de que verdadeira transformação significa aceitar a Cristo e deixar que o Espírito entre em nossa vida. Esse é o começo de toda a vitória espiritual. Se algum leitor ainda não se definiu com respeito à sua salvação, deve fazê-lo já. O viver invencível jamais resulta do esforço próprio ou do começo de uma nova vida. Vitória é receber vida nova por meio da obra regeneradora do Espírito Santo.

ELIMINAÇÃO — ENTRISTECER O ESPÍRITO

“Não apagueis o Espírito” (1 Ts 5.19). “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.30).

Lewis Sperry Chafer, em sua obra *Systematic Theology* [Teologia Sistemática], dedica todo um volume à pessoa e à obra do Espírito Santo. Destina 65 páginas aos “Pré-requisitos para o Enchimento”. Praticamente todas as páginas são dispensadas a um estudo sobre como entristecemos e extinguimos o Espírito Santo. O Dr. Chafer conclui que o encher-se do Espírito impõe apenas três condições: 1) “Não extingais o Espírito” (1 Ts 5.19, ARC), 2) “... não entristeçais o Espírito de Deus...” (Ef 4.30) e 3) “... Andai no Espírito... (Gl 5.16).

Entristecer o Espírito resulta dos pecados não confessados na vida do crente. Vemo-nos, então, diante de dois problemas: como podemos deixar de pecar e como, depois de pecar, aplicamos a vitória sobre o pecado, com a qual Deus nos supre? O Espírito Santo está presente para ajudar-nos nesses dois problemas que requerem muita atenção. Se não utilizarmos a Sua pessoa e obra para resolver o problema do pecado, nós O entristeceremos. Quando Ele está entristecido, não experimentamos a vitória e a alegria de Seu enchimento. É de importância vital que lidemos com o problema do pecado, levando em conta a Palavra de Deus. O que entristece o Espírito Santo é imediatamente retirado quando um coração contrito confessa o seu pecado. O segredo é estar sempre acertando as contas com Deus. No momento em que o crente se apercebe de qualquer entristecimento ou ofensa, precisa apurar a causa e aplicar o remédio.

DEDICAÇÃO — O ENTREGAR-SE A DEUS

Extinguir o Espírito diz respeito ao impedimento ou à rejeição da vontade de Deus na vida de alguém. O entregar-se ao plano de Deus permite que o enchimento do Espírito Santo torne-nos invencivelmente fortes. Ser invencíveis significa ter a capacidade e o poder de cumprir a vontade de Deus.

A dedicação implica total entrega ao propósito de Deus.

... nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurrectos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça. [...] Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza, e da maldade para a maldade, assim oferecei agora os vossos membros para servirem a justiça para a santificação (Rm 6.13, 19).

A obra do Espírito Santo é muito diferente daquela dos seres espirituais controlados por Satanás. Os espíritos maus buscam dominar a nossa vida por meio de ciladas (Ef 6.11) e forças espirituais (Ef 6.12). Satanás quer manipular-nos e obrigar-nos a executar seus

planos. O Espírito Santo não opera dessa forma. Ele respeita a nossa dignidade pessoal e docilmente tenta conseguir que nos mostremos sensíveis à vontade de Deus. Não está interessado em coagir-nos, mas deseja que reajamos espontaneamente. Não é por meio da própria força que realizamos a vontade de Deus, mas mediante a obra sobrenatural do Espírito Santo em nós. Devemos, no entanto, entregar-nos ao Espírito Santo, tendo por certo que Ele cumprirá a vontade de Deus em nós e por meio de nós. “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional (Rm 12.1).

Devemos entregar-nos ao Senhor e ao Seu plano em todas as experiências da vida, mesmo as difíceis e penosas.

Uma das histórias dolorosas do Antigo Testamento conta-nos da vez em que o rei Davi escapou com a família do motim armado por seu próprio filho Absalão (2 Sm 16). Quando Davi chegou a Baurim, um homem da família de Saul chamado Simei começou a atirar pedras contra o rei e seus servos. Ao arremessar as pedras, Simei também amaldiçoava a Davi. “... Fora daqui, fora, homem de sangue, homem de Belial; o SENHOR te deu agora a paga de todo o sangue da casa de Saul, cujo reino usurpaste, já o entregou nas mãos de teu filho Absalão; eis-te agora na tua desgraça, porque és homem de sangue” (2 Sm 16.7, 8).

Abisai, um dos soldados de Davi, pediu permissão para dar cabo àquela afronta: “... Deixa-me passar, e lhe tirarei a cabeça” (2 Sm 16.9).

A resposta de Davi à solicitação de Abisai poderia ser parafraseada desta forma: “Não lhe cause danos. Posso ouvir Deus nas palavras dele. O Senhor está falando comigo em todos esses acontecimentos”. Que lição sobre o entregar-se ao Senhor que todos deveríamos aprender! Mesmo num dos momentos mais difíceis da vida de Davi, ele reconheceu que Deus, em Sua soberania, queria usar a experiência para o bem de Davi e para a Sua glória.

Cada batalha que Satanás desencadeia contra nós encaixa-se de alguma forma no plano soberano de Deus. Mesmo rejeitando e resistindo ao objetivo que Satanás tem de atacar-nos, devemos entregar-nos às lições e ao propósito de Deus em permitir que

enfrentemos a batalha. Quem deixa de buscar o ensino do Senhor inevitavelmente prolonga a batalha. A entrega diz: “Senhor, estou ouvindo a Ti nesta batalha. Quero tirar proveito dela. Entrego-me àquilo que me estás ensinando”.

A CERTEZA NA ESPERA — O MANIFESTAR DA NOSSA FÉ

“Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (At 4.31).

Lewis Sperry Chafer escreve: “Orar pelo enchimento do Espírito constitui tremendo equívoco e revela o mal-entendido sobre as condições hoje existentes. O enchimento do Espírito não aguarda a influência da oração. Deus não fica retendo essa bênção até que consigamos convencê-lo do contrário ou até que se desfaça alguma relutância de Sua parte. Ele aguarda os ajustes humanos necessários”.⁵

Chafer chama atenção para o fato de que o enchimento do Espírito não resulta de empenho próprio em oração como parecem querer alguns. O enchimento do Espírito acontece em consequência da dádiva amorosa de Deus à disposição de todos os crentes, desde que efetuem “os ajustes humanos necessários”. No entanto, um espírito de fé e expectativa para com o Senhor é manifesto de forma apropriada em oração. A confissão e a entrega à vontade de Deus também devem ser manifestas em oração.

A passagem citada de Atos 4.31 dá mostra do importante papel que o enchimento do Espírito desempenhou naquele acontecimento especial na vida da igreja primitiva. É perfeitamente oportuno manifestar a nossa expectativa de que o Espírito Santo nos encha.

CONTINUAÇÃO — O ANDAR NO ESPÍRITO

“E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências”. “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não nos deixemos possuir de vanglória,

⁵Lewis Sperry CHAFER, *Pneumatology*, p. 232.

provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros” (Gl 5.24-26).

Andar no Espírito exige dependência dEle a todo instante. Cometemos um erro sério, quando pensamos andar no Espírito pelo próprio empenho como seres humanos. Precisamos manter uma postura de confiança e certeza de que Ele tornará real o andar no Espírito. “Andar no Espírito” significa depender inteiramente do Espírito, compreendendo com clareza que só Ele pode e irá guiar-nos e ajudar-nos.

Que prazer sente um pai ao ver o filhinho aprender a andar. É sempre um período de muita tentativa e erro. Há muitas quedas e fracassos no processo de aprender a andar, fisicamente falando. Contudo, uma vez dominada a técnica, andar torna-se um exercício automático.

Andar no Espírito dá-se de forma semelhante. A primeira vez que enxergamos a necessidade e temos o desejo de assim proceder, os passos podem parecer vacilantes e difíceis. Flagrar-nos-emos recorrendo ao esforço próprio na hora de servir ao Senhor. O esforço próprio desloca a graça. Todavia, quando caímos, há sempre o perdão e o privilégio de recomeçar. À medida que nos familiarizamos com o andar dirigido pelo Espírito, ver-nos-emos a todo instante dependendo do Espírito Santo em cada experiência.

Enquanto aprendemos a andar no Espírito, é excelente começar cada dia com uma oração de confiança, manifestando o nosso desejo de experimentar a direção e a capacitação do Espírito Santo a cada instante e em cada acontecimento do dia. É também útil fazer uma avaliação à noite, quando se medita em oração sobre o dia transcorrido. Apresente louvores e agradecimentos pelos sucessos que você detectar como decorrentes do andar no Espírito. Confesse e arrependa-se das vezes em que contou com o próprio esforço. Esse é um processo que o acompanhará enquanto viver. Andar no Espírito exige prática diária.

ORAÇÃO PELO ENCHIMENTO DO ESPÍRITO

Amado Pai celestial, achego-me a Ti mais uma vez por meio da pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo. Desejo cumprir a Tua vontade sendo invencivelmente forte, mediante o poder capacitador do Teu

Espírito Santo. Louvo-Te pela Tua bondade em providenciar o Espírito Santo para o meu bem e fortalecimento. Obrigado por aquele dia em que o Espírito convenceu-me da necessidade da Tua salvação. Louvo-te porque Ele possibilitou-me abrir o coração para o Senhor Jesus Cristo e para a Tua graça salvadora. Recebo a presença reinante do Espírito Santo. É com convicção que recebo a Sua paz, Seu consolo e Seu esclarecimento da minha mente, possibilitando-me compreender Tua Palavra. Alegro-me sobremaneira na certeza de Sua obra que me sela. Regozijo-me porque, por meio de Sua obra de batismo, o Espírito Santo introduziu-me no corpo de Cristo e uniu-me inseparavelmente a Ele. Louvo-Te o nome porque o Espírito deu-me vida espiritual e ainda vivificará o meu corpo no dia da ressurreição.

Ao orar, estou cada vez mais ciente da minha necessidade das intercessões do Espírito em mim, por mim e por meio de mim. Peço que me concedas o privilégio de orar no Espírito. Que meus pensamentos e palavras procedam dEle. Que Ele leve meus pedidos à Tua presença conforme o Seu perfeito entendimento da Tua vontade.

Reconheço o Teu plano e desejo de encher-me com o Teu Santo Espírito. Perdoa-me por entristecer o Espírito Santo com meu pecado. Capacita-me a apropriar-me totalmente da vitória que me concedeste de andar sobre o pecado e o fracasso. Concede-me sempre a consciência de meus pecados, para que eu os possa imediatamente confessar-Te. Não quero extinguir o Espírito Santo com alguma relutância em submeter-me totalmente à Tua vontade e ao Teu plano para a minha vida.

Ajuda-me, a cada instante, a ver aquilo que me estás ensinando a respeito de Ti e da Tua vontade para a minha vida. Meu desejo, decididamente, é andar no Espírito. Peço-Te que me enchas com o Seu poder, para que possas ser glorificado com a força invencível que me conferes para realizar a Tua vontade. Peço tudo isso em nome do Senhor Jesus Cristo e para a Tua glória. Amém.

CINCO

Toda a Armadura de Deus: o Cinturão da Verdade

*Portanto, estejam preparados. Usem a verdade
como cinturão...*
(Ef 6.14a, BLH).

Estava eu no restaurante de auto-serviço de uma escola cristã, quando uma jovem abordou-me com certa hesitação, indagando: "O senhor é o Pastor Mark Bubeck?". Ao responder que sim, começou a tirar de uma pilha de livros que trazia consigo um exemplar batido de *O Adversário*. Estava tão velho e surrado, que mal acreditei. "Ando com este livro pra cima e pra baixo", disse ela. "Não podia deixar de lhe agradecer por tê-lo escrito. Tem-me ajudado tremendamente."

Nem é necessário dizer que lhe dispensei toda a atenção. Pedi que me contasse sua história. Relatou que antes de sua conversão enredara-se profundamente no mundo oculto de sessões espíritas, cartomancia, quiromancia e bruxaria. Em virtude do domínio cruel de Satanás sobre sua vida, começou a sofrer grandemente, mas, por meio da providência amorosa de Deus, encontrou a única saída. Aceitou o Senhor Jesus Cristo como Salvador e nasceu de novo para a família de Deus. Ouviu a tempo o chamado para o trabalho cristão e estava

preparando-se na escola bíblica para a obra missionária.

Desde a conversão, mas sobretudo após iniciar o curso da escola bíblica, houve vezes em que vivenciou ataques martirizantes das forças das trevas que outrora a dominavam. Contou que quando sobrevinham tais ataques, eram tão veementes e repentinos que pareciam desarmá-la por completo. Faziam com que titubeasse com tanta dor e perturbação, que não conseguia pensar no que fazer ou dizer. Mas, quando cada ataque lhe sobrevinha, tinha a presença de espírito de recorrer a uma das orações doutrinárias contidas no *Adversário* e na mente verbalizá-la, ainda que não conseguisse lê-la em voz alta. Ao dirigir a oração doutrinária ao seu Senhor, conseguia, dirigindo-a também contra o ataque, anulá-lo. “Esses ataques estão ocorrendo cada vez menos”, contou. “Creio que logo, logo, tudo já terá passado.”

UM INIMIGO BRUTAL

Mais tarde, ao refletir sobre aquele conflito, só conseguia pensar com que propriedade aquele acontecimento demonstrava o ataque implacável e cruel de Satanás. É significativo que a primeira peça da armadura do crente seja “o cinturão da verdade” (BV). Satanás é um inimigo que está sempre pronto a “aplicar golpes baixos”. No pugilismo ou de fato em qualquer outro esporte, o senso de decência e jogo limpo declara ilegal aplicar golpes abaixo da cintura. Se por acaso um dos adversários chega a perder o fôlego devido a um golpe, isso justifica a suspensão do jogo ou mesmo penalidade contra aquele que causou o dano. A maioria de nós já perdemos o fôlego uma vez ou outra e lembramo-nos do quanto nos deixou impotentes por um instante. Somente o mais implacável adversário aplicaria de propósito um golpe baixo.

Esse é o tipo de adversário que temos. Satanás avança com o fito de atrair-nos. Eis por que tantos são aliciados para o mundo do espiritismo. Ele promete capacidade de conhecer o futuro, poderes especiais que outros não possuem, a faculdade de contatar um ente querido que já faleceu. O poder de atração das promessas de Satanás é um dos motivos por que se compram livros e revistas de ocultismo, revistas pornográficas e livros pseudo-religiosos repletos da “doutrina

dos demônios”. Satanás torna-os atraentes, mas quando consegue que você vá a seu encontro, você começa a perceber quão cruel ele é. O “caminho dos perversos é intransitável” (Pv 13.15). “... a que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta” (1 Tm 5.6).

Os crentes precisam saber que têm um inimigo implacável que aplica golpes baixos. Ele fará todo o possível para fazê-lo dobrar-se e depois esmagar-lhe a cabeça com golpes destruidores. Se há algo que Deus tenha ensinado sobre o combate espiritual, é que Satanás é extremamente implacável e cruel. Muitos dos que se envolvem profundamente com o oculto, quando sobrevivem, começam a buscar uma saída simplesmente porque o sofrimento é tão grande que não podem mais suportá-lo.

Recebi um telefonema de uma jovem senhora que estava passando por sofrimentos emocionais e físicos muito intensos. Ela era mórmon de formação e mais tarde deixou-se envolver pelo ocultismo. Tinha usado com frequência a mesa de *ouija*, mas quando recebia respostas divergentes em momentos distintos, buscava o conselho de uma quiromante que a ajudasse a achar a solução de seus problemas.

A princípio, a quiromante recusou-se a ler-lhe a mão. Mas por fim concordou em ler as cartas de tarô e passou a mostrar o futuro da moça. Subitamente, a quiromante interrompeu no meio as atividades, pôs de lado as cartas e disse: “Você não devia estar fazendo isso”. Então virou-se, tirou da estante um exemplar de *O Adversário* e deu-o à moça. “Você precisa ler esse livro aqui”, disse. “Você está-se metendo com problemas que nem imagina.”

Por causa daquela reação, a jovem mais tarde me contatou. Não se pode saber com certeza o motivo por que aquela quiromante possuía um exemplar de um livro desses. É provável que ela mesma estivesse passando por tormentos da alma. Quem sabe um crente lhe tivesse fornecido um exemplar para ajudá-la a encontrar uma saída.

Muitos dos que passam a ser dominados por Satanás acham absolutamente implacável, em sua intensidade, o sofrimento por que passam. Se ele submete a sofrimentos assim os próprios seguidores, quão mais implacável não há de ser contra os que pertencem a Cristo, uma vez desprotegidos? Irá destruí-los, se possível.

Como diria Martinho Lutero em seus hinos: “Com artimanhas tais/ E astúcias tão cruéis,/ que iguais não há na terra...”. Um dos

segredos da astúcia de Satanás é o modo hábil pelo qual faz uso da mentira. Ao falar do extermínio do diabo, Apocalipse 20.10 declara: “O diabo, *o sedutor deles*, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta...” (o grifo é nosso).

A tática fundamental da estratégia de Satanás é enganar a humanidade. O Senhor Jesus confirmou isso em João 8.44, quando, ao repreender os fariseus descrentes, afirmou: “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”.

Sempre que nos achamos sob o ataque de Satanás, podemos estar certos de que a mentira está presente em algum lugar. Talvez tenhamos sido enganados e acreditemos em algo que não seja verdade. Muitas vezes é isso que acontece. Os rugidos de Satanás convencem os crentes de que são vulneráveis em vez de vitoriosos; assim acabam por temer e duvidar de sua posição de invencivelmente fortes por meio da união com Cristo. Acreditam na mentira de Satanás, e é assim que ele ganha mais terreno contra eles.

Não há arma mais importante que a verdade. Devemos pedir diariamente que o Senhor nos mostre sempre que estivermos sendo enganados pelas mentiras de Satanás. É também vital pedir-Lhe que nos ajude a falar e viver a verdade. Ao advertir-nos de não dar lugar ao diabo em nossa vida, o apóstolo Paulo também nos admoesta: “Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros” (Ef 4.5).

Ao contrário do que a maioria de nós gostaríamos de admitir, o pecado da mentira é bastante comum entre os crentes. Pode ser algo muito sutil. Afirmações enganosas, tentativas intencionais de passar uma impressão errada, meias verdades, mentiras ditas “inofensivas”, bem como mentiras deslavadas, tudo constitui parte da tática de Satanás para avançar contra nós.

Durante anos, um cristão consagrado lutara sem sucesso contra o pecado da mentira. Às vezes contava mentiras inconseqüentes em sua conversa habitual, enfeitando as histórias para que soassem melhor. Vez por outra contava invencionices como se fossem

acontecimentos verídicos, para tornar mais interessante a conversa. Depois, sentia-se culpado e pedia o perdão do Senhor, mas, dadas as circunstâncias, era geralmente impossível voltar atrás e consertar com as pessoas as suas mentiras. Havia-se tornado um hábito tão inveterado, que voltava a praticá-lo mesmo antes de perceber o que estava fazendo. Por fim, tentando a todo custo livrar-se desse hábito pecaminoso, começou a pedir que o Senhor o ajudasse a perceber, mesmo antes, quando estivesse a ponto de mentir. O Senhor ouviu-lhe a oração, e, passo a passo, ele pôde abandonar o hábito e falar somente a verdade. Foi uma alegria para o seu coração livrar-se da mentira. Nessa vitória, impediu que o diabo avançasse com poder. Muitos de nós podem encontrar um pouco de si mesmos na experiência desse homem. É a verdade revelada de Deus que derrota a Satanás, mas dar lugar ao engano de qualquer sorte permite que o inimigo leve vantagem sobre nós.

OS QUATRO FUNDAMENTOS DA VERDADE

A Palavra de Deus apresenta quatro grandes fundamentos da verdade, os quais formam o cinturão da verdade.

Em primeiro lugar, o Senhor Jesus Cristo é a Personificação da Verdade.

Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a *verdade*, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo 14.6; o grifo é nosso).

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de *verdade*, e vimos sua glória, glória como do unigênito do Pai (Jo 1.14; o grifo é nosso).

Jesus Cristo é a própria manifestação da verdade absoluta. Ele é a nossa proteção básica e total contra o domínio de Satanás e seu reino. Ao alertar os crentes romanos que evitassem as armadilhas pecaminosas do mundo, da carne e do diabo, o apóstolo Paulo insistiu em Romanos 13.14: "... mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo...".

À medida que estudarmos a armadura de Deus, não será surpresa ver que cada peça está intimamente relacionada à pessoa e à obra de Cristo. Ao vestir a armadura, estamos na realidade protegendo-nos por meio do Senhor Jesus Cristo.

Antes de converter-se, João caíra em cheio na armadilha das drogas. Depois se envolvera com o misticismo oriental. Mediante o testemunho paciente e amoroso de um dos amigos que se tornara cristão, com tremenda dificuldade veio a conhecer Cristo como Salvador e Senhor. Aqueles que se enredam nas profundezas do reino de Satanás dificilmente ficam libertos o bastante até para compreender o caminho da salvação. Sua conversão foi um exemplo da amorosa graça de Deus.

Depois de sua conversão, Satanás, como de praxe, acometia-lhe com ataques físicos e emocionais esmagadores. Nesses ataques ficava praticamente paralisado da cabeça aos pés. Quando já não podia mexer-se ou falar, Satanás atormentava-o com pensamentos assim: “Você nos pertence. Vamos matá-lo. Você nunca vai ser livre. Nunca vai poder trabalhar. É melhor desistir. Veja como temos poder. Essa nova fé nunca vai adiantar para você”. A perturbação continuava até que ficasse inconsciente.

Não obtinha vitória enquanto não começasse a contra-atacar mediante o pensamento. Mesmo sem poder falar ou mexer-se, ainda podia pensar. Destemidamente punha-se a nutrir os seguintes pensamentos: *Revisto-me do Senhor Jesus Cristo. Ele é a verdade. Satanás, és um mentiroso. Em nome do Senhor Jesus Cristo, ordeno que deixes o meu corpo. Entrego o meu corpo somente ao controle do Senhor Jesus Cristo e revisto-me da proteção de Seu precioso sangue.* Ao usar a verdade contra o inimigo, podia sempre anular o poder de ataque e em seguida livrar-se do ataque imediato. O uso da verdade protegia-o e libertava-o.

Uma situação assim adversa faz-nos lembrar que mesmo os mais poderosos ataques de Satanás não são páreo para Aquele que é a verdade. Ainda assim, o cinturão da verdade deve ser usado por cada crente, num ato próprio de determinação. D. M. Lloyd-Jones afirma isso da seguinte maneira:

*A Versão Revista e Corrigida*¹ nesse caso poderia ser mais precisa; é desnorteante no sentido de que se expressa de modo passivo em vez de ativo. No lugar de “Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade”, como se alguém tivesse de fazê-lo por você, seria melhor tradução: “Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade” (ARA). Noutras palavras, somos nós quem deve fazê-lo. O cinturão não nos é vestido, nós temos de vesti-lo; e devemos colocá-lo firmemente na posição exata.²

Devemo-nos apropriar subjetivamente da verdade objetiva. Por isso o jovem antes mencionado, quando sob violentos ataques, tinha de agir de forma destemida com a mente, a fim de reivindicar sua vitória e utilizá-la. Para sermos vitoriosos na batalha, precisamos agir. Não podemos ficar passivos, esperando que outra pessoa aja por nós.

A Palavra de Deus é a palavra da verdade. Um dos argumentos em favor da infalibilidade da Escritura é a própria alegação que ela faz de ser a “palavra da verdade”. Em 2 Timóteo 2.15, lemos: “Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a *palavra da verdade*” (o grifo é nosso). Tiago lembra-nos: “Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela *palavra da verdade*, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas” (Tg 1.18; o grifo é nosso). O salmista orou: “E saberei responder aos que me insultam, pois confio na tua palavra. Não tires jamais de minha boca a *palavra da verdade*, pois tenho esperado nos teus juízos” (Sl 119.42, 43; o grifo é nosso).

É difícil contar o número de vezes em que a Bíblia, quer mediante citações inequívocas, quer por meio de insinuações, afirme ser a palavra da verdade. No mundo de hoje, a Bíblia é a autoridade máxima em se tratando de verdade. Os problemas de nossa vida enquanto indivíduos, os problemas da igreja e a maioria dos problemas do mundo devem-se a um afastamento da autoridade que tem a Bíblia como padrão único e infalível da verdade. Um combate

¹No original, o autor refere-se à *Versão Autorizada da Bíblia em inglês*, também conhecida por *King James Version* (nota do tradutor).

²D. M. Lloyd-JONES, *The Christian Soldier*, p. 184.

espiritual bem-sucedido inicia-se com a pergunta básica: “Aceito a Bíblia como a palavra da verdade, a própria Palavra de Deus, a autoridade única e máxima em relação ao que seja verdade e ao que consista em engano? Aceito as Escrituras como revelação de Deus?”. Antes de conseguirmos pôr o cinturão da verdade, temos de nos aproximar da Palavra de Deus com a fé de uma criancinha e confiar nEle para receber da Palavra a revelação divina. Precisamos entender que “o mundo não o conheceu [a Deus], por sua própria sabedoria” (1 Co 1.21), e jamais isso seria possível. Jamais poderemos confiar na sabedoria e capacidade de raciocínio do homem para chegar à verdade. Descobrimos a verdade mediante a revelação de Deus. É assim que sabemos onde estamos pisando: está escrito na Palavra. Isto é o que usamos para combater o inimigo: a palavra da verdade, a Bíblia. É assim que lidamos com a tentação e julgamos o que seja pecado: a Bíblia o revela a nós. É assim que enfrentamos o futuro confiantes: temos a palavra da verdade — a Palavra de Deus — revelando um futuro de total vitória em Cristo.

O *Espírito Santo é o Espírito da verdade*. É aquele que esclarece e abre a Palavra da verdade ao nosso entendimento e para o nosso proveito. Isso fica claro em 1 Coríntios 2.6-15, que afirma que o homem natural, entregue a si mesmo, jamais poderá entender a Palavra da verdade, uma vez que não possui o Espírito da verdade para tornar a Palavra clara ao seu entendimento espiritual.

... o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? assim também as cousas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. [...] Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente (1 Co 2.10-12, 14).

Há certas verdades práticas importantes de lembrar, ao pedirmos que o Espírito Santo nos revele a verdade de Deus. Em primeiro lugar, devemos saber que o Espírito Santo sempre nos

induzirá a crenças, atos e pontos de vista que estejam em perfeita harmonia com a palavra da verdade (a Bíblia) e a pessoa da verdade (o Senhor Jesus Cristo). Nestes dias de destaque especial ao intenso sentimento religioso e aos ditos dons espirituais, esse ponto deve ser cuidadosamente sublinhado. Os que buscam revelações extrabíblicas do Espírito Santo e as tomam por verdades sujeitam-se a grave erro.

Recentemente tomei conhecimento de uma “líder espiritual” que dizia ter recebido do Espírito Santo uma revelação para divorciar-se de seu marido, podendo, assim, ficar livre para dedicar-se em tempo integral ao serviço do Senhor com suas reuniões. Isso simplesmente entra em choque com passagens como Efésios 5 e Tiago 2.4, 5. O Espírito não nos induz a violar Sua Palavra inspirada.

Um homem, freqüentador de uma igreja que pastoreei, declarava ter recebido do Espírito Santo o dom da profecia. Ele parecia muito radiante com o novo dom e estar andando na alegria do Senhor. O problema era que suas profecias estavam às vezes inequivocamente em desarmonia com a Palavra de Deus. Ele estava sendo enganado por suas profecias. Não é de admirar que por fim acabasse com o casamento e o coração destruídos.

Em 2 Pedro 1.20, 21 afirma-se: “... sabendo, primeiramente, isto, que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens [santos] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo”. O Espírito Santo é o autor da Palavra da verdade, e certamente jamais nos fará crer ou fazer algo contrário a ela, embora os enganos sutis de Satanás possam induzir-nos a crer de outra forma.

Quão importante é pedir que o Espírito Santo nos mostre a verdade ao lermos a Palavra de Deus. A verdade de nosso Senhor e de Sua Palavra sempre nos protegerão. Peça ao Espírito Santo que o proteja de ser atraído por movimentos e destaques especiais contraditórios à Sua verdade. Se exigirmos a proteção diária do Espírito da verdade, Ele nos protegerá, porque é este o Seu ministério.

A igreja é coluna e baluarte da verdade. Ao instruir Timóteo, o apóstolo Paulo declarou: “Escrevo-te estas cousas esperando ir verte em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve

proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3.14, 15).

Aqui a igreja local é elevada a um alto nível de importância no plano de Deus. Uma igreja local é chamada de “família de Deus” e “igreja do Deus vivo”. Todo crente deve estar sempre intimamente ligado a uma igreja íntegra que se concentre na Bíblia e exalte a Cristo. Deve submeter-se às disciplinas, às restrições e ao controle que Deus, em Sua sabedoria, estabelece naquela igreja local. Muitas vezes em minha vida, mesmo como pastor, o Senhor tem usado o ministério da igreja para proteger-me de algum erro lamentável. Quantas vezes vejo o ministério da igreja local proteger um crente da derrota completa! Quando os crentes reúnem-se para orar, proteger e incentivar, o inimigo é afugentado. Filie-se a uma igreja local, submeta-se à sua disciplina, freqüente os cultos e instrua-se na Palavra.

Satanás odeia enfrentar o crente cuja cintura esteja cingida com o cinturão da verdade. Você já conseguiu convencer fazendo uso da mentira, e depois a verdade veio à tona, de súbito? Lá estava você, flagrado em sua mentira, simplesmente arrasado. O cinturão da verdade atinge a Satanás e seu reino do mesmo modo. Arrasa-o e derrota-o por completo. Desmascara seus expedientes mentirosos e enganadores e destrói o poder que exerce contra você.

De que modo pode alguém permanecer firme e valente, com o cinturão da verdade à cintura? Mediante a oração. A oração que segue tem por objetivo orientá-lo a fim de que você possa apropriar-se de uma peça vital da armadura.

CINGINDO-SE COM O CINTURÃO

Em nome do Senhor Jesus Cristo, reivindico a proteção do cinturão da verdade sobre a minha vida, meu lar, minha família e o trabalho que Deus estabeleceu para a minha vida. Uso o cinturão da verdade diretamente contra Satanás e seu reino de trevas. Com determinação, abraço Aquele que é a verdade, o Senhor Jesus Cristo, como força minha e proteção contra o engano de Satanás. Peço que a verdade da Palavra de Deus assuma sempre um lugar maior em minha vida. Oro para que o meu coração possa deleitar-se em estudar

e memorizar a verdade da Palavra de Deus.

Perdoa-me o pecado de não falar a verdade. Mostra-me se em alguma coisa estou sendo ludibriado. Pelo Espírito Santo da verdade, abre as Escrituras para o meu entendimento e conduze-me à compreensão para a prática de suas palavras de verdade. Peço que o Espírito Santo me alerte antes de eu enganar quem quer que seja e que sempre me ajude a não crer nas mentiras de Satanás. Obrigado, Senhor, por fazer de minha igreja local coluna e baluarte para a Tua verdade em minha vida. Ajuda-me a estar integrado em minha igreja e protege e ajuda aos demais assim como a mim.

Compreendo, Senhor Jesus Cristo, que a capacidade de ser invencivelmente forte e de conseguir realizar a Tua vontade, a despeito das artimanhas sutis de Satanás, requer o poder estabilizador do cinturão da verdade. Obrigado por concederes essa peça da armadura. Recebo-a com gratidão e peço um entendimento cada vez mais profundo de Sua proteção mediante o Teu poder. Amém.

SEIS

Toda a Armadura de Deus: a Couraça da Justiça

*... vestindo-vos da couraça da justiça
(Ef 6.14b).*

*... o SENHOR viu isso e desaprovou o não haver justiça.
Viu que não havia ajudador algum, e maravilhou-se
de que não houvesse um intercessor; pelo que o
seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua
própria justiça o susteve. Vestiu-se de justiça,
como de uma couraça, e pôs o capacete da
salvação na cabeça...
(Is 59.15-17).*

O livro de Warren Wiersbe, *The Strategy of Satan* [A Estratégia de Satanás], conta-nos de uma personagem de pouco destaque no Antigo Testamento: o sumo sacerdote Josué. Ele foi uma das quatro pessoas do Antigo Testamento que tiveram um conflito com Satanás (Zc 3). A história é ilustrativa porque mostra como Satanás ataca o coração do homem, lugar em que é muito vulnerável — em que reside sua consciência ou senso de justiça.

O coração é um órgão de todos nós que freqüentemente está sujeito a derrotas. Um dos motivos disso é a percepção de nossas falhas, pecados e transgressões. Se não nos sentimos culpados dos pecados de comissão, certamente nos sabemos culpados pelos de omissão. Quem de nós pode alegar ter atingido o padrão de Deus, amando-o de todo o coração, de toda a mente e alma? Quem de nós alguma vez chega perto do padrão de sempre amar o próximo como a si mesmo? Depois há os outros pecados de omissão, tão comuns aos filhos de Deus: falta de oração, desatenção ao estudo da Palavra de Deus, desperdício de oportunidades de testemunhar aos amigos e companheiros de trabalho ou não orar por alguém quando se havia prometido não esquecer.

O alvo de Satanás contra o sumo sacerdote Josué era o coração, a consciência, parte dele capaz de mostrar-se sensível a Deus e desejosa de agradá-lo. O capítulo inicia-se diante do Senhor e Satanás “à direita de Josué, pronto para acusá-lo” (Zc 3.1, BLH). A arma de Satanás era a acusação; seu plano, indiciá-lo perante o Senhor. Satanás deseja destruir o coração do homem.

Acusar o homem quando este se achega a Deus constitui mais uma das armas eficazes de Satanás contra o crente. Nossas falhas fornecem-lhe muita munição.

Em Apocalipse 12, uma grande voz proclama a expulsão de Satanás do céu. “... foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia, e de noite, diante do nosso Deus” (Ap 12.10). Satanás acusa os nossos irmãos. Acusa-os diante de Deus, dia e noite. Você não o ouviu fazendo isso com você? “Como você pode ter certeza de que Deus irá ajudá-lo? Veja como fraquejou. Veja todos os pecados que cometeu. Veja como não conseguiu fazer o que sabia ser sua obrigação.” E assim continua. Deseja destruir o seu coração. Quer convencê-lo de que você é um fracasso tal, que não adianta ir em frente. “Como Deus pode alguma vez usar um cristão como você, que põe tudo a perder?” Os crentes mais sinceros são derrotados exatamente nesse aspecto, mais do que em qualquer outro.

Na armadura, a couraça tem por finalidade proteger uma região de tamanha vulnerabilidade — o coração. Em Zacarias 3, quando o sumo sacerdote Josué encontra-se submetido ao ataque e à acusação implacáveis de Satanás, o próprio Senhor segue em resgate dele: “O

SENHOR te repreende, ó Satanás, sim, o SENHOR que escolheu Jerusalém te repreende; não é este um tição tirado do fogo?” (Zc 3.2).

Josué estava diante do Senhor trajado de “vestes sujas”, representando sua justiça, que Isaías 64.6 define da seguinte forma: “... todas as nossas justiças [são] como trapo da imundícia”. O anjo diz àqueles próximos a Josué: “Tirai-lhe as vestes sujas” (Zc 3.4). Depois disso, ele assegura a Josué: “... Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de finos trajes” (Zc 3.4). Seguidas as determinações do Senhor, Josué é vestido com vestes limpas, puras e apropriadas para estar na presença do Senhor. Depois é instruído a andar com aquelas vestes novas e limpas na força e na vitória do Senhor. Fazendo isso, ele será símbolo do servo de Jeová, que há de vir, o Renovo, o nosso Messias (Zc 3.6-10).

Essa história veterotestamentária é um exemplo pertinente à peça da armadura agora diante de nós. A couraça da justiça é a única proteção que temos contra o ataque lançado por Satanás ao próprio coração dos servos de Deus. A couraça do soldado romano era de excepcional importância em sua armadura, cobrindo-lhe os órgãos mais vulneráveis. Sob a couraça ficavam coração, pulmões, estômago, fígado e intestinos do soldado. O ferimento causado pela espada, lança ou seta do inimigo em qualquer desses órgãos tinha por objetivo a morte certa. Por isso, a couraça tinha de ser muito resistente e sempre bem colocada.

Sendo assim, a justiça recebe um lugar de importância inigualável na luta do crente. Há vários motivos para isso. Um deles é que a justiça derrota Satanás completamente. Justiça é tudo o que Satanás não é. Ele é injusto, perverso, mau, cheio de trevas (Jo 8.44; 13.2; 1 Jo 3.8). A justiça derrota Satanás e o faz retroceder.

A justiça é também um dos atributos de Deus. O Livro dos Salmos está repleto de declarações como “a tua destra está cheia de justiça” (48.10), “Justo és, SENHOR” (119.137), “Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos” (145.17); e, em Jeremias, “será este o seu nome, com que será chamado: *SENHOR Justiça Nossa*” (Jr 23.6; o grifo é nosso).

Que vem a ser a couraça da justiça? É a justiça do Senhor outorgada a nós e presente em nós, que nos protege.

Justiça imputada significa que, quando sou salvo, Deus me

justifica. Deus, o Pai, põe a própria justiça do Senhor Jesus a meu favor: é imputada a mim, vestida em mim por Deus como um ato de justiça. Deus me vê agora vestido de Sua própria justiça. Em Filipenses 3.8, 9, o apóstolo Paulo alegra-se nessa justiça com estas palavras: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual, perdi todas as cousas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo, e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé...”. Justiça imputada significa que algo pertencente a uma pessoa (Cristo) é depositado em favor de outra (o crente).

Quando somos justificados, ocorre uma troca maravilhosa. No instante em que recebemos a fé salvadora, Deus toma os nossos pecados e os lança na conta de Cristo; são tidos como punidos em Cristo. Ao mesmo tempo, Ele também toma a justiça de Cristo e a imputa a nosso crédito.

Vestir a couraça da justiça quer dizer que diariamente nos renovamos com a percepção dessa maravilhosa verdade. O sumo sacerdote Josué simbolizava essa verdade. Suas vestes sujas foram retiradas, e ele foi vestido de vestes novas, limpas e dignas da presença do Senhor.

Não há proteção mais resistente contra as acusações que Satanás faz com respeito à nossa indignidade do que manter sempre em mente essa verdade da “justiça imputada”. Romanos 8.1 deve tornar-se uma certeza diária e inegável: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Satanás não continuará a acusar-nos por muito tempo, se essa verdade estiver seguramente escondida em nosso coração e guardada na mente com vigor renovado.

Deus também nos confere Sua justiça dentro de nós. Os puritanos chamavam isso de *justiça conferida*. Justiça conferida diz respeito à justiça que Deus colocou em minha vida e conduta. É tão completamente de Deus quanto a justiça imputada, mas aplica-se ao campo da minha experiência e nem sempre é constante e total. Às vezes pratico atos justos e santificados, mas isso não acontece em outras ocasiões. Os atos verdadeiramente justos resultam da ação de Deus: “... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o

realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13).

Em 1 Tessalonicenses 5.8, Paulo instruiu: “Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e amor...”. Um estudo pouco aprofundado poderia levar-nos a concluir que essa couraça de fé e amor seja diferente da couraça da justiça. Mas não é. A fé e o amor são simplesmente as melhores indicações externas da justiça conferida. A fé e o amor são a justiça em ação na vida do crente.

Ao vestir a couraça da justiça, precisamos reconhecer a importância tanto da nossa justiça imputada quanto da conferida. Deus não apenas nos torna justos diante dEle, mas também quer que de nossas vidas resultem atos justos. A justiça imputada por Deus é basicamente a nossa couraça de proteção, mas a justiça conferida deve fluir de Seu revestimento.

A PROTEÇÃO DA COURAÇA

A couraça da justiça protege-nos de diversas formas. Primeiramente, ajuda a dar-nos confiança e coragem. Poucas coisas são tão essenciais à luta espiritual quanto a segurança. Quando Satanás lança suas acusações contra nós, acusando-nos de nossas falhas — e elas são muitíssimo evidentes — é animador saber que é a justiça imputada de Deus e não a nossa que nos torna dignos. A confiança também surge do conhecimento de que a justiça que Deus infundiu em nós pode manifestar-se em atos de fé e amor que glorifiquem a Deus: “... e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef 4.24).

Um jovem telefonou-me para manifestar uma profunda preocupação com seu casamento. Sua jovem esposa o excluía de sua vida. Recusava-se a buscar o conselho de quem quer que fosse. Continuava dizendo que a única solução para os problemas que enfrentavam era que ele saísse de casa. Ela sofria terrivelmente de uma angústia e um tormento interiores e não podia tranquilizar-se. Ambos eram cristãos, mas a distância entre eles havia-se tornado um enorme abismo. Por vezes suas frustrações e iras agravavam-se de tal forma que até se agrediam. O acusador também estivera muito ocupado nesse relacionamento difícil. O jovem admitiu que aquele

telefonema era sua última tentativa. Embora comprometido com o trabalho do Senhor em tempo integral, estava praticamente pronto a deixar a esposa.

Ao discutirmos sobre algumas medidas práticas que poderia tomar e mencionar por que motivos ele poderia contar com a vitória em Cristo, pude senti-lo criar coragem. Ao concluirmos a conversa, ele estava animado para iniciar um período de jejum e oração. Esse é o objetivo da couraça da justiça.

A couraça da justiça também nos oferece a oportunidade de repudiar a autojustificação. Ao reivindicar diariamente a couraça da justiça, devemos renunciar àquela tendência muito comum de bater nas próprias costas e dizer: "Que bom rapaz que eu sou".

Jó teve um dos mais temíveis conflitos com Satanás registrados na Palavra. Um dos motivos por que Deus lhe permitiu provação tão prolongada sob a instigação de Satanás parece ter sido para livrá-lo da justiça própria. Quando começou a travar conversa com amigos, a impressão que repetidamente transmitia era esta: "Sou tão bom e justo com Deus, que não faço idéia por que Ele está permitindo que essa terrível provação recaia sobre a minha vida".

Uma bela jovem de minha igreja trazia no rosto, por longo período, um ar de desânimo e até de irritação. Fiquei grato quando um dia marcou um horário comigo para aconselhamento. Quando começou a compartilhar os fardos, falou de decepções profundas e penosas por que passara na vida. Eram ataques fortíssimos que a haviam perturbado emocionalmente. Ela permitira que aqueles transtornos suscitasse dúvida em sua mente em relação à bondade de Deus. Rompendo em lágrimas, acabou deixando escapar: "Deus não tem o mínimo direito de me tratar assim. Sempre tentei pô-lo em primeiro lugar e manter minha vida isenta de pecado. Não é justo. Não é justo mesmo".

Com toda delicadeza possível, tentei ajudá-la a perceber que, no fundo, ela estava dizendo: "Deus, Tu não tens o direito de me tratar assim: sou tão boa e correta". Quando se apercebeu disso, começou a rir e chorar ao mesmo tempo. Isaías 64.6 abriu-lhe o caminho ao arrependimento: "Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos

arrebatam”. Falamos sobre o fato de que a bondade é verdadeira, quer nossa experiência o comprove, quer não. A bondade é a própria essência de Seu caráter. Mesmo quando nossa experiência pareça não corroborar essa verdade, temos de louvá-lo.

Quando o Senhor revelou-lhe a autojustificação de seu coração, o resultado foi uma oração de arrependimento. Naquele dia ela saiu com um aspecto radiante de alegria.

A couraça da justiça serve para fazer isso por cada crente. Concede-nos a oportunidade diária de lembrar que a única justiça ao nosso dispor é aquela imputada e conferida pelo Senhor. Nas vezes em que Deus permite que nos ocorram lesões e transtornos profundos, temos a oportunidade de aceitá-los com alegria. Tiago instruiu-nos: “Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação de vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tg 1.2-4). Se não nos quisermos submeter aos testes pelos quais o Senhor permite que passemos, pode ser que haja uma raiz de autojustificação. Também estamos manifestando o pensamento: “Senhor, sou muito bom para merecer este tipo de tratamento”. Devemos louvar ao Senhor mesmo pelos rigores da batalha.

Confiar na bondade própria é não somente inútil, mas também expõe-nos a perigos espirituais. Mediante a confiança na bondade própria, o incrédulo afasta-se da fé salvadora. É necessário reconhecer sua total pecaminosidade para que seu coração possa estar preparado para a fé salvadora. Em Romanos, o apóstolo Paulo extrai várias passagens do Antigo Testamento para convencer-nos de nossa verdadeira condição.

Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos estão debaixo do pecado; como está escrito: Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para

derramar sangue, nos seus caminhos há destruição e miséria; desconhecera o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos (Rm 3.9-18).

Essas palavras devem ser motivo bastante para repudiarmos a autojustificação.

Confiar na bondade própria continua sendo tão inútil mesmo após nos salvarmos. Continua sendo uma afronta a Deus. Ele jamais poderá usar-nos com eficácia sem que vejamos que somente a Sua justiça é válida.

Quando Jesus viveu na terra, uma coisa que Satanás não podia tocar era a Sua justiça. Hebreus 4.15 declara: “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado”. Nem Satanás, nem o pecado podiam tocar a justiça de nosso Senhor. Ele foi tentado, mas sempre venceu a tentação.

É importante lembrar que tentação não é pecado. Alguns crentes ficam contrariados consigo mesmos quando lhes sobrevém alguma tentação. Sei de um homem que quase arruinou a vida por causa disso: vivera muito dissolutamente antes de converter-se, e por um tempo, depois de salvo, qualquer coisa imoral lhe causava náuseas. Era-lhe repulsivo, e ele estava agradecido pela certeza de que “as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”. No entanto, à medida que o tempo foi passando, por vezes as velhas paixões carnis começavam a ser novamente despertadas. Se passasse por uma banca que expusesse uma revista pornográfica, sentia-se tentado a pegá-la. Essas tentações atormentavam grandemente aquele homem. Estava certo de que eram um sinal de que logo retornaria aos velhos hábitos. Ele pensava que alguém que se converte e é transformado não pode ter tentações assim. Começou então a pensar que se já tinha mesmo os pensamentos, talvez não fizesse diferença cometer os atos que antes cometera.

Naquele momento crucial, um amigo cristão mostrou-lhe que a tentação de fazer o mal não constitui pecado. O próprio Cristo foi “tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). O conhecimento do fato provou ser de grande auxílio àquele irmão. A tentação em si não corrompe a justiça. É apenas

quando damos lugar à tentação e cobiçamos o objeto que o pecado invade a nossa vida.

Quando nos tornamos crentes, dá-se início a um processo tríplice de santificação. Em primeiro lugar, em nossa posição com Deus somos imediatamente santificados (“separados”) e declarados justos. A isso chamamos santificação imputada ou segundo a nossa posição. A justiça e a santidade de Cristo são creditadas em nossa conta, e o Senhor vê o crente como um “santo”, mesmo que na conduta possa não ser muito “santinho”.

A santificação é também um processo que se desenrola durante toda a existência do crente. Ao encerrar a Primeira Epístola aos Tessalonicenses, Paulo manifesta este pedido: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (1 Ts 5.23, 24). A esse processo às vezes dá-se o nome de “crescimento na graça”, e é conduzido pela absorção da Palavra de Deus mediante a intervenção do Espírito Santo (Rm 15.16; 1 Co 6.11, Fp 2.12; 1 Tm 4.7; 1 Pe 2.2).

O processo de santificação nunca termina ou atinge a perfeição nesta vida. Eis por que devemos reivindicar a couraça da justiça diariamente. Todos precisamos continuar crescendo em direção àquela medida da estatura da plenitude de Cristo em nossa conduta, bem como em nossa reputação (Ef 4.11, 12; Cl 3.5, 8, 12-14).

Nossa santificação final virá quando o nosso Senhor voltar. Em 1 João 3.2 afirma-se: “... Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é”. Naquele momento, a santificação de nosso corpo, alma e espírito será consumada. O que Deus iniciou em nossa conversão será completado.

Jamais é possível dar demasiado destaque à importância de revestir-se com a couraça da justiça na luta espiritual. A vitória da justiça de nosso Senhor com a derrota que traz a Satanás e seu reino deve ser aplicada com ousadia e não assumida passivamente. A vitória pertence-nos, mas devemo-nos apropriar dela.

O PERIGO DA PASSIVIDADE

Eu estava procurando motivar uma jovem crente a lutar com agilidade e ousadia. Ela travara uma terrível batalha com o reino de Satanás por vários anos. Um passado de práticas ocultas e uma conduta muito pecaminosa haviam caracterizado sua vida antes da conversão. A perturbação e o sofrimento que teve de suportar da parte de Satanás a haviam deixado exausta, esgotada — tudo, menos ousada. É sempre perigoso manter-se passivo, quando se trata de questões espirituais. “É a batalha do Senhor”, disse-me ela. “Se eu tiver de obter a vitória nessa luta, o Senhor é quem vai me concedê-la.” Precisamos depender do Senhor para a vitória, mas temos de tomar parte na batalha. Não devemos ser de todo passivos.

Imaginemos que um soldado ache-se no mais bem armado exército do mundo. As armas mais modernas, os mais fortes tanques blindados e os mais poderosos foguetes e bombas à disposição. Mas, caso esse soldado saia para enfrentar o inimigo, abandonando as armas e os outros equipamentos, que acontecerá? Alguém com menos equipamento pode facilmente derrotá-lo. Apenas dispor da proteção não é suficiente; ele deve utilizá-la.

A pertinência é óbvia. Somos membros do exército de Deus. Temos de resistir como bons soldados de Cristo. Somos equipados com todo o armamento de que precisamos para derrotar o inimigo de nossas almas e todo o seu reino, mas devemos usá-lo. A couraça da justiça é um dos elementos mais essenciais. Devemos reivindicar sua proteção todo dia e usá-la destemidamente para resistir ao diabo e afugentá-lo.

APROPRIANDO-SE DA COURAÇA

Em nome do Senhor Jesus Cristo, revisto-me da couraça da justiça. Neste momento, repudio qualquer dependência que eu possa ter da minha própria bondade. Abraço a justiça que é minha, pela fé no Senhor Jesus Cristo. Conto com o Espírito Santo para estar efetuando atos de justiça, pensamentos puros e atitudes santas em minha vida. Ergo a bandeira da vida justa do Senhor Jesus Cristo para derrotar Satanás e seu reino. Afirmo que a minha vitória é obtida e

vivida pelo meu Salvador. Peço ansiosamente e tenho por certo que o Senhor Jesus Cristo fará viver Sua justiça por meio de mim. Mediante o precioso sangue de Cristo, limpa-me de todos os meus pecados de omissão e comissão. Faze-me andar de modo santo e correto que honre a Deus e derrote o mundo, a carne e o diabo por meio de Jesus Cristo, meu Senhor. Amém.

SETE

Toda a Armadura de Deus: os Calçados da Paz

*Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz
(Ef 6.15).*

*Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou
como a dá o mundo. Não se turbe o vosso
coração, nem se atemorize
(Jo 14.27).*

Você já teve alguma vez a sensação de que perdeu a paz? Que pânico, temor e tormento isso causa! Um momento negro de minha vida, trago-o na mente como um dos mais desagradáveis por que passei. Ocorreu nos primeiros anos de meu casamento. Eu estava no segundo ano do seminário, cumprindo o máximo da carga horária, trabalhando meio período e lutando financeiramente para equilibrar o orçamento. Havia alguns conflitos não resolvidos na minha vida espiritual, e estavam causando-me uma tensão emocional e psicológica maior do que eu podia perceber. Certo dia, repentinamente, em consequência de um incidente sem grande importância, algo destruiu o meu bem-estar emocional e o pânico total assolou-me. As palavras

não conseguem explicar a escuridão e o pavor que recaem sobre a alma e o espírito humanos quando o medo começa a dominar. Somente os que já passaram por um vale assim compreendem o caráter infernal da experiência.

Experiência semelhante teve Charles Haddon Spurgeon, após uma mensagem no Surrey Gardens Music Hall. Enquanto Spurgeon falava a uma enorme multidão de mais de 10 mil pessoas, alguém gritou “fogo!”, e deu-se início a uma fuga precipitada em direção às saídas. No caos resultante, sete pessoas morreram esmagadas e muitas outras tiveram ferimentos graves. O Sr. Spurgeon entrou numa depressão atroz. Ele explica o incidente nas seguintes palavras:

Recusava-me a ser alentado; as lágrimas eram a minha refeição de dia, e os sonhos, o meu terror à noite. Senti-me como jamais me havia sentido. “Meus pensamentos eram todos um estojo de punhais”, despedaçando-me o coração, até que um estupor de angústia ministrou-me um melancólico remédio. Eu poderia sinceramente ter dito: “Não estou louco, mas com certeza tive o quanto bastasse para enlouquecer, caso me tivesse entregue à reflexão sobre o assunto”. Busquei e encontrei uma solidão que me parecia conveniente. Podia contar às flores as minhas tristezas, e o orvalho podia chorar comigo. A essa altura minha mente jazia como restos de naufrágio sobre a areia, inapta ao funcionamento normal. Eu estava em terra estranha, sentia-me um estrangeiro. A minha Bíblia, antes minha refeição diária, não era outra coisa senão uma mão a agitar as águas represadas de meu pesar. A oração não me aplicava bálsamo algum; para ser mais preciso, a minha alma era como a de uma criança, e eu não conseguia colocar-me à altura para fazer minhas súplicas. “Partidos em pedaços por todos os lados”, os meus pensamentos, que me haviam sido taça de deleites, eram como cacos de vidro quebrado, desgraças pungentes e cortantes da minha peregrinação.¹

¹Charles H. SPURGEON, *The Full Harvest*, p. 195, 196.

Os servos de Deus não estão imunes a provações tão tenebrosas como essa. A contribuir para aquela situação traumática, havia a sensação horrível e humilhante de que eu estava a ponto de ter um “colapso nervoso”. Para mim, aquela seria a pior coisa que poderia ocorrer a um jovem em preparo para o ministério. *Não é possível que isto esteja acontecendo comigo. Jamais, em minha vida, tive momentos de tamanha intranquilidade. Como poderei alguma vez estar apto a aconselhar e conceder alento às outras pessoas em suas necessidades espirituais e emocionais, estando a minha própria vida desintegrada?* Pensamentos como esse acompanhavam-me constantemente. A única forma de explicar o tormento por que passei naqueles dias é dizer que eu estava sentindo uma total perda de paz. Minhas orações, embora veementes, pareciam não chegar aos ouvidos de Deus. As Escrituras, ainda que lidas com freqüência, eram como palavras mortas para a minha mente e emoções conturbadas.

Ao longo daqueles dias, como fui grato à minha esposa paciente, de oração e compreensiva, e ao Dr. Vernon Grounds, o consagrado reitor do seminário que eu cursava, em quem encontrei refúgio de grande auxílio. Por ser psicólogo diplomado, pôde ajudar-me a resolver alguns conflitos espirituais de minha vida. O trauma durou várias semanas, no entanto, e parecia não diminuir em intensidade. O tempo prolongado só contribuía para o meu medo máximo de ter um colapso nervoso total. Como eu ansiava por paz e ficava pensando se alguma vez ela se renovaria em minha vida atormentada!

Durante aquele período, tomei conhecimento de que um de meus professores havia passado por provação semelhante quando estivera no seminário. O simples fato de saber que outra pessoa havia experimentado uma provação daquelas e sobrevivido animou-me. Com um fio de esperança, fui procurá-lo. Ele se revelou muito compreensivo e animador.

Manifestei o meu medo de ter um “colapso nervoso”, o que talvez me tiraria a esperança de algum dia vir a ser ministro. Com gentileza, proferiu palavras que me deram um choque, fazendo-me entrar num estado súbito de conscientização da verdade, ao dizer: “Mark, se Deus quer que você passe por um colapso nervoso, você tem de querer um colapso nervoso mais do que qualquer outra coisa

neste mundo”.

Aquelas palavras paralisaram-me. Não ouvi mais nada do que foi dito. A verdade dera cabo de meu orgulho e temor.

Desculpando-me apressadamente, fui para casa para ficar a sós com Deus. A caminho, lembrei-me de, num dia especial de oração no seminário, ter orado assim: “Senhor, enquanto eu estiver no seminário, realiza em minha vida o que quer que entendas seja necessário fazer a fim de preparar-me para ser um servo útil”. Naquela hora, essas palavras afluíram mais uma vez à minha mente com nova visão do que significava o meu trauma.

Naquela tarde, ajoelhei-me em oração e, pela primeira vez desde o início do trauma, senti que poderia estar em comunhão com Deus. Entregando-me no íntimo, orei: “Senhor, Tu sabes que temi e lutei até contra o medo de ter um colapso nervoso. Nem sequer cogitei que isso pudesse fazer parte da Tua vontade, a fim de me preparar e disciplinar. Perdoa-me a minha obstinação e o meu orgulho persistente. Senhor, Tu sabes que não quero mesmo passar por um colapso nervoso, mas se for da Tua vontade, que assim seja. Estou pronto”. Naquela hora, eu estava certo de que Deus me faria passar por um tremendo colapso, mas, ao contrário, quando levantei-me, percebi o renovar de pelo menos uma parte da paz interior. À medida que continuei a entregar-me completamente à vontade do Senhor, aquela paz continuou aumentando. Dentro de poucas semanas, estava completamente refeito.

Que grandes lições essa experiência me trouxe! No decurso daquele período traumatizante, Deus fez nascer dentro de mim uma sensibilidade e uma compreensão pelos que passam por crises emocionais como jamais teria aprendido de outra forma. Ensinou-me a absoluta necessidade da entrega total à Sua vontade, mesmo que ponha em risco os meus próprios desejos. Mas talvez a maior das lições foi aprender a valorizar a paz.

Por intermédio do apóstolo Paulo, o Espírito Santo refere-se à paz como os calçados do soldado em combate. Na indumentária do soldado não há peça mais importante que os calçados. Você já percebeu que, se sentir dor nos pés, isso exerce influência sobre todo o corpo? Um calo dolorido no menor dos dedos ou um joanete problemático podem doer tanto que simplesmente não é mais possível

andar, muito menos lutar. Igualmente na batalha espiritual, se você estiver ferido, não será um soldado pronto para o combate.

Bons calçados fazem-se necessários para que se tenha uma boa base. O soldado romano, ao empunhar a espada, precisava usar calçados que lhe proporcionassem tração, estabilidade e base segura. Não poderia travar batalha se os pés lhe fossem facilmente deslocados. Mais uma vez é bem clara a pertinência ao combate espiritual. Se os nossos calçados da paz não estiverem bem firmes e ajustados, não suportaremos por muito tempo a batalha que o inimigo trava contra nós.

Os calçados do soldado proporcionam-lhe bem-estar ao locomover-se, de modo que esteja pronto para enfrentar qualquer desafio. Na vida precisamos de diversas espécies de calçados para os variados gêneros de atividade. O corredor precisa de calçados leves com travas para transitar com rapidez sobre os cascalhos. O jogador de basquetebol precisa de calçados com solas especialmente criadas para impedir que os pés deslizem na superfície lisa das quadras. Aquele que trabalha pesado em construções logo prejudicaria os pés se usasse sapatos sociais ao conduzir a sua picareta.

Da mesma forma, precisamos do tipo certo de calçado para a nossa batalha espiritual. Os únicos calçados que nos conduzirão à vitória são os calçados da paz, e estes possuem alguns traços importantes que o servo invencível do Senhor deve compreender e reivindicar fielmente.

A PAZ DECORRENTE DA NOSSA POSIÇÃO

Romanos 5.1 declara: “Justificados, pois, mediante a fé, *temos paz com Deus*, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (o grifo é nosso). Esse tipo de paz não é subjetivo e baseado na experiência; é um fato objetivo e legítimo. O único meio de receber essa paz é tê-la na mente e por fé reconhecê-la como verdadeira. Mediante o decreto de justificação, emitido por Deus, você tem paz com Ele. Isso significa que a ira de Deus não recai mais sobre você. A guerra entre Deus e o crente está encerrada.

Há muitos anos ouvi um pastor pregar sobre a justificação. Ele comparou a palavra *pois* ao dedo de Deus apontado para a cruz e para

a perfeita obra de redenção ali consumada. Pois, por causa da cruz, por causa do que Deus ali realizou para satisfazer a própria ira contra o pecado, por causa de todo preço pago por Cristo para livrar-nos de todo o pecado e porque Deus reconciliou consigo mesmo o pecador que creu, somos justificados. A justificação compreende não apenas a extinção de todo o nosso pecado, mas também a aquisição de toda a justiça do próprio Cristo. Deus nos veste com a Sua justiça. Porque Deus, na sua própria obra e plano, justificou-nos, temos *paz com Deus*.

A paz com Deus serve para que o crente tenha paz no intelecto, sua mente. A justificação não é uma verdade com base na experiência e nos sentimentos. Os crentes sabem que estamos justificados — declarados justos aos olhos de Deus — só porque Deus assim o diz, e cremos nEle. A paz interior ocorre quando compreendemos o simples fato do que Deus realizou. Em consequência, temos paz com Deus.

Lembro-me do que certa vez ocorreu na vida de um jovem amigo. Ele estava enfrentando várias provações. Desanimado por causa do caráter demorado das provas, disse-me: “Acho que Deus me está punindo por alguma coisa. Não sei por que está irado comigo, mas, se Ele quer ficar irado, tudo bem, porque Ele sempre sabe o que faz”.

A postura do meu jovem amigo foi louvável, mas sua teologia, péssima. Deus não derrama Sua ira sobre os próprios filhos. Ele não nos pune no sentido de sofrimento punitivo. O Senhor castiga ou disciplina os Seus para corrigi-los, mas não exerce julgamento ou punição sobre Seus servos. Isso foi acertado na cruz de Cristo. Hoje todo crente é justificado. Por conseguinte, todos temos paz com Deus.

Conhecer e viver a autenticidade dessa verdade é extremamente importante para um combate invencível. A mente precisa apossar-se desse tremendo fato. Devemos andar com os calçados da paz com Deus. Se o soldado estiver sempre constrangido com a idéia de que Deus poderá estar irado contra ele ou de que ele tem de conformar-se com a ira de Deus, será insatisfatório enquanto soldado.

A PAZ DE ACORDO COM A EXPERIÊNCIA

Em Filipenses 4.6, 7, lê-se: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus” (o grifo é nosso).

Se a paz *com* Deus é intelectual, a paz *de* Deus surge da emoção, da experiência. Podemos saber todos os fatos da providência de Deus, mas se as nossas emoções não comprovam o nosso conhecimento, não conseguiremos agir de acordo com o que sabemos ser a verdade. A paz de Deus aplica um bálsamo de serenidade interior em nossas emoções. Se você tem a paz de Deus, você se sente em paz na mente e no coração — o interior do ser em sua totalidade.

Todos sabemos o que significa não ter paz interior. Um incidente ocorre em nossa vida — uma preocupação, um perigo — e uma tempestade turbulenta arma-se no íntimo. Muitos procuram a paz em tranqüilizantes, sedativos e outros medicamentos. Outros recorrem às drogas ou ao álcool. Uns tentam movimentos pseudo-religiosos, como a meditação transcendental, para encontrar solução para a falta de paz.

O TRANQÜILIZANTE RECEITADO POR DEUS

De que forma o crente anda calçado com a paz? Filipenses 4.6, 7 lembra-nos de que é mediante a oração. Horas a sós com Deus com pedidos gratos e sinceros é o mais eficaz tranqüilizante interior. Não há solução tão eficaz como a oração para a inquietação interior. Sempre funciona. “Não andeis ansiosos de coisa alguma”, ordena o imperativo. A paz de Deus excede todo o entendimento. Isso significa que a paz de Deus está acima e além da nossa compreensão. É mais do que precisamos para nos ajudar. É um transbordamento.

A próxima vez em que você sentir um grande abalo interior ou mesmo um pequeno desassossego que seja, tente a oração. Encerre-se num lugar, longe de todos, por 30 minutos ou uma hora a sós com Deus. Use as orações doutrinárias. Declare novamente para Deus, em oração, a verdade de estar “em Cristo”, inseparavelmente unido com

Cristo em toda a Sua obra e pessoa. Ore sobre toda a compreensão que a partir da Palavra você tem da pessoa e obra do Espírito Santo. Ore a respeito de cada peça da armadura do crente. Agradeça ao Senhor toda a Sua graça e bondade. Conte-Lhe suas ansiedades e preocupações. Deus intervirá para operar transformações. Pode acontecer tão gradativamente, que você mal perceberá como e quando acontece, mas, quando terminar, descobrirá a paz de Deus em suas emoções. Serenidade interior e tranqüilidade assumem o controle, mesmo que a tempestade ao redor ainda se mostre impetuosa. Sei que isso é verdade tanto por experiência quanto pela verdade da Palavra de Deus. Aliás, se você está orando assim regularmente, descobrirá que a paz de Deus já estará presente quando sobrevierem os incidentes.

Alguns anos atrás, senti o Senhor chamando-me para um período especial de jejum e oração. Sem saber o propósito dEle, resolvi jejuar três dias. Quando jejuo, geralmente procuro gastar em oração o tempo em que estaria comendo. Ao fim do segundo dia, à hora do jantar, eu acabara de orar quando minha esposa chamou-me para atender ao telefone. Era uma ligação interurbana de meu irmão mais velho, para informar-me que meus pais, já idosos, haviam morrido num acidente de carro. Por um instante ocorreu-me a descrença atordoante que esse tipo de notícia causa a qualquer um, mas subitamente tomei consciência de uma paz interior que ultrapassava todo o entendimento. A paz de Deus já se encontrava lá como uma reserva de suprimentos para resguardar o meu coração e a minha mente naquele momento difícil. A paz foi tão grande que, no funeral de meus pais, pude entregar uma mensagem.

As Escrituras são totalmente práticas e exeqüíveis. A Bíblia funciona quando usamos suas promessas em todas as circunstâncias da vida.

Você já parou para pensar que a sua falta de paz interior pode ser o meio que Deus encontrou para chamá-lo à oração? Hoje temos muitos aparelhos eletrônicos à nossa disposição. Um dos mais fascinantes é aquele pequeno “bipe” que muitos médicos, homens de negócio e até pastores carregam para que as pessoas, por meio de um sinal, tenham condições de localizá-los onde estiverem. Vários médicos da igreja que pastoreio levam consigo os bipes quando vão

à igreja. Às vezes, no meio do culto, o bipe toca e o médico levanta-se silenciosamente e sai.

A falta de paz interior pode ser o sinal do bipe de Deus para você. Deus pode estar-lhe chamando para uma audiência com Ele mesmo. Ele quer estar em comunhão com você e, com o tempo, renovará em você a paz que excede todo o entendimento.

A PAZ QUE PROTEGE

Filipenses 4.9 afirma: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o *Deus da paz* será convosco” (o grifo é nosso).

Lembro-me de ter ouvido um talentoso professor da igreja contar uma experiência que deixou comigo uma grande verdade. Parece que seu pequeno filho estava tendo problemas com um valentão que costumava escolhê-lo como vítima quando se dirigia para a escola. O rapazinho falou com o pai, e eles chegaram à conclusão de que a melhor atitude seria simplesmente não dar importância ao valentão. Aquilo só pareceu deixar o valentão mais atrevido. Todo dia, ao ir o garoto para a escola, o valentão implicava com ele e dava-lhe empurrões, rindo-se dele por ser covarde demais para brigar.

O menino e o pai conversaram mais uma vez sobre o assunto e acharam que talvez a melhor coisa a fazer fosse aceitar o desafio de briga lançado pelo valentão. Mesmo sendo maior, talvez o valentão, quando visse que o rapazinho tinha certa força para a luta, mostrasse seu próprio traço de covardia. Mas o problema só piorou, porque o valentão deu uma boa surra no menino, que logo ficou com medo de ir para a escola.

Finalmente, desesperado, o pai resolveu levar o filho pela mão e acompanhá-lo até a escola. Algo surpreendente aconteceu. Seu filhinho, que estava cheio de medo de ir sozinho para a escola, deu a mão para que o pai a segurasse e caminhou com a cabeça bem erguida. O valentão estava no lugar de sempre, pronto para precipitar-se sobre sua vítima, mas quando viu aquele pai de 1 m 80 cm, fugiu em disparada. Sem nada dizer, o filho fitou o pai e deu um enorme sorriso de alívio. O valentão nunca mais lhe causou problema algum.

Já sabemos a moral da história. O valentão que enfrentamos, o

nosso inimigo Satanás, e seu reino são grandes demais para que os enfrentemos sozinhos, mas quando o *Deus da paz* está conosco, não é necessário temer. Ao encerrar Romanos, Paulo afirma: “E o *Deus da paz* em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás” (Rm 16.20; o grifo é nosso).

A GARANTIA DA OBEDIÊNCIA

De que forma nos mantemos calçados com a paz? Provérbios 16.7 afirma: “Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, este reconcilia com eles os seus inimigos”. Esse provérbio harmoniza-se com Filipenses 4.9. Ambas as passagens frisam a obediência. Quando o crente procura andar em obediência a seu Senhor, a especial presença protetora do Deus da paz habita nesse crente. A desobediência torna-nos vulneráveis aos ataques de Satanás.

A falta de obediência na vida do rei Saul foi o motivo por que Deus afastou dele a Sua proteção e permitiu-lhe tornar-se vítima de seus inimigos. Um exemplo é minuciosamente narrado em 1 Samuel 15, texto em que Saul teria poupado os animais dos amalequitas, cuja total destruição fora ordenada por Deus. Quando Saul justificava a não obediência, deixando claro que poupava os animais somente para sacrificá-los a Deus, a resposta de Samuel foi arrasadora: “... Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar. Visto que rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei” (1 Sm 15.22, 23).

Que importantes para nós essas palavras! “Estas cousas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado. Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia” (1 Co 10.11, 12). A presença do Deus da paz conosco para fazer-nos invencivelmente fortes relaciona-se a um caminhar de obediência, com humildade e dedicação. A rebelião, desobediência à vontade de Deus, faz-nos suscetíveis de derrota.

Se você está agindo contra a vontade de Deus, precisa dar fim a essa resistência. O resultado logo será derrota para você e vitória para o inimigo, a não ser que o Deus da paz esteja no controle.

JESUS CRISTO — NOSSA PAZ

“Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz...” (Ef 2.13, 14a). Os nossos calçados da paz repousam no relacionamento que temos com a Pessoa da paz. A fé cristã não é em primeiro lugar um sistema de doutrinas e dogmas que os crentes sigam, apesar de conter doutrinas plenas de significado. A fé cristã é fundamentalmente um relacionamento com a pessoa do Senhor Jesus Cristo. “Ele é a nossa paz.”

Cada peça da armadura representa basicamente a pessoa de Cristo. Quando andamos em paz, estamos andando nEle. Só nEle somos justificados e temos paz com Deus. Cristo é o único que sempre obedece totalmente ao Deus da paz. É em Cristo que podemos orar e receber respostas que nos trazem a paz de Deus. Em última análise, a nossa obediência é possível só em virtude de estarmos “nEle”. É a total obediência que se credita em nossa conta. Quando pela fé permitimos que Ele viva Sua vida em nós, a obediência em nossa vida com base na experiência glorifica-O.

Nada há de mais fundamental ao combate bem-sucedido do que usar os calçados adequados: os calçados da paz. A paz com Deus, a paz de Deus, o Deus da paz e a pessoa da paz, o Senhor Jesus Cristo, são as bases dos calçados que nos permitem estar firmes.

As tentativas de Satanás para derrotar-nos raramente são mais visíveis do que quando ataca a nossa sensação de paz. Sua estratégia é instalar o caos no interior do indivíduo. Alguns dos característicos comuns a todos os que se acham sob ataques satânicos ou demoníacos são a perturbação, a inquietude, a falta de paz que enfrentam. O endemoninhado geraseno, apresentado em Marcos 5, é um trágico estudo no âmbito da falta de paz que Satanás pode causar.

Satanás é também um pérfido pacificador. Ele e seu reino oferecem abundância de pseudo-soluções para a paz. As drogas, o álcool e os tranquilizantes entorpecem a consciência do homem,

fazendo-o entrar num estupor de grande paz, mas quando passa o efeito, o tormento é tão intenso que de novo se é levado a buscar alívio na falsa paz de Satanás. Os sistemas religiosos exóticos são abundantes em nossos dias, prometendo aos adeptos uma paz especial se tão-somente seguirem essas seitas. Durante um tempo, a falsa paz parece funcionar, mas o caos conseqüente está sempre às portas.

Todos os que seguiram Jim Jones e a sua seita, O Templo do Povo, disseram que as reuniões que Jim Jones dirigia eram maravilhosamente calorosas e alegres. Um participante observou que ao freqüentar as reuniões “sentia-se tão bem por dentro”. Mas a sensação revelou-se a falsa paz de Satanás. A História nunca registrou fim mais desagradável, pavoroso e infame de uma seita do que dessa, com as mortes “homicidas-suicidas” de 910 pessoas na selva da Guiana. Um dos soldados que presenciaram aquela terrível cena em Jonestown observou: “Não havia uma única Bíblia”. Isso por si só conta a história. Quando o homem torce a Palavra de Deus ou a lança fora, está descartando a única fonte da verdadeira paz.

APROPRIANDO-SE DA PAZ

Amado Pai celestial, pela fé e em nome do Senhor Jesus Cristo, coloco os calçados da paz. Aceito a Tua declaração de que estou justificado e tenho paz contigo. Que a minha mente possa captar essa maravilhosa verdade com consciência cada vez maior. Agradeço-Te, Senhor, por não precisar carregar nenhuma ansiedade ou sofrer de perturbação ou tormento interiores. Obrigado, Senhor Jesus Cristo, por me teres convidado a revelar-Te todas as minhas necessidades mediante a oração. Ensina-me a esperar em Tua presença até que a paz interior de Deus, que excede o entendimento humano, tome o lugar da minha ansiedade. Desejo conhecer a forte presença da Tua paz. Que andes comigo e digas: “Não tenhas medo: vou ajudar-Te”.

De todo o meu coração, desejo ser obediente à Tua vontade em todo o tempo. Que a plenitude de Cristo, o qual é a minha paz, possibilite-me caminhar nEle de tal forma que a plenitude de Sua paz possa glorificar a Deus por meio de mim. Tomo posse dos calçados da paz em nome do Senhor Jesus Cristo e, pela fé, andarei com eles neste dia. Amém.

OITO

Toda a Armadura de Deus: o Escudo da Fé

*... abraçando sempre o escudo da fé, com o qual
podereis apagar todos os dardos
inflamados do maligno
(Ef 6.16).*

Em nosso vigésimo quinto aniversário de casamento, minha esposa e eu estávamos sentados junto à janela de vidro do restaurante que fica no alto do edifício John Hancock, em Chicago, aclamado na época como o mais alto do mundo. A margem do lago Michigan estendia-se ante a nossa contemplação e, junto com a majestosa silhueta dos edifícios de Chicago, tornava encantadora a nossa noite romântica. Enquanto revivíamos nossos felizes vinte e cinco anos juntos, não nos apercebemos de que uma tempestade acompanhada de raios e trovoadas estava prestes a abater-se sobre nós. De repente, assustamo-nos com uma rajada de relâmpago seguida quase imediatamente pelo estrondo do trovão. A nossa mesa — para ser mais exato, todo o restaurante — parecia tremer. Da posição privilegiada da nossa mesa, ao lado da janela, assistimos à tempestade agitar-se com furor assustador. As nuvens estavam negras. A chuva agitava-se

e revolvia-se com o vento e parecia arrojarse contra o vidro, tentando ferozmente atingir-nos. Os relâmpagos rutilantes e os trovões estrondosos continuaram a acrescentar brilho e som estereofônico à encenação do vento uivante e da chuva em fúria. Foi um tanto amedrontador por um instante; depois, a chuva torrencial acompanhada de trovoadas passou tão repentinamente quanto havia chegado, e o sol poente ressurgiu imprimindo sua glória nas nuvens em retirada.

Desde então, tenho meditado sobre como essa experiência serve de ilustração ao escudo da fé. Podíamos assistir à tempestade, até mesmo sentir um pouco do seu furor, mas ela não nos podia atingir. Estávamos escudados por um espesso vidro projetado para arrostar exatamente esse tipo de tempestade.

O escudo da fé constitui peça importante da armadura do crente. O texto diz que devemos abraçar o “escudo da fé”. A importância do escudo vê-se nas palavras “com o qual podereis apagar *todos* os dardos inflamados do maligno” (o grifo é nosso). Isso é quase tão abrangente quanto possível. *Todas* as flechas ardentes do reino de Satanás podem ser extintas, exterminadas, apagadas com a proteção do escudo. Por trás do escudo, você consegue às vezes enxergar os dardos de Satanás arremessados em sua direção. Pode às vezes ouvir o trovão do seu rugido e sentir o estremecer da sua fúria, mas o escudo é forte o bastante para enfrentar a fúria de Satanás.

ESCUDADO POR TODOS OS LADOS

Um dos motivos por que o escudo da fé é de importância tão vital para o caminhar do crente é que possibilita proteção *total*. A palavra grega correspondente a escudo, *thureos*, transmite a idéia de um escudo enorme. Você pode imaginá-lo como um escudo que o envolva completamente. Salmos 5.12 afirma: “Pois tu, SENHOR, abençoa o justo, e, como escudo, o *cercas* da tua benevolência” (o grifo é nosso). O salmista via o escudo de Deus literalmente cercando o justo, protegendo-o de todos os lados. A proteção do Senhor encontra-se à nossa frente, à nossa retaguarda, acima e abaixo de nós, à nossa direita e à nossa esquerda. O escudo de Deus oferece proteção completa.

Há poucos anos excursionamos ao Space Center Museum [Museu do Centro Espacial], em Huntsville, no estado do Alabama. Tivemos o prazer de ser acompanhados na excursão por um querido amigo, Alfred Finzel. Hoje aposentado, ele foi um dos cientistas alemães que trabalharam com tamanho êxito, juntamente com Werner Von Braun, no projeto espacial norte-americano. Uma das coisas mais fascinantes em exposição naquele museu eram as cápsulas espaciais das inúmeras pesquisas lunares. O ambiente espacial é tão hostil à vida humana, o calor ardente da reentrada na atmosfera terrestre tão intenso, que nenhum ser humano pode sobreviver sem a “proteção de todos os lados” daquelas cápsulas espaciais. Isso retrata o escudo da fé de propriedade do crente. A atmosfera hostil do reino de Satanás é por demais insuportável para sobrevivermos sem o escudo.

Antes de ter permissão para tentar Jó, Satanás reclamou a Deus: “Acaso não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem?...” (Jó 1.10). O escudo de Deus estava lá para proteger Jó da atmosfera hostil do ódio e da fúria de Satanás. A história de Jó dá provas de que Satanás atormentaria e mataria todos os justos, não fosse a proteção do escudo de Deus. Teremos mais a falar sobre como e por que Satanás conseguiu até certo ponto ultrapassar aquele escudo, mas agora é bom salientar quão alta e suficiente era a sebe de Deus.

O OBJETO DA NOSSA FÉ

Outro motivo por que o escudo é de tremenda importância para a vitória encontra-se no objeto da nossa fé. O nosso escudo não é a nossa fé, mas sim o objeto dela. Por si a fé não oferece proteção alguma se o objeto da fé apresentar imperfeições.

Alguns de nós recordam-se da guerra civil que estourou no Zaire quando ainda Congo. Com Moise Tshombe como primeiro-ministro, contrataram-se mercenários estrangeiros para reprimir a rebelião. Os soldados profissionais, bem adestrados eram imbatíveis para os rebeldes congolezes precariamente treinados. Ao serem cada vez mais rachaçados pelos mercenários, os rebeldes começaram a fugir de medo. Desesperados, os líderes da rebelião arquitetaram uma trama. Um preparado de um feiticeiro, à semelhança de pó branco, deveria ser espalhado por todo o corpo de cada soldado integrante da

rebelião. Foram assegurados de que aquela mistura os escudaria das balas dos mercenários. Corajosamente, com toda a fé nesse novo “escudo mágico”, muitos deles ofereceram resistência, às vezes expondo-se abertamente aos atiradores mercenários. Tinham convicção de que seriam escudados pelo “pó mágico”, mas, naturalmente, logo foram exterminados pelas balas do inimigo. A sua fé fracassou porque o objeto dela não tinha poder algum para escudá-los. Provérbios 30.5 afirma: “Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam”.

A fé é nada mais do que o meio pelo qual o crente pode apropriar-se do escudo. Deus é o objeto de nossa fé. Ele é o escudo.

A CONFIANÇA NO ESCUDO

O terceiro motivo por que o escudo é de cabal importância para a nossa vitória é que proporciona ao crente a *confiança* de estar protegido. A existência do escudo significa que Satanás jamais terá permissão de tocar-me? Alguns pensam dessa forma, pelo que parece. A história de Jó deve sempre sepultar tais pensamentos. Satanás teve permissão de ultrapassar o escudo para atingi-lo. Nada confere ao crente a certeza de que não passará por algumas provações do reino de Satanás semelhantes às de Jó.

Como se explicam tais acontecimentos, já que o escudo da fé tem poder de apagar *todas* as flechas incendiadas de Satanás?

A resposta pode ser encontrada examinando-se detidamente a soberania dos feitos do nosso Senhor. As flechas ardentes de Satanás têm sempre por alvo ferir e destruir o crente. Ele é simplesmente implacável e arrasadoramente cruel em seus ataques.

Uma excelente família, que tinha Cristo como centro de sua vida, escreveu-me contando a respeito das inquietações da filha de idade universitária. Ela dava mostras de ser dedicada em sua fé no Senhor. Atraente e brilhante, nos testes de inteligência atingia quase sempre o nível de gênio. Parecia que seu futuro seria esplêndido, antes de deparar-se com o desafio de Satanás. Citarei o que sua mãe disse na carta:

Ela começou tendo noites muito tumultuadas e freqüentemente vinha correndo, apavorada, para o nosso quarto, afirmando ter tido um pesadelo, pedindo para dormir no chão, ao lado de nossa cama [...]. Contou-nos histórias de realmente arrepiar os cabelos sobre as visitas de Satanás, à noite, que escarnecia dela e tentava incitá-la a aceitar tanto o seu “amor” físico quanto o seu modo de vida [...]. Ela está agora morando com uma irmã, a qual nos disse que ela não dorme mais à noite, mas permanece acordada a noite toda para depois dormir durante o dia. Até duas semanas atrás, não podia ficar a sós à tardinha ou à noite, porque o pavor era insuportável. Ela disse para a irmã que, à noite, em seu quarto, não via apenas Satanás mas muitos demônios. Disse que esses demônios corriam de um canto a outro do quarto e rastejavam, subindo a cabeceira da cama para olhar seu rosto de perto.

Quão hediondo e atormentador Satanás pode ser! No caso dessa jovem, seu psiquiatra cristão constatou que ela “estava tendo problemas de identidade e também passando por opressão demoníaca”. O propósito fundamental de Satanás seria destruir, arrasar, ferir, atormentar e matar-nos se Deus permitisse. Quanto a Jó, disse Deus a Satanás: “... Eis que ele está em teu poder; mas poupa-lhe a vida” (Jó 2.6). Isso deixa bem claro que, não fora o escudo de Deus, Satanás teria matado a Jó como fez com a família dele.

O OBJETIVO DO SENHOR COM A BATALHA

“Mas, e o objetivo de Deus?” devemos perguntar. Tanto a Palavra de Deus quanto a vida mostram de modo claro que Deus às vezes deixa mesmo que Satanás cause danos aos crentes, a despeito do escudo da fé e do restante da armadura. Qual é o objetivo de Deus e que acontece com as flechas de Satanás?

Quando as flechas incendiadas ultrapassam o escudo da fé — caso, em Sua soberania, Deus permita que assim se suceda — deixam de ser flechas ardentes de Satanás. Em lugar disso, tornam-se mensageiros do amor de Deus na função de nos refinar e purificar.

O fogo pode ou destruir, ou refinar. O edifício de apartamentos

onde moravam alguns amigos incendiou-se. Na manhã seguinte, transitei com meu amigo pelos restos do apartamento destruído pelo fogo, para ver se podíamos recuperar alguma coisa. A destruição fora tremenda. Tudo se queimara. Todas as lembranças da vida inteira, todas as roupas.

Entretanto, o fogo também pode ser purificador. Lembro-me de quando jovem fundir chumbo para despejá-lo em várias formas e moldes. Eu adorava esquentar o maçarico a tal ponto que o metal fundido parecesse transparente. Quanto mais o esquentava, mais as impurezas latentes vinham à tona e tinham de ser eliminadas, sempre deixando o metal mais puro do que antes.

Isso ilustra o que Deus está fazendo quando permite que algumas flechas incendiadas de Satanás atravessem o Seu escudo. Debaixo de Seu olhar soberano, Ele jamais permite que a obra de Satanás vá além daquilo que Ele pretende. Tiago 1.2-4 diz: “Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes”. Em 1 Pedro 1.6, 7 afirma-se: “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado, muito mais precioso do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo...”.

Medite na garantia de 1 Coríntios 10.13: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”.

PERMANECENDO CONCENTRADOS EM DEUS

Devemos permanecer concentrados em Deus e nunca em Satanás. Eis um perigo sempre presente. Não podemos ficar tão cientes do poder de Satanás a ponto de estar sempre “lutando contra o diabo” em vez de estar “servindo ao Senhor”.

Outra vez, Jó nos serve de ótimo exemplo. Todos os sofrimentos e problemas de Jó procediam diretamente das mãos de

Satanás. No entanto, ao discutir sobre o seu tormento com os três amigos e mesmo com o Senhor, seus pensamentos, suas palavras e suas esperanças concentravam-se em Deus. Jó nunca sequer atribuiu a Satanás a causa de seu padecimento. Mantinha os olhos fitos no Senhor e, por fim, obteve a vitória.

Quando sob o ataque de Satanás — mesmo quando estamos resistindo a ele e a seus objetivos — precisamos estar agradecendo a Deus o propósito que Ele tem em permitir a batalha. Satanás procura causar mal e ferir, mas Deus tem por objetivo aperfeiçoar o crente e fazer dele um servo mais forte. Por intermédio de Jeremias, o Senhor disse a Israel: “... eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão...” (Jr 18.6). Esse é um princípio bíblico que devemos respeitar e jamais esquecer. Assim como o domínio do fogo é um de nossos maiores recursos, da mesma forma o fogo das aflições de Satanás controlado pelas mãos de Deus está em nossa vida para nosso bem.

Há não muito, um pastor contou-me de seu trabalho com uma mulher que vivera anos de horrendas aflições satânicas. Tudo começara na infância. Ela lembrava-se de que, nos momentos mais inesperados, sobrevinham-lhe fúrias incontroláveis. Na idade adulta, os problemas agravaram-se. Um casamento difícil, a infidelidade que levou ao adultério e a culpa resultante contribuíram para o problema. Após a morte do marido, desesperada para encontrar respostas, envolveu-se de modo um tanto profundo no espiritismo. Esse envolvimento acelerou-lhe as dificuldades com o mundo dos demônios.

Bastava entrar no banheiro, e começava a ter pensamentos vulgares, saltando-lhe dos lábios um linguajar obsceno. Incessantemente era atormentada por vozes do mundo espiritual que lhe ordenavam e a induziam a cometer certos atos. Quando a experiência atingira o ponto máximo, o pastor entrou em cena. A primeira reação da mulher foi evitá-lo — por indução das vozes — mas, durante um ataque doloroso, finalmente procurou a ajuda do pastor.

Não muito certo de como proceder, o pastor gastou muito tempo tentando conduzi-la a Cristo, mas deparou-se com uma terrível oposição das forças das trevas. Quando o caminho da salvação lhe foi

explicado, ela quase não resistiu às vozes perturbadoras e à confusão. Tudo o que podiam fazer era continuar com muita paciência e oração. Por fim, houve uma ruptura, e ela pôde orar aceitando a Cristo. Seguiram-se alívio e tranqüilidade, mas não por muito tempo.

O pastor contou que chegara às suas mãos um exemplar de *O Adversário* e, com alguns amigos crentes, procurou libertar essa mulher sofredora de seus tormentos. Ousadamente, enfrentaram o inimigo. Várias forças demoníacas identificaram a sua presença e receberam a ordem de sair. Várias sessões de oração e combate prolongados se fizeram necessárias, mas hoje essa mulher está liberta, alegrando-se no Senhor. Às vezes pode ainda ouvir vozes, mas são bem distantes e praticamente inaudíveis, como que havendo um grande escudo entre ela e as vozes. Antes de saírem, algumas ameaçaram voltar se alguma vez ela apostatasse e lhes abrisse uma brecha, mas ela está decidida a memorizar a Palavra e a caminhar com o seu Senhor. Resolveu manter a mente concentrada no Senhor e em Sua Palavra, e não no inimigo. Esse é um dos segredos da vitória constante. Jamais devemos ficar “pré-ocupados” com o inimigo, mas sim ocupados completamente do Senhor e de Sua Palavra.

O CARÁTER MORTAL DA BATALHA

Precisamos identificar o caráter mortal da batalha em que o crente se encontra. Vários tradutores lançam mão de linguagem de forte realismo para designar o que Satanás lança contra nós. “Dardos inflamados”, “flechas ardentes”, “flechas incendiadas”, todos transmitem o caráter grandemente furtivo e mortal das intenções do maligno.

A tática de usar flechas inflamadas no combate é quase tão antiga quanto a própria guerra. Na época em que as cidades eram cercadas de muros, se as tropas de ataque conseguissem arremessar por sobre as muralhas flechas inflamadas suficientes para iniciar um incêndio, a batalha ficava mais fácil. Se as tropas dentro da cidade ocupassem seu tempo tentando apagar o fogo, não conseguiriam proteger-se contra as tropas que estavam obtendo sucesso.

Isso se assemelha muito à estratégia de Satanás contra nós. Nada lhe agrada mais do que manter-nos ocupados combatendo o

fogo, em vez de resistir-lhe e manter a nossa atenção voltada para o nosso Salvador. Seu objetivo não é apenas destruir-nos, mas desviar-nos — causar pânico e pavor. Se conseguir pôr fogo na cidade e distrair a nossa atenção, poderá então entrar e assumir o comando.

A ameaça de fogo é uma realidade para muitos que vivem nos belos desfiladeiros do sul da Califórnia. Isso se mostrou real sobretudo no fim do verão e no outono de 1978. Fortes chuvas no começo da primavera haviam formado exuberantes pastos e moitas em todas as encostas. Os meses secos de verão e os ventos de Santa Ana vindos do deserto fizeram de cada desfiladeiro um barril de pólvora pronto a explodir. Incêndios enormes percorreram vários desfiladeiros, queimando, em poucos instantes, centenas de belas casas. O forte calor fez com que quase tudo que o fogo encontrasse praticamente explodisse. Ainda assim, houve lares poupados, em geral porque seus donos haviam delineado uma forma de escudar suas casas contra as chamas. Um deles havia inventado um amplo sistema de aspersão de água, posto em funcionamento por meio de uma bomba movida a gasolina que puxava água da piscina da família. À medida que o fogo se aproximava e o ar vinha carregado de flechas incandescentes arremessadas pelos fortes ventos, o sistema de aspersão de água era ativado, ensopando completamente a casa, o telhado, os arbustos e as árvores e as áreas ao redor da casa. Todas as flechas eram apagadas ao entrar em contato com o escudo d'água. Embora todas as outras casas da região tivessem sido destruídas, aquela com o escudo d'água cuidadosamente preparado ficou intata. Lendo esse relato nos jornais, não pude deixar de estabelecer o paralelo com o combate espiritual. A presença do escudo não faz cessar o fogo, mas com certeza assegura que não haverá dano algum. Todo o fogo é extinto.

APROPRIANDO-SE DO ESCUDO

Meditemos agora sobre o que vem a ser esse escudo e sobre como nos apropriamos de sua proteção. O escudo da fé em plenitude de significado é a soberana onipresença de nosso Deus trino.

Deus fez uma promessa a Abraão: “Depois destes acontecimentos veio a palavra do SENHOR a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu *escudo*, e teu galardão será

sobremodo grande” (Gn 15.1; o grifo é nosso).

Por meio de Moisés, Deus disse a Israel: “Feliz és tu, ó Israel! Quem é como tu? povo salvo pelo SENHOR, *escudo* que te socorre, espada que te dá alteza. Assim os teus inimigos te serão sujeitos, e tu pisarás sobre os seus altos (Dt 33.29; o grifo é nosso).

Num dos cânticos de ações de graça de Davi, ele cantou: “... O SENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o *meu escudo*, a força da minha salvação [...]. Também me deste o *escudo* do teu salvamento, e a tua clemência me engrandeceu” (2 Sm 22.2, 3, 36; os grifos são nossos). Há dezenas de alusões nos salmos ao fato de que o próprio Senhor é o nosso escudo.

Satanás é um ser criado, incapaz de sobrepujar a pessoa e a presença do Senhor. É um grande consolo saber que o nosso escudo da fé é o poder magnífico e a pessoa do próprio Senhor.

Pela fé tomamos consciência da presença do Senhor entre nós e o inimigo. Perceba que o escudo é “o escudo *da fé*” e que o texto diz: “... com o qual [vós] podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno” (Ef 6.16; o grifo é nosso). *Vós*, os crentes, tendes participação na extinção dos dardos inflamados, e o escudo *da fé* requer a ação da nossa fé para que seja eficaz.

Devemos participar ativamente em nosso combate. A proteção do escudo é algo de que devemos nos apossar e usar diariamente.

Alguns crentes questionam a necessidade de se revestir diariamente com cada peça da armadura. “Por que tenho sempre de reivindicar e apropriar-me destemidamente da minha armadura? Será que isso não se torna um hábito ou uma ‘vã repetição’?”

Muitas vezes deparo-me com esse tipo de pergunta e lembro quem as formule de que nenhum de nós pensaria em não se vestir todos os dias só porque fazê-lo seja repetitivo. Vestimo-nos por não querer ficar envergonhados com a nossa nudez ao sair para enfrentar o mundo. Quão mais necessária não há de ser a vestidura espiritual. Há muito mais em jogo do que apenas a vergonha. Estamos numa guerra contra um inimigo mortal que tirará vantagem da nossa falta de armadura.

Pode ser que você diga: “Mas, por que o Senhor planeja as coisas dessa forma? Por que não me concedeu uma armadura que eu

não precise reivindicar todos os dias?”. Em parte, a resposta acha-se possivelmente na provisão do maná, feita por Deus no Antigo Testamento. O Senhor queria que os israelitas o recolhessem diariamente. Qualquer porção juntada em excesso, salvo quando para ser usada no sábado, sempre estragava. Tinha de ser juntada novamente para sustê-los e conceder-lhes a bênção. Recolher o maná a cada dia lembrava o povo que aquilo provinha de Deus; era suprimento Seu, sinal de Sua bondade. O Senhor cria, em todos os Seus tratamentos conosco, provisões que exigem comunhão e apropriação diárias de Sua graça. Poderá haver vezes em que vestiremos cada peça rapidamente e sem pensar. Mas, haverá outras vezes em que meditaremos detidamente no significado de cada peça da armadura, o que resultará em adoração de amor ao nosso Senhor.

OS ANJOS PROTETORES

Os anjos desempenham um papel muito mais importante em escudar-nos do que a maioria de nós percebe. Hebreus 1.14 afirma: “Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação?”.

O salmista prometeu: “Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te *guardem* em todos os teus caminhos” (Sl 91.11; o grifo é nosso).

Em textos assim, a expressão *anjo protetor* assume um significado importante. Os anjos desempenham um papel vital na execução do plano soberano de Deus de escudar-nos das flechas de Satanás. Por se tratar de seres espirituais, os anjos não estão como nós restritos ao mundo físico. Eles vêem os anjos decaídos, quando nos atacam, e têm condições de avançar sobre eles.

Uma cena notável do ministério dos anjos protetores pode ser vista na história de Eliseu, em 2 Reis. O rei da Síria queria pôr sua estratégia em ação contra o rei de Israel, mas, toda vez que planejava o ataque, o rei de Israel tomava conhecimento deles e os frustrava. Indignado, o rei da Síria teve certeza de que alguém dentre os próprios soldados estaria cooperando com o rei de Israel. Um de seus servos respondeu: “... Ninguém, ó rei meu senhor; mas o profeta Eliseu, que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que

falas na tua câmara de dormir” (2 Rs 6.12).

Sabendo disso, o rei da Síria enviou um forte contingente de tropas com carros e cavalos para cercar a cidade de Dotã e capturar e destruir Eliseu.

Na manhã seguinte, quando o servo de Eliseu viu a cidade sitiada, ficou com muito medo, mas, quando avisou Eliseu, o profeta estava tranqüilo e respondeu: “... não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2 Rs 6.16).

Eliseu pediu que o Senhor permitisse a seu servo ver a proteção das hostes angelicais, e repentinamente o servo viu os montes cheios de cavalos e carros de fogo em volta de Eliseu. Quando se aproximaram as tropas inimigas, foram cegadas pelo exército do Senhor e desviadas de seu trajeto, derrotadas.

Os anjos agem mais a nosso favor do que a maioria de nós jamais se apercebe. Hebreus 13.2 lembra-nos: “Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos”. Os anjos travam batalha com as forças das trevas, em Daniel 10. O santo anjo que foi até Daniel havia combatido com um anjo caído chamado “o príncipe do reino da Pérsia”. Até Miguel, um dos principais anjos santos, tomou parte, e há alusão a mais uma batalha com o príncipe persa e com o príncipe da Grécia (vv. 15-21).

Ao abraçar o seu escudo da fé, peça a presença dos santos anjos para protegê-lo. Saber que os anjos estão nos montes ao seu redor quando você enfrenta o inimigo tranqüiliza muito. Eliseu não precisava de proteção mais do que nós. Quem quer que esteja tratando dos assuntos do Senhor é alvo de destruição.

O SANGUE DE CRISTO

Não devemos jamais nos esquecer de que o sangue de Jesus Cristo é o fundamento para que o nosso santo e justo Pai celestial aceite o crente. “... no qual temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça [...]. Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo (Ef 1.7; 2.13). Versículos como esses harmonizam-se com 1 Pedro 1.2, 19 e Hebreus 9.7-14, para demonstrar que é pelo sangue de Cristo que Deus pode aceitar-nos.

O sangue de Cristo é poderosamente eficaz em derrotar Satanás. Em Apocalipse 12.11 uma grande voz do céu anuncia a derrota de Satanás e a vitória dos remidos nestas palavras: “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida”.

A morte de Cristo, por meio do derramamento de Seu sangue, serve-nos de escudo eficaz. Hebreus 2.14, 15 afirma: “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida”.

Que escudo perfeito e completo temos! Extingue todos os dardos inflamados de Satanás, se o usarmos. O crente que não usar o escudo estará permitindo que algumas das flechas incendiadas de Satanás recaiam sobre si mesmo.

EMBRAÇANDO O ESCUDO

Amado Pai celestial, pela fé aproprio-me da proteção do escudo da fé. Conto com a Tua santa presença para envolver-me como uma cápsula, oferecendo proteção total contra todos os dardos inflamados de Satanás. Concede-me a graça de aceitar o Teu propósito que aperfeiçoa ao permitir que algumas das flechas de Satanás ultrapassem o escudo, e mesmo de louvar-Te por isso. Ajuda-me a estar concentrado na Tua presença e não nos dardos do inimigo.

Em nome do Senhor Jesus Cristo, reivindico a proteção dos santos anjos para que me guardem e protejam dos ataques do reino de Satanás. Que esses anjos ministradores estejam presentes para frustrar a estratégia de Satanás de prejudicar a mim e à minha família. Aproprio-me da vitória do sangue do Senhor Jesus Cristo e a mantenho contra as tentativas de aproximação do maligno. Com gratidão e louvor, em nome do Senhor Jesus Cristo, regozijo-me na Tua vitória. Amém.

NOVE

Toda a Armadura de Deus: o Capacete da Salvação

Tomai também o capacete da salvação...
(Ef 6.17a).

*E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos
pela renovação da vossa mente, para que experimenteis
qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*
(Rm 12.2).

Em *The Strategy of Satan* [A Estratégia de Satanás], Warren Wiersbe relata as quatro vezes no Antigo Testamento em que Satanás assediou alguém. O primeiro dos estudos discorre sobre a tentação de Eva no jardim. A primeira estratégia de Satanás, conforme registrado em Gênesis 3.1-7, tinha por alvo a mente de Eva. O apóstolo Paulo encara esse assédio como uma das principais estratégias de Satanás. Em 2 Coríntios 11.3 ele afirma: “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (o grifo é nosso).

A MENTE ASSEDIADA

O alvo de Satanás é a nossa mente. Suas armas são suas mentiras sutis e inteligentes (Gn 3.1-7; Jo 8.44; Rm 1.25). Suas mentiras são tão brilhantes, que temos pouca defesa contra elas, a não ser que conheçamos profundamente a verdade. Satanás quer manter-nos ignorantes da verdade de Deus para poder controlar-nos a mente.

Um pai canadense, abatido, veio procurar-me. Homem beirando setenta anos, contou-me a triste história de sua filha.

Nos anos da adolescência e juventude, a filha fora aluna brilhante. Conquistara a maior parte dos prêmios escolares ao longo dos anos de formação intelectual. A habilidade como datilógrafa permitiu-lhe, por um triz, chegar a ser o novo recorde mundial de velocidade em datilografia. Ela era cheia de alegria e tinha um gosto de viver que a tornava atraente a todos.

Mas, no íntimo, o coração era um vazio; uma lacuna que ansiava preencher. O pai, como ele mesmo admitia, era pelo menos agnóstico, se não ateu perfeito. O casamento dele acabara em divórcio, e os firmes laços familiares foram tremendamente prejudicados. Desprovida de valores espirituais, a filha brilhante começou a buscar algo que lhe preenchesse o vazio.

Estudou o misticismo oriental e envolveu-se profundamente no movimento Hare Krishna. Durante um período, seguiu a meditação transcendental com fervor religioso e casou-se com um homem envolvido com o misticismo oriental. Sua caderneta de poupança no valor de 5 mil dólares foi entregue a ele, a fim de que pudesse ir à Índia ter aulas com um renomado professor. Após retornar dos estudos, ambos começaram a ter experiências com o oculto, envolvendo-se em sessões espíritas e outras práticas de feitiçaria. Quando alguns contatos assustadores com o mundo dos espíritos começaram a atormentá-la no decorrer dessa experimentação, ela teve uma experiência cristã superficial a que dava o nome de “nascido de novo”. Parece não haver dúvida de que não se tratava do “novo nascimento” espiritual de que falou o nosso Salvador. O fruto dessa experiência foi excesso de fanatismo e a continuação de um viver pecaminoso.

A confusão começou a exercer controle sobre sua mente. Não

conseguia emprego, entrando e saindo de vários hospitais psiquiátricos. Ela e o marido viviam juntos apenas esporadicamente. A criança teve de lhe ser tirada em virtude de sua negligência, e ela prontamente a colocou à disposição de quem a quisesse adotar. Embora sua inteligência fosse ainda notada, a mente parecia não mais lhe pertencer. Vozes externas diziam-lhe o que fazer, e a confusão fez com que sua alma indefesa ficasse instável e incapaz de funcionar. O pai perturbado, ainda incrédulo, perguntou se a igreja poderia prestar algum auxílio à filha.

Casos como esse multiplicam-se em nossos dias. Atualmente estou trabalhando com pelo menos meia dúzia de casos quase idênticos. Mentes sãs, em geral brilhantes, tornam-se irremediavelmente confusas e desorientadas. Muitas vezes, a pessoa atormentada fica relutante em buscar ajuda por conta própria. Não entende por que todos ficam abalados com seu comportamento excêntrico. Tudo que quer é que a deixem em paz para que possa continuar vivendo irresponsavelmente. Quando isso acontece, uma pessoa assim torna-se um fardo pesado para a família e a sociedade.

O apóstolo Paulo parecia ter em mente essas crises quando disse a Timóteo que disciplinasse “com mansidão” essas pessoas “na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade” (2 Tm 2.25, 26). O destaque conferido a “instruindo com mansidão”, “conhecerem a verdade” e “retorno à sensatez” parece dar indícios de que o problema é o de engano; creram em algo que é infundado para ser verdade.

Para fazer retornar uma pessoa de um estado como esse, primeiramente certifique-se de que é mesmo salva. Em seguida, coloque-a sob os cuidados de um cristão bem instruído. O ensino sistemático da verdade de Deus encontrada na Bíblia, a memorização de partes consideráveis da Palavra e a instrução cuidadosa sobre o combate espiritual são os três passos mais importantes ao se ajudar uma pessoa a libertar-se de problemas dessa natureza.

PROTEGENDO A MENTE

Do ponto de vista físico, a cabeça é um dos órgãos mais vulneráveis do homem. Não somente os soldados devem usar capacetes. Pedreiros, motociclistas, jogadores de futebol americano e até de beisebol, ao rebaterem a bola, usam capacetes de proteção. Se a cabeça sofrer lesões graves, todo o corpo começa a funcionar de forma irregular.

Não há muito, um jovem de nossa igreja sofreu um acidente na indústria em que trabalhava. Um pesado barril caiu de uma altura de 12 m, fraturando-lhe as costas em vários lugares. Mesmo com os graves ferimentos no corpo, ele provavelmente se teria recuperado não fossem as enormes lesões no cérebro. Quando o cérebro começou a debilitar-se, não demorou muito até que todos os demais órgãos do corpo também desvanecessem, redundando em morte.

No campo espiritual ocorre o mesmo. Se Satanás consegue prender a mente com mentiras, passa a exercer controle e a destruir a pessoa por inteiro. Se a mente se esvai, tudo se esvai.

Em meus dias de seminarista, trabalhei em construção, num projeto do governo. Uma regra havia sido imposta com firmeza. Ninguém poderia ficar sem capacete em ponto algum daquela enorme construção. Não usá-lo era motivo de demissão no ato. Com a mesma insistência, o apóstolo Paulo instrui-nos a usar o capacete da salvação.

Muitas passagens bíblicas advertem-nos quanto à nossa vulnerabilidade mental aos expedientes sutis de Satanás. Tiago 1.8 adverte que um “homem de ânimo dobre” é “inconstante em todos os seus caminhos”. Ter ânimo dobre é tentar viver com duas mentes. É uma espécie de esquizofrenia espiritual; a mente divide-se em duas partes. Uma crê na verdade; a outra, nas mentiras de Satanás.

Quando Davi orou “... unifica meu coração para temer o teu nome” (Sl 86.11, BJ), ele estava mostrando a consciência que tinha do problema do ânimo dobre no campo espiritual. Devemos também estar conscientes da tendência de ter fé nisso e não ter fé naquilo, desejar ser vitorioso aqui mas ser pecaminoso lá, querer cumprir a vontade de Deus até certo ponto, mas não realizar a vontade dEle depois daquele ponto. Se Satanás não puder controlar toda a sua mente, já ficará bastante satisfeito em tomar a parte que você lhe

permitir. Ele sabe que mais tarde conseguirá mais.

AS ESTRATÉGIAS DE SATANÁS PARA CONTROLAR A MENTE

Efésios 2.1-3 deixa claro que antes de nos convertermos estávamos sob o domínio do “príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência”. “Vós éreis outrora estrangeiros e inimigos, pelo *pensamento* e pelas obras más...”, afirma Colossenses 1.21 (BJ; o grifo é nosso).

Romanos 8.6, 7 afirma: “Ter a mente controlada pela natureza humana produz morte; mas ter a mente controlada pelo Espírito produz vida e paz. Por isso o ser humano se torna inimigo de Deus quando a sua mente é controlada pela natureza humana. Porque ele não obedece à Lei de Deus e de fato não pode obedecer a ela” (BLH). Assim como Satanás é inimigo de Deus, assim também o domínio que exerce torna a nossa mente inimiga de Deus.

Satanás pode controlar a mente do cristão. Ananias e Safira eram cristãos verdadeiros e faziam parte da igreja primitiva. Sofreram a mais rígida disciplina de Deus, a morte, porque, como diz Pedro, “... encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo...” (At 5.3). Satanás ataca a mente do cristão de forma implacável e impiedosa. Parece ter o poder de projetar seus pensamentos em nossa mente de sorte que pensemos que os seus pensamentos são os nossos pensamentos. Foi o que ocorreu a Ananias e Safira. Pensaram que a manobra para ficar com parte do dinheiro de sua propriedade, dizendo, no entanto, aos discípulos que estavam dando tudo ao Senhor, fosse idéia deles, mas não era. Era mentira de Satanás, projetada em suas mentes; e eles acreditaram nela, pondo-a em prática.

Um cristão compartilhou que era perturbado por pensamentos que em geral lhe ocorriam quando estava orando. De repente começava a pensar: “Ore a Satanás! Ore a Satanás!”. Sentia-se extremamente culpado de ter pensamentos assim hediondos. Ficou tremendamente aliviado ao perceber que os pensamentos eram projetados em sua mente pelo reino de Satanás e que não era responsável por eles. Tinha responsabilidade apenas de resistir-lhes e

rejeitá-los, ordenando que as forças das trevas o deixassem, em nome de Jesus, dirigindo-se para onde o Senhor Jesus Cristo as enviasse.

JESUS CRISTO — NOSSO CAPACETE

Quando o idoso Simeão tomou o menino Jesus nos braços e louvou a Deus, uma das suas manifestações de louvor foi: "... os meus olhos já viram a tua salvação..." (Lc 2.30). A salvação era uma pessoa que Simeão podia enxergar e segurar nos braços. O salmista manifestou: "O SENHOR é a minha luz e a minha salvação..." (Sl 27.1). Pedro declarou: "E não há salvação em nenhum outro..." (At 4.12). Mais do que condição ou estado, a salvação é uma pessoa.

Um amigo meu vem dispensando a maior parte da vida testemunhando de Cristo aos judeus. Se um judeu lhe diz: "Nem sequer uma única vez o nome de Jesus é citado no Antigo Testamento como nome do Messias", ele tem o prazer de aludir, na Bíblia hebraica, a um versículo das Escrituras em que conste a palavra *salvação*. Se o judeu souber hebraico o suficiente, ele pede que pronuncie a palavra *salvação* em hebraico. A palavra é *Yeshuah*, que significa segurança, libertação ou salvação; e *Yeshuah* é também o modo como se pronuncia o nome de Jesus em hebraico. Toda vez que um judeu lê a palavra *salvação* em idioma hebraico, está proferindo o nome de Jesus. José recebeu do anjo o aviso sobre a criança que Maria daria à luz: "... e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Ele é nossa salvação; a salvação é uma pessoa.

A salvação propriamente dita depende de que outra pessoa o resgate de uma situação em que você se veja impotente. Quando jovem, num dia bem quente de verão, fui nadar com vários primos e irmãos numa cascalheira da região. A água, embora muito fria perto do fundo, era bastante aquecida pelo sol que batia na superfície e ideal para se nadar. Resolvemos atravessar o fosso a nado, numa distância aproximada de 45 m, para ver quem conseguia atravessar mais rapidamente. Na época, eu não era lá muito bom nadador e quando comecei a ficar para trás e cansado, resolvi nadar de volta ao ponto de partida. Mas eu me estava cansando muito rapidamente e comecei a entrar em pânico, o que contribuiu para a minha fadiga. Achei que

não fosse conseguir. Por fim, quando minha força parecia exaurir-se, pensei estar perto da margem o bastante para parar de nadar e prosseguir caminhando. Baixei os pés, mas não consegui tocar o fundo, e dei um impulso em direção à superfície. Com água nos pulmões, fraco demais para nadar, eu ia afundar pela segunda vez quando fui avistado por um homem à margem. Imediatamente ele entrou na água, estendeu a mão forte em minha direção, e eu a segurei com toda a força que me restara. Arrastou-me até a margem, e fui salvo. Ele foi a minha salvação. Não havia mais o que eu pudesse fazer para salvar-me. Naquela hora, precisei de um salvador que não me deixasse afogar.

É assim com todo aquele que é salvo de seus pecados. Estávamos perdidos e destruídos. Íamos afundar pela última vez e nada podíamos fazer para salvar a nós mesmos. Precisávamos de salvação — uma pessoa para estender Suas mãos com as cicatrizes dos pregos e impedir que perecêssemos para sempre. Foi isso que Jesus Cristo fez. Ele é a nossa salvação.

Após nos convertermos, ainda permanecem áreas em que somos incapazes de salvar-nos. Uma dessas áreas é a mente. Precisamos do capacete da salvação para proteger-nos a mente dos pensamentos e pontos de vista projetados por Satanás e suas forças demoníacas.

COMO O CAPACETE PROTEGE

A melhor forma de manter os pensamentos de Satanás do lado de fora é manter os pensamentos de Cristo do lado de dentro. Tão certo quanto Satanás pode “encher os nossos corações”, tanto mais o Senhor Jesus pode encher-nos a mente com Seus pensamentos. Ao contrário de Satanás, contudo, o Senhor Jesus não invade o lugar ao qual não é convidado. Eis por que cabe a nós convidar o Senhor Jesus Cristo a capacitar-nos a pensar como Ele. É uma daquelas responsabilidades da graça que temos por dever a cada instante. É por isso que memorizamos a Palavra de Deus. Faz parte do vestir a armadura.

Ao longo do dia, portanto, deve-se ficar atento para se preservar essa postura de fé. No momento em que nos ocorrer um pensamento que identifiquemos como de origem carnal ou satânica, é

aconselhável dizer: “Em nome do Senhor Jesus Cristo, rejeito este pensamento por ser errado. Peço que o meu Senhor Jesus Cristo o substitua por Seus pensamentos”.

Não há meio mais seguro de introduzir em nós a mente de Cristo do que introduzir a Sua Palavra em nossa mente. Com freqüência afirmamos que Jesus Cristo é a Palavra viva de Deus e que a Bíblia é a Palavra escrita de Deus. As Escrituras apresentam uma correlação maravilhosa entre a pessoa de Cristo e a palavra de Cristo.

Quando se memoriza a Palavra de Deus, de fato, está-se procedendo uma interiorização mental da mente de Cristo. Essa Palavra torna-se um capacete de salvação para a mente e o coração. Davi descobriu isso muito antes de Jesus vir à terra. “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119.11). Davi estava introduzindo em si a mente de Cristo, antes mesmo que a pessoa de Cristo Se houvesse manifestado mediante a encarnação. Se você quer mesmo proteger a mente do controle de Satanás, deve enchê-la da Palavra de Deus.

Lester Roloff, de Corpus Christi, no estado do Texas, desenvolveu um notável ministério com meninos e meninas delinqüentes, toxicômanos e alcoólatras. Muitas vidas em caos foram endireitadas e recuperadas por meio de suas instituições. Um dos segredos do sucesso foi a rígida disciplina administrada com amor. Os internos tinham de agir em conformidade com a disciplina: evitar todas as substâncias que exercessem efeito narcótico sobre o corpo, respeitar as autoridades, trabalhar e estudar, louvar a Deus e orar e, o mais importante, memorizar a Palavra de Deus. Decoravam capítulos inteiros da Palavra de Deus. As vidas espantosamente transformadas mediante esse ministério servem de testemunho da importância de guardar a Palavra na mente.

O poder da Palavra de Deus é essencial para o combate espiritual. Aqueles cujas mentes são atormentadas pelos ataques de Satanás precisam da Palavra de Deus em suas mentes. A coisa mais eficaz que você pode fazer por alguém tão atormentado é ajudá-lo a memorizar a Escritura.

A ESPERANÇA SERVE DE ESCUDO PARA A MENTE

Em 1 Tessalonicenses 5.8, 9, o apóstolo Paulo afirma: “Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e amor, e tomando como capacete, a *esperança* da salvação; porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo...” (o grifo é nosso). Aqui o capacete da salvação é intitulado a esperança da salvação.

Você já se perdeu numa floresta? Que experiência assustadora! Certa vez, numa expedição de caça de alces, fiquei perdido a maior parte do dia. Ao sairmos do acampamento naquela manhã, o nosso instrutor apontou para uma depressão de terreno a quilômetros acima da linha imaginária nas montanhas sobre a qual não crescem árvores e explicou que nos encontraríamos lá em determinada hora da tarde. Se algum de nós se separasse do companheiro de caça, o instrutor iria em direção à depressão. Ele prometeu encontrar-se conosco lá e guiarnos de volta ao acampamento.

Recebemos instruções de nos afastar uns cem ou duzentos metros uns dos outros para que nos deparássemos mais facilmente com os alces. Mas isso tornou difícil que um dos companheiros de caça conseguisse manter o outro à vista, e não demorou muito para que eu me separasse de meu companheiro. A floresta era tão imensa, que não consegui mais enxergar a depressão à distância. Ainda por cima, as nuvens cobriram o sol, e perdi o senso de direção. A única coisa que fazia crer estar na direção correta era que eu continuava indo para cima. Após várias horas caminhando e escalando, muito mais do que caçar, o meu interesse se estava voltando simplesmente para a esperança de que alguém me encontrasse. Não tinha a mínima idéia de como encontraria o caminho de volta ao acampamento.

Por fim, ultrapassei a linha imaginária, avistei a depressão, caminhei até lá e sentei-me numa grande pedra, à espera. Várias horas passaram-se, mas nem sinal dos caçadores. Para aumentar a minha aflição, o céu escureceu-se e começou a nevar bem de leve.

Tenho certeza de que naquele instante eu teria entrado em pânico não fosse por um fator. Eu tinha esperança de que o meu instrutor iria buscar-me. Ele prometera. Ele nos dissera em que local esperar. Eu tinha certeza absoluta de estar na única depressão rochosa

de toda aquela região; portanto, ele deveria chegar ainda que achasse que já passava da hora de estar lá. A neve começou a cair com maior intensidade. Eu estava com frio e sabia que, se nevasse muito forte, estaria irremediavelmente perdido e provavelmente morreria sem ajuda, por estar exposto à neve. O que me deixava confiante era a esperança de que o meu instrutor chegaria.

Finalmente, antes do anoitecer, lá em baixo, enxerguei um homem escalando em minha direção. Era o nosso instrutor. Cumprira o prometido. Os demais caçadores haviam regressado por causa da neve, mas ele viera com o meu companheiro de caça para achar-me. Fiquei tão contente de vê-los. Eu havia ficado doente por causa da altitude e do esforço em excesso e não pude mais sair desacompanhado. Pela manhã, já sessenta centímetros de neve haviam caído sobre o nosso acampamento, e tínhamos de deixar as montanhas antes que a neve nos impedisse de voltar.

Essa experiência ajuda a ilustrar a esperança da salvação. Cristo é a nossa salvação e a nossa esperança. Está vindo resgatar-nos. No momento em que retornar, isso será uma verdade, mas é verdade também em cada experiência na vida do crente. Exatamente quando nos sentimos os mais perdidos e abandonados, exatamente quando o inimigo parece estar alcançando a vitória, exatamente quando a tempestade é mais violenta, a esperança de salvação chega para guiar-nos de volta ao lugar seguro. Se o capacete da salvação estiver cobrindo a nossa mente, jamais precisaremos perder as esperanças. Sempre sabemos que Ele virá. Ele sabe onde estamos. "... porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: o Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13.5, 6).

O escritor aos hebreus faz aos crentes uma pergunta profunda: "... como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? a qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram..." (Hb 2.3). Essa pergunta é pertinente ao combate espiritual. Deus concedeu o capacete da salvação; nós devemos tomá-lo. Não podemos admitir passivamente a nossa salvação, mas sem temor devemos *tomar* a Ele, Sua mente, Sua Palavra, Seu poder e Sua presença. O destaque não está em sermos salvos de nossos pecados, mas sim naquilo que está à nossa

disposição uma vez salvos. É uma salvação de proteção, que garante a vitória sobre os ataques e as pressões do reino de Satanás.

VESTINDO O CAPACETE

Amado Pai celestial, tomo pela fé o capacete da salvação. Reconheço que a minha salvação é a pessoa de Teu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Cubro a minha cabeça com Ele. Desejo que Ele coloque em mim Sua mente. Que os meus pensamentos sejam os Seus pensamentos. Abro minha mente por completo e apenas para o controle do Senhor Jesus Cristo. Substitui os meus pensamentos egoístas e pecaminosos pelos dEle. Rejeito todo o pensamento projetado por Satanás e seus demônios e peço, no lugar disso, a mente do Senhor Jesus Cristo. Concede-me a sabedoria de discernir os pensamentos que provêm do mundo, da minha velha natureza pecaminosa e do reino de Satanás.

Louvo-te, amado Pai, porque posso conhecer a mente de Cristo ao esconder a Tua Palavra em meu coração e mente. Abre-me o coração para amar a Tua Palavra. Concede-me facilidade e aptidão para memorizar grandes partes dela. Que a Tua Palavra esteja sempre sobre a minha mente como capacete de força, o qual os pensamentos projetados por Satanás não podem transpor. Perdoa-me por deixar de apropriar-me destemidamente da salvação sempre à minha disposição. Ajuda-me a seguir a disciplina do dever diário de apossar-me da Tua salvação. Deixo tudo isso na Tua presença em nome de meu Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Amém.

DEZ

Toda a Armadura de Deus: a Espada do Espírito

*Tomai [...] a espada do Espírito,
que é a palavra de Deus
(Ef 6.17b).*

Quando o apóstolo Pedro fez sua grande confissão do Senhor Jesus Cristo — “...Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” — o Senhor Jesus respondeu de forma muito desafiante: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus” (Mt 16.16, 18, 19).

Eis uma promessa que apresenta a oportunidade de todo crente de prevalecer sem temor contra o reino de Satanás. A nossa batalha precisa ser muito mais do que meramente defensiva. Temos a oportunidade de ser destemidos e mesmo de invadir o reino de Satanás. O inferno ou, como no original do texto, o Hades, diz respeito ao mundo invisível dos seres decaídos. Durante vários anos encarei essa passagem apenas como uma promessa de nosso Senhor de proteger a Sua igreja dos ataques de Satanás. Não há dúvida de que

há essa idéia, mas a promessa vai muito além disso. O vocábulo grego *katischuo*, traduzido por “prevalecerão” ou “sobrepujarão”, literalmente significa “não se mostrará mais forte”. O objetivo principal das portas de Satanás é proteger aquilo que alega ser seu. Ele quer agarrar-se ao que lhe pertence e construir portas tão fortes que não consigamos arrebatá-lo o que reivindica. O nosso Senhor está dizendo que a Sua igreja conseguirá ultrapassar essas portas e tomar de Satanás aquilo que ele gostaria de manter como seu.

AMARRANDO E SAQUEANDO O NOSSO INIMIGO

Quando os fariseus acusaram Jesus de expelir demônios pelo poder de “Belzebu, maioral dos demônios”, tanto Mateus quanto Marcos registram que o nosso Senhor conhecia-lhes os pensamentos e mostrou que o reino de Satanás não poderia subsistir se fosse tão dividido quanto afirmavam (Mt 12.22-29; Mc 3.22-27). Em seguida, fez uma declaração notabilíssima, que diz respeito à nossa vitória contra Satanás. “Ou, como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? e então lhe saqueará a casa” (Mt 12.29). Na qualidade de crentes, unidos com Cristo em Sua autoridade, temos condições de guerrear contra Satanás de tal forma que podemos sujeitá-lo, amarrá-lo e saquear ou levar embora o que queira reivindicar como seu.

A nossa posição não deve ser a de simplesmente proteger-nos, por mais importante que isso seja. Devemo-nos ter por soldados invencíveis de Cristo que podem avançar contra esse “valente”, Satanás, invadir seus domínios e arrebatá-lhe aquelas pessoas e fortificações espirituais que ele reivindica. As demais peças da armadura, em Efésios 6, servem sobretudo para a proteção e a defesa, mas agora somos levados a perceber que a nossa visão espiritual deve enxergar além da posição de defesa. A “espada do Espírito” é uma arma de ataque e ao mesmo tempo um instrumento de defesa.

A analogia de um exército humano pode servir para ajudar-nos a enxergar essa verdade. Suponhamos que um exército de nossos dias se especializasse somente na defesa. As tropas teriam os capacetes à prova de bala mais resistentes que existem. Cada soldado seria equipado com coletes que os fuzis modernos não pudessem atravessar.

Teriam tanques com a mais impenetrável blindagem, aviões de combate com a maior velocidade e dirigibilidade e todo o armamento de defesa imaginável. Só há um problema. Esse exército de defesa não tem balas, armas de fogo, foguetes, bombas ou artilharia. O que seria de um exército assim em face de um inimigo em ataque? Esse inimigo, mesmo não tão bem equipado em sua defesa, simplesmente continuará lançando fogo à defesa, e por fim o fogo atravessará. O velho ditado “a melhor defesa é o ataque” é também pertinente ao combate espiritual. “Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas...” (2 Co 10.3, 4). Embora Satanás imponha uma batalha implacável contra cada crente, o fiel que percebe ser responsável pelo ataque é aquele que vence.

Um cristão que travava violenta batalha contra Satanás e seu reino demoníaco procurou o meu conselho. As forças das trevas sugeriam-lhe pensamentos tais como: “Blasfeme contra Deus”, “Rasgue a Bíblia”, “Ponha fogo na igreja” e outros de caráter ainda mais vulgar. Depois de cuidadosamente ensinar-lhe e estimulá-lo em seu combate, instruí-lhe que fosse bastante ousado contra os pensamentos que pareciam de procedência demoníaca. Exigi que, quando lhe ocorressem tais pensamentos, dissesse algo assim: “Rejeito esses pensamentos de blasfêmia contra Deus e escolho, ao contrário, honrar ao Senhor. Em nome do Senhor Jesus Cristo, sujeito o poder das trevas que lança esses pensamentos em minha mente e ordeno que tu e todos os que trabalham contigo me deixem e vão para onde o Senhor Jesus Cristo os enviar”.

Sua reação foi típica de muitas pessoas que se acham sob uma opressão dessa natureza. Fora intimidado por tanto tempo pela violenta resistência de Satanás, que me disse: “Será que eu consigo? Eu tenho medo. Sou apenas um homem, e Satanás é tão poderoso”.

Satanás gostaria de manter-nos acreditando num tamanho equívoco desses. Ele sempre nos quer impedir de atacar.

AS NOSSAS ARMAS DE ATAQUE

Temos basicamente duas armas de ataque para empregar contra Satanás. São elas a Palavra de Deus e a oração. Na época da igreja primitiva, os apóstolos estavam liderando o combate, atacando o inimigo e invadindo suas portas. Não é possível fazer isso sem o devido realce às armas de ataque. Atos 6 refere-se ao que aconteceu quando surgiu a necessidade de alguém assumir o controle da distribuição diária de alimentos para as viúvas. A igreja escolheu os primeiros representantes para seu ministério, a fim de que os apóstolos pudessem encarregá-los desse serviço e consagrar-se “à oração e ao ministério da palavra” (At 6.3, 4). O avanço na obra do Senhor requer um emprego destemido da oração e da nossa espada, a Palavra de Deus.

A espada está em último lugar na relação das peças da armadura. Por que será? Por um único motivo: não estaremos prontos para empregar a nossa arma de ataque contra o reino de Satanás sem que todas as demais peças da armadura estejam no devido lugar. Nenhum de nós estará pronto para marchar em direção à batalha sem a armadura. A espada figura como última da lista como um alerta contra um combate presunçoso e temerário. Em nossa concepção ousada do combate invencível jamais nos poderemos esquecer de quem é o nosso inimigo. Ele é o mais poderoso de todos os seres criados. Mesmo para o arcanjo Miguel, ele era um inimigo que requeria esforço para ser enfrentado. “Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda” (Jd 9). Esse versículo está inserido no parágrafo que alerta aos que “rejeitam governo, e difamam autoridades superiores” (Jd 8).

Embora como crentes tenhamos autoridade de ser ousados e intrépidos na batalha contra Satanás, não temos o direito de ser petulantes ou presunçosos. A nossa vitória tem por fundamento o fato de que estamos unidos a Cristo, o qual derrotou Satanás. Mesmo o Senhor Jesus, em Seus conflitos com Satanás, resistiu ao diabo com seriedade e devido respeito pela função para a qual Satanás foi criado (Mt 4.1-11). Conforme observado no capítulo 3, Atos 19.13-20

fornece-nos um exemplo de algumas pessoas que travaram batalha com as forças das trevas de modo presunçoso e temerário. Os sete filhos de Ceva, sumo sacerdote judeu, viram Paulo invocando o nome do Senhor Jesus Cristo sobre endemoninhados, libertando-os assim da escravidão. Eles acreditaram que também poderiam usar o nome do Senhor Jesus para libertar aqueles assim atormentados e tentaram empregar a fórmula: “Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega”. A resposta do demônio foi clara: “... Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?”. A essa altura, o homem possesso pelo espírito maligno “saltou sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa” (At 19.13, 15, 16).

A mensagem desse acontecimento deve ficar clara. Não se pode brincar com o reino de Satanás. Embora aqueles homens ainda não fossem crentes no Senhor Jesus Cristo, o alerta é pertinente aos verdadeiros crentes de hoje. Um passo descuidado e despreparado contra o reino de Satanás sem plena consciência da nossa união com Cristo, do ministério do Espírito Santo e da provisão da nossa armadura pode mostrar-se desastroso.

Alguns missionários passaram por apuros, ao encarar inadvertidamente a batalha. Já soube de vários que enfrentaram problemas graves por tratar essas coisas de forma leviana. Um missionário, amigo meu, havia considerado amuletos e ídolos de madeira dedicados ao culto a Satanás como de pouca importância. Com a conversão de um feiticeiro, pediu para ficar com seus amuletos e ídolos para mostrá-los como peças do campo missionário. As conseqüências quase se mostraram irremediavelmente desastrosas. Ele e a família foram acometidos por tormentos e graves problemas. A opressão foi arrasadora. Parecia, por um tempo, que não seria capaz de continuar atuando como missionário. Finalmente as peças foram queimadas, e ele buscou o perdão de Deus por não dar ouvidos à verdade do poder de Satanás.

O PODER DA PALAVRA DE DEUS

A espada do Espírito é a *Palavra de Deus*. Em consonância com João 1.1, freqüentemente referimo-nos ao Senhor Jesus como “a

Palavra viva”, assim como a Bíblia é a Palavra escrita. Devemos ter o cuidado, entretanto, de não deificar a Palavra escrita a ponto de adorá-la. Não é a Bíblia, mas o Deus da Bíblia que devemos adorar. Todavia, por ser a própria Palavra de Deus e jamais passar, a Bíblia carrega muitos dos atributos do próprio Deus.

É a Palavra eterna, assim como o próprio Deus é eterno. Assim como Deus é onipotente, também a Sua Palavra tem todo o poder para derrotar Satanás e realizar a vontade de Deus. Assim como Deus é imutável, também a Palavra de Deus jamais mudará. Assim como o nosso Senhor é onipresente, a Sua Palavra está sempre por perto, pronta para ser usada em cada situação. Assim como Deus é santo, também Sua Palavra é santa. O escritor aos hebreus afirma: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12).

A OPERAÇÃO INTERIOR DA PALAVRA

A espada da Palavra tem o poder de penetrar uma vida. Tem por objetivo operar uma cirurgia corretiva dentro da alma, do espírito, dos pensamentos e dos propósitos do crente. Talvez seja esse o segredo de seu poder contra Satanás. Quando o crente a utiliza, a Palavra pode penetrar, limpar e transformar a vida do crente e, ao fazê-lo, destruir o controle de Satanás sobre essa vida.

Praticamente nada é tão importante no combate espiritual quanto introduzir a Palavra de Deus na mente e no coração do fiel. Isso conseguirá libertar alguém das opressões e dos tormentos de Satanás mais do que qualquer outro método de que eu tenha conhecimento.

Um irmão que sofrera forte opressão do inimigo durante anos não teve condições de trabalhar ou ir à igreja. Fechou-se em si e deixou de cumprir suas obrigações. O medo, a depressão e o tormento pareciam controlar-lhe a vida. Então começou a conquistar a vitória à medida que memorizava grandes trechos da Palavra de Deus. Diariamente meditava nos versículos das Escrituras e repetia o seu significado. Foi espantoso contemplar a transformação que aquele

simples método efetuou em sua vida. Qualquer pessoa que encare com seriedade o combate espiritual deve memorizar a Palavra e meditar nela dia após dia, e mesmo hora após hora.

Não há substituto para uma aplicação duradoura, firme e constante da Palavra de Deus contra Satanás. O Senhor Jesus Cristo usou esse meio no impressionante conflito com Satanás no deserto, registrado em Lucas 4.1-3.

Ele havia jejuado quarenta dias. Ao fim desse período, estava faminto, e só havia alimento a quilômetros de distância. Satanás tentou o nosso Senhor, dizendo: "... Se és Filho de Deus manda que esta pedra se transforme em pão (Lc 4.3). Em resposta, Jesus citou Deuteronômio 8.3: "... Está escrito: Não só de pão viverá o homem" (Lc 4.4).

Depois, Satanás procurou tentar o Senhor Jesus a tomar um atalho para a glória de Seu reino vindouro por meio da adoração a ele. Mais uma vez Cristo citou a Palavra: "... Está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto" (Lc 4.8).

A última tentação deu-se no ponto mais alto do templo de Jerusalém, onde Satanás tentou fazer com que Jesus Se atirasse dali abaixo. Naquela hora, o próprio Satanás citou a Palavra, de Salmos 91.11-12. Mais uma vez o Senhor Jesus Cristo persistiu no uso da arma da Palavra, citando Deuteronômio 6.16: "... Dito está: Não tentarás o Senhor teu Deus" (Lc 4.12). Nesse instante, o diabo deixou Cristo "até momento oportuno" (Lc 4.13). Ele foi derrotado porque o Salvador persistiu no uso da "espada", mas estava decidido a fazer mais uma tentativa.

O servo de Cristo há de deparar-se com o mesmo tipo de ataque de Satanás contra si. E Satanás somente o deixará se a Palavra de Deus for aplicada contra ele com persistência.

DIRETRIZES PARA O USO DA ESPADA

Um dos requisitos mais óbvios para o uso da "espada" é *conhecer a Palavra de Deus*. Era costume aceito que os meninos judeus devotos da época de nosso Senhor memorizassem os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Para a maioria de nós, essa tarefa pareceria intolerável; no entanto, há pessoas hoje que decoraram

todo o Novo Testamento. Outras sabem longos trechos de ambos os Testamentos. Parece óbvio que a capacidade do Senhor Jesus Cristo de citar rapidamente passagens do livro de Deuteronômio foi o segredo da derrota de Satanás.

A memorização das Escrituras é uma das disciplinas mais urgentemente necessárias no lar cristão e na igreja. Se não nos estivermos preparando para a batalha, memorizando a Palavra, a nossa melhor arma simplesmente estará fora de alcance quando mais precisarmos dela. Satanás está procurando um “momento oportuno” na vida de cada um de nós. Esse momento oportuno será quando não tivermos nenhuma Bíblia por perto e a nossa arma estiver fora de alcance, se não a tivermos memorizado.

Há muitas formas de memorizar. Alguns conseguem memorizar longos parágrafos da Palavra, simplesmente repetindo a leitura muitas vezes. Durante muitos anos, ao visitar enfermos em hospitais, li passagens muito apreciadas da Palavra que falavam do consolo do Senhor. Um dia, tendo deixado a Bíblia no carro, descobri, para a minha surpresa, que conseguia citar aqueles versículos quase por inteiro. Outros acham que ajuda copiar versículos ou parágrafos em cartões para levar consigo, tentando então memorizá-los nas horas vagas. Também proveitoso é trabalhar com outra pessoa ao memorizar, para que possam verificar uma a outra. Muitos há que trabalham com maior eficiência sob o princípio da prestação de contas.

É igualmente importante que você entenda bem a Palavra de Deus. Quem memoriza a Palavra também deve ser quem “maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). Quando Satanás citou as Escrituras para Jesus durante a tentação, desvirtuou-lhes o sentido. Eis um dos ardis mais astutos de Satanás. Ele quer que desvirtuemos o sentido da Palavra ou a empreguemos de modo impróprio. Um dos mais eficazes instrumentos humanos que Satanás tem são as pessoas que usam a Bíblia efusiva, mas indevidamente.

Ao memorizar a Palavra de Deus, é eficaz exprimir com suas próprias palavras o que o texto está dizendo. Se você tiver alguma dúvida acerca do significado, use um comentário bíblico confiável para chegar a um bom entendimento.

Satanás pode usar um entendimento errôneo de uma passagem

das Escrituras para paralisar a eficácia do cristão. Certo dia recebi um telefonema de uma senhora cristã que estava em sérias dificuldades. Era mulher de um médico de destaque numa cidade distante e muito atuante numa igreja em que se pregava a Bíblia. Ela tivera bastante dificuldade com duas passagens bíblicas em Hebreus (6.4-6; 10.26-31). Satanás ficou atormentando-lhe para que cresse que havia “caído” e perdera a salvação, não podendo mais ser salva. Tentando ajudar, perguntei-lhe se alguma vez havia orado acerca daquelas duas passagens, voltara a lê-las repetidamente e procurara compreender o que de fato diziam. “Ah, não”, foi a resposta, “elas sempre me dão muito medo, e eu evito lê-las”.

Sua reação foi típica de como Satanás procura o mau uso da Palavra de Deus. Atormentando-a, o inimigo podia impedi-la de dominar a Palavra. Exigi que ela fizesse um estudo exaustivo daquelas passagens. Como é sabido, são uns dos textos mais difíceis de compreender, e eu deixei claro para ela que encontraria bons estudiosos da Bíblia divergindo no modo de encarar esses textos. No entanto, a Palavra é a verdade de Deus, e Deus quer que a conheçamos.

Devemos conhecer as Escrituras e exigir que o inimigo reconheça a nossa posição. Só podemos fazer isso satisfatoriamente quando edificamos nossa vida na Palavra do Senhor, “arraigados e alicerçados” na verdade. Não conseguiremos travar combate com eficácia baseados em nenhuma outra coisa. Os sentimentos não bastarão. Eles são tão mutáveis quanto o vento. A nossa disciplina e dedicação não bastarão. Um dia estamos de pé e no outro estamos prostrados. Somente a Palavra de Deus elimina poderosamente o inimigo.

Satanás não recuará facilmente, mesmo quando você utilizar a Palavra contra ele. Ele o porá à prova e tentará fazer com que duvide da verdade da Palavra. Ele o desafiará. É sempre importante provar a sua autoridade sobre ele por causa da sua união com Cristo. Pode ser que o inimigo negue que Cristo tem autoridade sobre ele. Mas se você conhece a Palavra e a cita, confirmando a autoridade de Cristo, pode sempre obrigá-lo a admitir que Cristo tem autoridade sobre todos os principados e potestades (Ef 1.19-22; Ep 2.9-11).

A PESSOA DO ESPÍRITO

Não podemos deixar de reconhecer que por trás da “espada do Espírito” há uma pessoa, o Espírito Santo. Ele é quem torna poderosa a nossa espada na batalha.

A experiência de Pedro no jardim, quando os homens vieram levar Jesus, é exemplo do crente que brande a espada errada (Jo 18.10). Ele usou a espada errada e estava confiando na força errada para ser eficaz na batalha. O único resultado foi que Malco perdeu uma orelha. Se o nosso Senhor não estivesse lá para curar-lhe a orelha imediatamente, não apenas Malco teria sido ferido, mas todos os discípulos poderiam ter sido detidos, talvez encarcerados ou até crucificados com Jesus. O nosso Senhor muitas vezes precisa ajudar-nos quando nos ocupamos de brandir a espada na batalha espiritual. Mais tarde, aquele mesmo homem, Pedro, brandiu a espada do Espírito no dia de Pentecoste. Em vez de ferir a orelha de um homem, conquistou e curou espiritualmente 3 mil “ouvidos”. Três mil pessoas mostraram-se sensíveis à Palavra de salvação e foram batizadas como crentes.

Não podemos usar eficazmente a Palavra de Deus no combate sem que o Espírito Santo esteja controlando-nos. “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei” (Gl 5.22, 23). Não podemos travar batalhas espirituais de modo carnal.

Nos primeiros anos de meu ministério, era muito difícil lidar com um membro da igreja que eu pastoreava. Ela não media as palavras, tinha o pavio curto e era um tanto autoritária. Com o passar dos anos havia causado transtorno a muitas pessoas. Teria sido bastante fácil autorizar por votação que fosse excluída da igreja, como queriam alguns diáconos. Após alguns conflitos ásperos com ela, achei que talvez aquela idéia não fosse má. Cheguei até a orar acerca disso. Depois, lembro-me de ter pensado: *se eu fizer isso, Deus me dará mais duas iguais a ela*. Deus a havia colocado lá para que eu a amasse, nutrisse, instruisse, alimentasse e orientasse, não para dar-lhe um chute. Quantas vezes nos vemos em apuros, quando recorremos a um método diferente daquele “do Espírito”. Satanás ataca nessas

situações, mesmo quando sentimos que estamos certos e a outra pessoa está errada. Pode ser que ela esteja mesmo muito errada, mas não podemos agir bem segundo a carne.

Devemos também lembrar-nos de não resistir ao Espírito numa área de nossa vida enquanto tentamos usar “a espada do Espírito” em outra. Há vários anos, uma mulher sob intensos ataques das forças das trevas procurou-me para que a aconselhasse. Empreguei todas as formas de combate de que tinha conhecimento, mas não pude verificar melhora alguma. Ela estava memorizando a Palavra, rechaçando destemidamente o inimigo, fazendo orações com base doutrinária, mas ainda parecia estar perdendo a batalha. Acabei concluindo que algo estava gravemente errado.

Com toda a delicadeza, perguntei se estava resistindo ao Espírito Santo em alguma área. Ela baixou a cabeça e finalmente contou-me que tinha problemas com tabagismo. Não fumava inveteradamente, mas estava consciente de que era um hábito que não queria entregar para o Espírito Santo. Tratamos aquilo, e imediatamente começou a progredir. A tensão da batalha reduziu-se, e a última notícia que tive foi que estava andando vitoriosa, de cabeça erguida.

É o Espírito Santo quem aplica o poder da “espada” contra o nosso inimigo. Se estivermos entristecendo ou extinguindo Sua obra em nossa vida em alguma área, Satanás não perderá tempo de aproveitar-se dessa brecha.

Em essência, toda vitória espiritual depende da Palavra de Deus. Satanás bate em retirada quando a Palavra de Deus, a espada do Espírito, é usada contra ele.

ERGUENDO A ESPADA

Em nome do Senhor Jesus Cristo, lanço mão da espada do Espírito, a Palavra de Deus. Abraço sua mensagem infalível de verdade e poder. Humildemente peço que o Espírito Santo conduza-me à verdadeira compreensão da mensagem da Palavra. Concede-me a disciplina e a dedicação para memorizar a Palavra e impregnar a minha mente com sua verdade e poder.

Em nome do Senhor Jesus Cristo e mediante o ministério do

Espírito Santo, concede-me a sabedoria de sempre aplicar a Palavra contra o inimigo. Que eu possa usar a Palavra para derrotar Satanás e fazer progredir a causa de Cristo exatamente no campo que Satanás reivindica. Amém.

ONZE

A Abrangência Total da Oração

... com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos...
(Ef 6.18).

Esse versículo ajuda a transmitir a *total* importância da oração para que sejamos invencíveis em cumprir a vontade de Deus. Quatro vezes o conceito da “abrangeência total” é apresentado. A oração não é simplesmente uma peça acessória da armadura do crente, mas, ao contrário, é tão importante quanto a própria armadura.

Tratamos dos quatro segredos da vitória expostos em Efésios 6.10-18. O primeiro é a posição do crente e seu relacionamento com Cristo. “Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor...” (Ef 6.10a). A união inseparável do crente com Cristo em toda a Sua pessoa e obra torna-o invencível.

O segundo segredo é a obra e o ministério do Espírito Santo. “... sede fortalecidos [...] na força do seu poder” (Ef 6.10b). Temos condições de desfrutar e experimentar “a força do seu poder” somente quando o Espírito Santo nos enche e capacita (At 1.8; Ef 3.16).

O terceiro segredo é toda a armadura de Deus (Ef 6.11-17). Quando colocamos cuidadosamente essa vestidura espiritual, tornamo-

nos terríveis oponentes das forças das trevas. Examinamos detidamente cada peça da armadura, salientando a importância de reivindicá-las pela fé.

O quarto segredo da vitória, no entanto, é decisivo. Nenhum de nós terá êxito no combate espiritual sem a oração. Em Efésios, o apóstolo Paulo reiteradas vezes nos chama a atenção para a importância da oração. Em 1.15-23, ele mostrou a intensidade de suas orações pelos crentes de Éfeso. Warren Wiersbe ressalta que, nessa oração, “ele não pede a Deus que lhes dê aquilo que não têm, mas, ao contrário, ora para que Deus lhes revele o que já têm”.¹

Em Efésios 3.14-21, Paulo apresenta um quadro de si mesmo ajoelhado em oração diante do Pai celeste. Ele ora para que os efésios sejam capacitados a cumprir a vontade de Deus. A idéia central de sua oração é que aqueles crentes pudessem tomar posse da “riqueza da [...] glória” à disposição em Cristo (Ef 3.16), que é “infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos” (Ef 3.20). Mediante essa riqueza, temos condições de receber energia pelo poder do Espírito e de desfrutar “a plenitude de Deus” (Ef 3.19). A oração é o segredo do *esclarecimento* e da *capacitação* para desfrutar a “riqueza da sua [de Deus] glória”.

A PRIMAZIA DA ORAÇÃO

Em Efésios 6.18, Paulo admoesta a orarmos “em todo tempo” ou “em todas as ocasiões”. Isso significa orar quando você está e quando não está disposto. A primazia da oração deve estar bem firmada em nossa mente. No que tange à oração de combate, não há lugar para uma participação parcial e passiva.

A. T. Pierson escreveu: “Cada novo Pentecoste teve seu período preparatório para o enchimento — de espera de revestimento; e às vezes o tempo de espera foi estendido de ‘dez dias’ para dez semanas, dez meses ou até dez anos; mas jamais Deus derramou Seu Espírito divino sem que antes o homem Lhe derramasse seu espírito humano. Para vindicar essa assertiva precisaríamos seguir ponto a

¹Warren WIERSBE, *Be Rich*, p. 30.

ponto toda a história das missões, uma vez que o escopo de tal demonstração do poder divino percorre as eras. No entanto, cada biografia de missionários, desde as de Elliot e Edwards, Brainerd e Carey, até, mais recentemente, as de Livingstone e Burns, Hudson Taylor e John E. Clough, conta-nos a mesma história: a oração foi o preparo para cada novo triunfo; sendo assim, se nos aguardam triunfos e sucessos maiores, uma oração mais fervorosa e fiel deve servir-lhes de precursora e anunciadora!"²

Por mais que se fale, sempre se destacará pouco o papel da oração bíblica na vitória do crente.

O GOSTO PELA ORAÇÃO

Devemos orar "com toda oração e súplica". Você já pensou quantos tipos diferentes de oração existem? Há oração em voz baixa e oração em voz alta, oração sem cessar e oração que acaba, oração em público e oração em secreto, oração curta e oração longa, oração de jejum e oração de fartura, oração com o viver e oração com as palavras, oração de júbilo e oração de contradição, oração de agradecimento e oração de súplica, oração doutrinária e oração emotiva, oração de resistência ao inimigo e oração de posicionamento ao lado do Senhor. Provavelmente haja outros tipos de oração em que poderíamos pensar, mas o fato é que todos os tipos de oração constituem parte de nosso combate.

Às vezes é importante simplesmente louvar o Senhor em oração. Recordo-me de uma ocasião em que um marido desesperado trouxe a esposa perturbada para aconselhar-se comigo. Ela estava sendo fortemente atormentada por forças demoníacas. Embora não soubesse onde ficava a nossa casa, as forças das trevas que a atormentavam sabiam. Ao se aproximarem de nossa casa, ela começou a gritar incontrolavelmente e tentou saltar do carro em movimento. Com muita dificuldade, o marido conseguiu fazê-la atravessar a nossa porta e conduzi-la a uma sala privada para aconselhamento. Lá ficou como um animal assustado, enjaulado, tentando fugir, mas sendo

²Charles COOK, ed., *Daily Meditations for Prayer*, p. 27.

impedida pelo marido. Sem conseguir comunicar-me com ela de forma alguma, o Espírito Santo levou-me a louvar ao Senhor com oração e cânticos. Comecei a fazer uma oração doutrinária de louvor, enumerando os maravilhosos atributos de Deus e expressando o que significa permanecer em Cristo. A princípio pareceu haver uma violenta reação das forças das trevas que a estavam atormentando. À medida que o louvor continuou, o poder de Satanás foi aniquilado, e ela se acalmou, porque a “paz de Deus” desceu sobre ela.

Resistir em oração ao inimigo é algo que não usamos fazer tão freqüentemente quanto deveríamos. “Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas” (2 Co 10.3, 4). Que desafio para nós é esse versículo: de enxergar o nosso “poder em Deus” para resistir às estratégias de Satanás. Josué e o povo de Israel obtiveram o mesmo tipo de vitória contra Jericó. Os muros do inimigo eram tão espessos e fortes que não parecia haver como Israel pudesse sitiá-la. Contudo, com fé e obediência à Palavra do Senhor, os muros caíram. Nem sequer uma pedra foi atirada. É assim que ocorre no combate espiritual. As fortificações intransponíveis desmoronam-se, reduzindo-se a cinzas diante do crente que usa o poder divino de suas armas para demolir fortalezas. Como Israel, podemos depois atravessar os portões e saquear o território inimigo.

Você separa uma ou duas horas com Deus várias vezes por semana? Martinho Lutero separava as duas primeiras horas de cada dia. Spurgeon passava horas trancado, nas quais dizia-se que nem mesmo uma visita do rei da Inglaterra o faria interromper a sua oração.

O vocábulo grego traduzido por “súplica” significa, literalmente, “o caráter da necessidade ou compulsão da oração”. Prender-se ao Senhor por tais laços de petição é assegurar a resposta. Toda oração tem uma resposta, mesmo que seja “não” ou “espere”.

O PARÁCLITO DA ORAÇÃO

Devemos orar “no Espírito”. Alguns interpretariam isso com o significado de que devemos falar em “línguas”. A Bíblia revela o

contrário. As orações de Paulo em Efésios 1 e 3 eram indubitavelmente no Espírito e não foram proferidas em “línguas”.

Sempre advirto àqueles que procuram “orar em línguas”. Aos que compartilham a sua experiência comigo, pergunto: “Você pôs à prova o espírito autor das “línguas”? O próprio Espírito diz-nos que o façamos, em 1 João 4.1-4. Enquanto uma pessoa está orando numa “língua”, a própria mente entra em total estado de neutralidade. Sugeri que ordenasse que o espírito autor das línguas respondesse com clareza em sua mente: “Jesus Cristo veio em carne? Jesus Cristo é Senhor? Você honra o sangue de Jesus Cristo?”. Insista numa resposta clara e precisa. O Espírito Santo sempre responderá com um exultante “sim!”. Outro espírito será evasivo ou até, em algumas ocasiões, dará um forte “não”. É importante evitar ser enganado por um “espírito mentiroso”, para que Satanás não leve vantagem sobre nós.

Orar no Espírito significa orar em harmonia com o Espírito ou sob o controle do Espírito. Vários passos práticos nos assegurarão de estarmos orando no Espírito. Em primeiro lugar, devemos pedir ao Espírito Santo que dirija a nossa oração e nos oriente para que oremos em harmonia com a Sua vontade. Esse é um dos ministérios do Espírito Santo, de acordo com Romanos 8.26, 27: “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque, não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos”.

Precisamos também decididamente rejeitar toda oração carnal. Tiago adverte: “... pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.3). Ao se começar a orar é bom dizer: “Em nome do Senhor Jesus Cristo, rejeito a participação da minha velha natureza de pecado nesta oração. Dou-me por morto com Cristo para a minha natureza pecaminosa e seu domínio e peço ao Espírito Santo que soberanamente supervisione as palavras da minha oração”.

Uma terceira sugestão é orar em harmonia com a verdade da Palavra. A Palavra de Deus é inspirada pelo Espírito Santo (2 Tm 3.16, 17). Quando, em oração, retornamos a Deus a Sua Palavra, podemos ter certeza de estar orando no Espírito. Memorizar as

orações dos salmos ou outras grandes orações da Bíblia são formas de estarmos certos de orar no Espírito. Com toda certeza se estará orando no Espírito se se fizer a oração de Paulo a favor dos crentes de Éfeso, em Efésios 3.14-21. É bom dominar passagens como essas a fim de saber orar por você mesmo e pela sua igreja. Mateus 6.9-13, o “pai-nosso”, pode servir de boa diretriz para se orar no Espírito.

Provavelmente todos nós já experimentamos momentos de oração em que as palavras fluíam facilmente e o coração estava fervoroso para com Deus. Às vezes interpretamos essas orações como sendo no Espírito, ao passo que os momentos difíceis não são assim considerados. No entanto, muitas orações registradas em Salmos começam com o lamento de que Deus parece distante e omissos (Sl 28, 55, 102).

Durante anos, percebi haver barreiras e muros quando trancado em profunda oração. Como fiquei feliz ao descobrir que momentos assim de oração também podem ser, às vezes, no Espírito. A profunda emoção desses momentos geralmente ensina-nos mais e manifesta com mais eficácia as nossas necessidades do que os instantes de maior desimpedimento. A oração doutrinária — que retorna a verdade da Palavra de Deus a Ele — ajudará a transpor as barreiras quando estas parecem esconder de nós o rosto de Deus.

A PROTEÇÃO DA ORAÇÃO

“... e para isso vigiando...” Essas palavras têm um tom militar. Transmitem a imagem de uma sentinela de plantão, guardando algo que precisa de proteção. No combate espiritual, o crente deve estar de sentinela por meio da oração, cuidando de si mesmo, da família, da igreja e da obra do Senhor.

No exército, alguém desempenha a função de sentinela para impedir o ataque imprevisto de inimigos ocultos. Ainda em vida, a mãe de minha mulher sempre mencionava nas orações as palavras “protege-nos dos perigos e dos inimigos, dos que enxergamos e dos que não podemos enxergar”. Ela estava “vigiando”, e toda vez que a ouvia orar daquela forma sempre ficava impressionado. Quem pode saber os terríveis desastres evitados pela oração vigilante?

O Senhor Jesus empregou esse tipo de oração de combate. A

Pedro, Ele disse: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.31, 32). Cristo estava vigiando por Pedro e pelos demais discípulos. É fácil ver o mesmo tipo de oração de “sentinela” em Sua grande oração sacerdotal, em João 17.

Tomei conhecimento de uma missionária que retornou do campo missionário desestimulada e abatida quando dois filhos mais velhos que iam à escola naquele país estavam dando demonstrações de grande rebeldia contra tudo o que haviam aprendido e declarado crer. Tendo sempre orado pelos filhos, estava na incerteza do que fazer. Alguém lhe deu um exemplar de *O Adversário*, e ela aceitou com fervor o desafio da oração de combate. Mais tarde telefonou-me e contou que a oração havia transformado sensivelmente a vida de seus filhos. Ela voltou ao campo com nova percepção de sua responsabilidade de vigiar pela família.

Não há nada de que Satanás mais gostaria do que prejudicar-nos. Ele nos afligiria com enfermidades, infortúnios ou tribulações se tivesse uma única oportunidade. Ao empregarmos a oração de combate protetora, podemos ficar atentos ao modo como o Senhor nos protege.

Um sábado de manhã, minha mulher e eu estávamos indo para casa em carros diferentes, saindo de uma reunião de oração em nossa igreja. Quando olhei pelo espelho retrovisor para ver se minha mulher estava atrás de mim, ela estava aproximando-se do cruzamento exatamente na hora em que um motorista incauto, dirigindo rápido demais, passou em alta velocidade, por pouco não lhe acertando o carro. Por um instante, parecia inevitável que ocorresse um acidente. Contudo, quando presenciei tudo por meu espelho retrovisor, a minha alma extravasou de segurança e tranquilidade. Exatamente naquela manhã eu havia vigiado em oração de combate cuidadosa por toda a minha família. Os anjos protetores e um Pastor soberano e protetor estavam de sentinela, em resposta à oração. Apenas mais um acidente que não era para acontecer? Não, tenho certeza que não.

A PERSEVERANÇA NA ORAÇÃO

Não há palavra mais importante na oração de combate do que *persistência*. Precisamos reivindicar diariamente a nossa união com Cristo, apropriar-nos da obra do Espírito Santo, vestir cada peça da armadura e empregar uma oração persistente. Muitas vezes num dia teremos de usar esses elementos em nossos esforços para vencer a batalha. Devemos ser persistentes. Não devemos afrouxar se tudo está correndo bem e achar que tal combate fiel não seja necessário.

Um homem contou-me seu problema de lascívia e pornografia. Examinamos cuidadosamente os passos para vencer as concupiscências da carne. Em primeiro lugar; falamos da necessidade de ser sincero e admitir a si mesmo e a Deus que a velha natureza pecaminosa estava em atividade. Depois examinamos detalhadamente a necessidade de reconhecer-se morto com Cristo para o reino e o domínio daquele pecado (Rm 6.11). Podemos pela fé afirmar isso como verdade, porque é verdade. Somos responsáveis por não deixar que reine o pecado em nosso corpo mortal (Rm 6.12). A única maneira de fazer isso é reconhecer que fomos crucificados com Cristo (Gl 2.20). Em terceiro lugar, tratamos da necessidade de pedir que o Espírito Santo substitua os nossos desejos carnis e pecaminosos pelo fruto do Espírito: "... amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5.22, 23).

Examinamos aqueles três passos até que pudesse repeti-los para mim. E ele prometeu utilizá-los toda vez que fosse tentado.

Poucas semanas depois, chegou à minha biblioteca, afundou-se numa poltrona e reclamou estar sendo derrotado pelas concupiscências da carne. Ouvi atenta e complacentemente por um instante, mas depois perguntei-lhe: "Quais são os passos bíblicos para vencer a sua natureza pecaminosa?". Ficou aturdido. Lembrou-se de já termos falado sobre aquilo anteriormente, mas não conseguia recordar-se dos três passos.

Mais uma vez, examinamo-los detidamente. Mostrei-lhe com cuidado que cada um daqueles três passos é apresentado como instrumento de Deus para a vitória sobre a carne. Continuei estimulando-o até que pudesse repeti-los para mim. Depois lhe disse que se não colocasse aqueles passos em prática constante, nada mais

eu poderia fazer por ele. Mesmo Deus não poderia fazer mais nada por ele sem que começasse a usar o que já fora concedido.

Devemos também ser *insistentes*. Seria muito mais fácil se o nosso inimigo estivesse disposto a reconhecer que temos plena autoridade sobre ele por estarmos com Cristo em toda a Sua vitória. Entretanto, ele não é essa espécie de inimigo. Não reconhece essa vitória senão com muita relutância. A maioria de nós já presenciou uma criança ceder de má vontade à autoridade dos pais. Não cede nem um pouquinho antes que seja obrigada. Satanás e seus demônios são exatamente assim. Eis por que no combate a nossa oração precisa ser insistente em nossa persistência. Existem momentos na vida de todos nós em que tudo parece estar dando errado, e o inimigo parece estar vencendo a cada vez. É exatamente aí que precisamos deixar bem claro que ele simplesmente não consegue vencer.

Em Atos 16, Paulo e Silas obtiveram sucesso na expulsão do demônio de uma jovem adivinhadora. Os que lucravam com suas adivinhações agarraram Paulo e Silas, arrastaram-nos e finalmente os encarceraram, amarrados num tronco. Isso retrata a recusa de Satanás de admitir-se derrotado. Em vez de sentir autopiedade e reclamar de como o diabo os estava derrotando, eles oraram e cantaram louvores de vitória. Todos os demais prisioneiros os ouviam à meia-noite. Pela fé e prática, apesar de por fora demonstrarem o contrário, simplesmente permaneceram insistindo na vitória. De repente a prisão tremeu, soltaram-se-lhes as cadeias, as portas abriram-se e eles foram libertos. A vitória alcançou dimensão tal que o carcereiro e a família se converteram, e os protetores que os haviam tratado tão mal tiveram de pedir desculpas. A verdade deve vencer. A persistência enfrenta todas as provas e continua insistindo que o mal deve render-se à verdade.

O PANORAMA DA ORAÇÃO

A oração de combate deve ser “por todos os santos”. Isso não lhe tira o fôlego como fez comigo a primeira vez que o li? Que ampla gama de responsabilidade temos na oração de combate! Pode-se imaginá-la como uma série cada vez maior de círculos que se expandem para fora. Em primeiro lugar, você é responsável por si

mesmo. Cada crente tem o cuidado de supervisionar a própria vida e serviço. O passo seguinte é a sua família. Ninguém vigiará em oração por sua família como você. Os círculos então estendem-se até a igreja, a sua denominação, os seus missionários e todo o corpo de Cristo na terra. Cristo ordenou que os discípulos testemunhassem em Jerusalém, na Judéia, em Samaria e nos confins da terra. A oração “por todos os santos” também vai tão longe quanto isso. Tem um panorama de responsabilidade que abrange o mundo todo.

Desde que estive pregando como missionário na Inglaterra, em 1964, sinto uma responsabilidade especial de orar por aquele país. Muitas vezes, ao lutar em oração pelos crentes de lá e pelo avivamento na Inglaterra, o Espírito Santo fez-me derramar o coração em lágrimas por aquele país. Outros sentem a mesma preocupação pela China.

A EXTENSÃO DA ORAÇÃO

Em Efésios 6.18, vemos que a oração deve ser estendida a “todos os santos”. Nos versículos 19 e 20, nota-se que a oração de combate pode ser especificamente estendida à eficácia de nosso ministério.

Paulo pede aos efésios: “... e também [orem] por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra...” (Ef 6.19), afirmando que a oração de combate dos crentes de Éfeso pode capacitá-lo a ter mais condições de propagar o evangelho. Todo pregador conhece a verdade dessas palavras. Todos nós já tivemos a experiência de estudar com afinco e preparar-nos aplicadamente, mas depois, ao tentar entregar a mensagem, perceber que as palavras não surgem. Minha mulher desenvolveu a faculdade de saber quando estou enfrentando uma provação dessa espécie. Muitas vezes a vi curvando a cabeça em oração para pedir que “me seja dada a palavra”. E muitas vezes as barreiras se têm desfeito nesses casos.

Esse tipo de oração também concede ousadia na proclamação do evangelho. Paulo afirma que as orações deles em seu favor o possibilitarão a “com intrepidez fazer conhecido o ministério do evangelho” (Ef 6.19). Não precisamos orar apenas para pregar com intrepidez, mas também para que os ouvidos sejam abertos. A oração

influi diretamente no modo como as pessoas ouvem a Palavra. Eis por que o sustento em oração nas campanhas de avivamento pode ajudar a levar muitas almas a Cristo. Ajuda a retirar a cegueira e a surdez espirituais que Satanás deseja perpetuar (2 Co 4.4). Não há força nas mãos do homem tão eficaz e de tão longo alcance quanto a oração. Um homem de Deus pode praticamente transformar o mundo mediante suas orações sem sair dos limites de sua própria casa.

Do diário de David Brainerd extraímos essa observação perspicaz: “À tarde, Deus estava realmente comigo. Ah, que companhia deveras bendita! Deus me possibilitou esforçar-me tão desesperadamente em oração que fiquei bastante molhado de suor, embora à sombra e no vento frio. A minha alma exauriu-se muito pelo mundo; conquistei multidões de almas. Acho que estendi-me mais aos pecadores do que aos filhos de Deus, embora sentisse que poderia passar a vida clamando por ambos. Eu tinha grande gozo em comunhão com o meu querido Salvador. Acho que jamais em minha vida senti tamanho afastamento deste mundo e tanto me entreguei a Deus em todas as coisas. Ah! que eu sempre viva para meu Deus bendito e na sua dependência! Amém”.³

Essas são as palavras de um homem que sabia algo sobre o fato de que esse versículo de abrangência total é de tão longo alcance quanto o próprio Deus. Paulo parece deixar o desafio intencionalmente sem desfecho. Ser capaz de, por meio da oração, alcançar e auxiliar a “todos os santos” está além da nossa compreensão. O poder invencível da oração não conhece limites.

³*Ibid.*, p. 310.

DOZE

A Oração Invencível em Atividade

Minha mãe nasceu numa fazenda no estado de Iowa, logo depois de seus pais terem emigrado da Escócia. Ela sabia o que significava trabalhar arduamente e esticar as parcas rendas para atender às muitas exigências da vida. A pobreza não a desanimou, no entanto, e finalmente melhores dias chegaram à sua vida. Casou-se com um jovem e próspero fazendeiro. Ele construiu uma casa espaçosa com muitos recursos modernos de que não dispunham outras fazendas. Foram agraciados com três filhos saudáveis, e isso a manteve ocupada, mas feliz e realizada. A fazenda progredia, e o futuro parecia brilhantemente promissor. Ela veio a conhecer a Cristo como Salvador e, após converter-se, as bênçãos de Deus pareciam não ter fim. Tudo parecia perfeito em seu mundo.

Então, como uma tempestade repentina desencadeando sua fúria, passou por adversidades dolorosas. Um sofrimento sobrepunha-se a outro. Durante a Grande Depressão, meu pai perdeu uma fazenda e estava arriscado a perder nossa casa. No meio do problema financeiro, minha mãe deu à luz a primeira e única filha, uma linda menininha que nasceu com uma grave deficiência e viveu apenas três dias. A amada igreja onde mamãe tivera um encontro com Jesus fechara as portas, e o prédio foi vendido. Depois, uma enfermidade

contribuiu-lhe para o fardo. O filho mais novo saía de um acesso de pneumonia dupla para outro, e o médico, ao sair de casa um dia, disse: “Ele não passa dessa noite”.

Angustiada, assustada e desesperada, a sua dificuldade esmagadora cercou-a por todos os lados. O que poderia fazer? Quem poderia ajudá-la? Não havia pastor que pudesse chamar. Mesmo a família e os amigos cristãos não estavam próximos.

Prostrada, correu para o seu quarto e caiu de joelhos. Meu pai orou junto com ela por um instante, mas o sono o acabou dominando. Ela, porém, não conseguiria dormir. Continuou orando, encerrada com Deus a maior parte da noite. No meio da oração, ocorreu-lhe um modo de tratar a pneumonia do filho. Ela julgou ser orientação do Senhor a idéia do tratamento. Ela o aplicou, e a vida do filho foi salva. Novamente a coragem e a fé nasceram em seu coração. Talvez de maior importância, naquele momento de necessidade ela descobriu a excelência da oração, que continuou a caracterizar sua vida até a morte.

Era eu o filho curado de pneumonia. Trago muitas lembranças bonitas da mulher admirável que foi minha mãe, porém a mais grata de todas é a excelência e o poder da sua vida de oração. Bem-aventurado aquele que, quando rodeado de provações e fardos, aprende a orar. Eu mesmo levei anos para aprender isso.

APRENDENDO A ORAR

Quando comecei a preparar-me para o ministério no instituto bíblico Moody, em Chicago, uma das minhas primeiras tarefas foi a visita dominical ao enorme hospital municipal Cook. Alguns de nós assumíamos postos nas entradas do hospital, prontos para distribuir folhetos às visitas que chegavam. Não agradava muito essa parte da tarefa. Gente apressada para visitar os entes queridos não parecia inclinada a ser parada para receber um folheto. Algumas pessoas o recusavam; outras o amassavam e jogavam fora. Os olhares fulminantes de desdém e as palavras de desagrado murmuradas logo reduziram este frágil rapaz do interior a um missionário oculto. Eu procurava um pilar que houvesse por perto e escondia-me atrás dele, permanecendo tanto quanto possível longe dos que transitavam por ali.

Eu mesmo esperava que ninguém viesse ao meu encontro, despertando-me a consciência para dar-lhe um folheto.

Um domingo, eu estava em meu esconderijo preferido, esperando ansiosamente a hora em que pudesse ir para as alas do hospital visitar os pacientes. Dei uma olhada em todo o saguão e vi um homem negro distribuindo folhetos. O rosto radiante. Parecia brilhar com uma luz interior. Sua voz era mansa, mas o tom ressoante atravessou o saguão e chegou até mim.

“Deus o abençoe, irmão. Olha aqui uma coisa que vai alegrar o seu dia.”

“Jesus te ama, meu amigo.”

“Não é maravilhoso saber que há uma esperança, apesar dos nossos problemas?”

Ao entregar os folhetos e dizer palavras gentis, algo surpreendente acontecia. As pessoas paravam. Pegavam os folhetos. Alguns davam uns passos, paravam e começavam a ler. Outros pegavam os folhetos e, com o que parecia uma reverência compenetrada, punham-no dentro do bolso ou da bolsa. Eu tinha certeza de que leriam a mensagem mais tarde. Mesmo os que recusavam os folhetos pareciam continuar andando um tanto envergonhados. Outros paravam e apenas olhavam para o homem. Pareciam cativados pelo jorrar de seu amor, atraídos pelo brilho da sua bondade.

O meu interesse despertou-se. Acho que fiquei um pouco estupefato. Qual a razão da notável diferença entre a forma com que as pessoas recebiam os folhetos desse homem e o modo como os recebiam de mim? De onde vinha aquele fulgor? Por que aquela voz tão serena tinha um tom de autoridade tão forte?

Mais tarde fiquei sabendo que aquele homem radiante era o capelão Lilly. Seu ministério era trabalhar em tempo integral no hospital, visitando pacientes solitários e compartilhando Cristo com eles. Fazia parte de seu ministério de amor levar consigo um estojo com material de barbeiro, e ele até se oferecia para cortar as unhas dos pés dos pacientes que permaneciam muitos meses no hospital. Suas palavras e seus atos de amor fundiam-se para levar muitos à fé salvadora em Jesus Cristo. Eu ansiei saber o seu segredo.

Foi no último domingo daquela minha tarefa que Deus me deu

o privilégio de saber a resposta. Aquele que nos estava liderando na tarefa levou-nos para uma volta no hospital. Lembro-me pouco daquele passeio, a não ser da saleta que era o “escritório” do capelão Lilly. Num canto havia uma grande cadeira estofada drapejada com um lençol branco. Apontando para ela, o nosso líder disse: “Esta é a ‘cadeira-trono’ do capelão Lilly. Na verdade, ele nunca se senta nela. Antes de ir para as alas para fazer as visitas, sempre passa horas em oração pelos amigos enfermos e para que Deus o abençoe em seu ministério”.

Aí está! pensei. Na mesma hora fiquei sabendo o motivo de seu fulgor e da forma diferente com que as pessoas reagiam a ele. Era a oração.

Essa foi uma das maiores lições que Deus já me ensinou. Ainda permanece em minha alma como uma fragrância especial da graça. Uma coisa sempre fará identificar uma pessoa que tem poder tanto com os homens quanto com Deus. Será uma pessoa que é muito versada na oração. A familiaridade com a oração precederá e seguirá cada movimento dos homens em direção a Deus no que se refere à parte espiritual. “... Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16).

PROVOCANDO A AÇÃO DE DEUS

Orações hábeis obtêm resposta. Às vezes, tudo que se precisa é que alguém ponha o plano de Deus em funcionamento. Armin Gesswein conta a história de um avivamento que caiu sobre a Noruega no princípio dos anos 30 e perdurou até a trágica invasão nazista no país. Por quase uma década o despertamento influenciou inúmeras igrejas. Em consequência disso, mais de 20 mil almas encontraram Cristo como Salvador e Senhor. Foi com a pregação de Frank Mangs, evangelista da Suécia, que o avivamento rapidamente atingiu muitas igrejas da Noruega. Ele pregou por dois anos, praticamente sem ousar ir embora, em virtude da forma poderosa com que o Espírito de Deus estava agindo. Mesmo após aquela ação inicial, ele continuou voltando para pregar, e não havia prédio que comportasse o número de pessoas que queriam ouvir a Palavra de Deus.

De fato, a obra de avivamento começara na Igreja de Belém,

em Oslo, um pouco antes de Frank Mangs aparecer em cena. As reuniões de oração da igreja haviam atingido um nível tão baixo de freqüência, que o Pastor Ludvig Johnson estava cogitando suspendê-las. A esposa fiel incentivou-o, dizendo: "Querido, continuaremos com as reuniões de oração ainda que você e eu sejamos os únicos a comparecer". Deus honrou aquela fé.

Mas o verdadeiro segredo remontava ainda mais ao passado: ao sacristão da igreja, homem muito humilde, com fé no poder invencível da oração. Ele se havia incomodado por algum tempo com a frieza da igreja e o patente mundanismo de muitos de seus membros. As mensagens pareciam insípidas e monótonas. A freqüência diminuiu, e o entusiasmo pela oração e pelas coisas de Deus estava numa fase de maré baixa. O sacristão perguntou a Deus o que poderia fazer. Seu coração pulsou de emoção quando, pela fé, sentiu um desafio do Senhor. Bem cedo de manhã, antes de dar início às suas obrigações, dirigia-se para trás do púlpito. Ali se ajoelhava e implorava que Deus avivasse seu coração, seu pastor e toda a igreja. Santas lágrimas muitas vezes ungiam o tapete, quando curvava a fronte na presença de Deus em oração guiada pelo Espírito. Tamanha era a certeza desse humilde servo de Deus de que as suas orações prevaleceriam que, logo após o ano novo, ele conduziu o co-pastor, Holm-Glad, ao púlpito da igreja quando não havia ninguém presente. Apontou para os bancos vazios da igreja e disse: "Haverá um avivamento aqui este ano". Holm-Glad disse mais tarde que quase riu porque não parecia haver demonstração alguma de algo assim. O zelador, embora não revelasse seu segredo de oração, reafirmou a segurança de que o avivamento aconteceria naquele ano.

Passaram-se semanas, meses, e as mudanças começaram a surgir. A mensagem do pastor começou a soar com nova autoridade e fluía de um coração sensível ao Senhor. As reuniões de oração começaram a crescer, e multidões começaram a assistir aos cultos. Finalmente a explosão do Espírito de Deus por intermédio da pregação de Frank Mangs não apenas alcançou aquela igreja, mas toda Oslo e grandes regiões da Noruega.

Um ano após a explosão do avivamento, a Igreja de Belém realizou uma reunião para comemorar a grande obra de Deus com um jantar festivo seguido de um culto de louvor. Após o culto, o sacristão

levou o pastor Holm-Glad ao templo. Humildemente, em lágrimas, perguntou:

— O senhor se lembra quando lhe disse que haveria um avivamento aqui?

— Como poderia esquecer? — respondeu Holm-Glad.

— Agora já posso contar-lhe como eu sabia — disse o sacristão. Só Deus sabe quantas vezes Ele pressionou o meu coração para ajoelhar-me atrás do púlpito e orar pelo avivamento. Quantas vezes chorei amargamente diante do Senhor atrás desse púlpito. Estamos comemorando hoje, e Deus colocou no meu coração que lhe dissesse isso.

Fico tão grato por Deus ter levado aquele servo humilde de detrás dos bastidores a compartilhar essa história. Como ficamos mais ricos ao ver o poder invencível da oração por meio de algum servo que ouse enxergar sua posição de vitorioso. Orações profundas fazem com que Deus influencie visivelmente os assuntos humanos.

Atos 12 registra a prisão e o encarceramento de Pedro ordenado por Herodes. Seu julgamento e provável execução já estavam marcados. "... mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele" (At 12.5).

Essas orações fizeram com que Deus agisse. Um anjo deixou a glória do céu para intervir nos planos do inimigo. As correntes que prendiam Pedro aos soldados caíram, e a luz do céu encheu o cárcere. Quando se vestiu e seguiu o anjo, as sentinelas da prisão nem sequer viram Pedro. O portão de ferro trancado parecia estar vivo e abriu-se sob a ordem da realeza do céu. Solto e livre, Pedro dirigiu-se para a reunião de oração, em que os servos que oravam, estupefatos, testemunharam a resposta viva à sua súplica. A ação impressionante e visível de Deus em resposta à oração intensa despertou uma igreja e derrotou o inimigo.

TOMANDO O FARDOS

Um estudo do livro de Neemias mostrará um exemplo marcante de excelência na oração. Neemias estava exilado na Pérsia e trabalhava como copeiro do rei. Quando ouviu o relato de uma testemunha ocular sobre o estado deplorável de Jerusalém, a tragédia

daquela grande cidade com muros derrubados e portas queimadas partiu-lhe o coração. Os relatos sobre os irmãos hebreus grandemente afligidos despertaram-lhe empatia e comoveram-lhe a alma. Neemias estava cativo em terra estrangeira; no entanto, estava bem melhor do que os que haviam escapado ao exílio e permanecido em Jerusalém. Foi naquele instante que começou a orar. Passou muitos dias em lágrimas, jejuando e orando, lamentando-se pelas vitórias que os inimigos de Deus estavam tendo em Jerusalém. A pressão da dificuldade levou-o a uma intensidade na oração raramente vista entre os homens.

Hoje não há menos dificuldades, mas parece que poucos assumem a responsabilidade por elas como fez Neemias. Nem todos os crentes parecem ter a faculdade de perceber a dificuldade. Mas mesmo entre aqueles que a têm, apenas poucos parecem deixar que essa dificuldade os conduza ao lugar de intensidade na oração. Alguns se recusam a orar nesses momentos com o pensamento: *O que vai adiantar mesmo? O que se pode fazer?*. No entanto, em momentos de grande dificuldade, agir rapidamente em oração fiel pode mudar o curso dos acontecimentos.

Às vezes nem estamos preparados para dedicar tempo e energia à oração por nossos próprios fardos. Uma mulher fez-me uma chamada interurbana para pedir o meu parecer sobre a sua batalha com Satanás. Deixou claro que queria libertação imediata. “Não quero passar por toda essa coisa de combate. Quero que o senhor ordene que Satanás me deixe. Quero me livrar desta batalha imediatamente, como Jesus libertou o homem geraseno.” Muitas vezes ouvi afirmações semelhantes daqueles que estão batalhando com o reino de Satanás. As pessoas querem apertar um botão e ser libertas. Somos produto da época em que vivemos. Nessa época de sopa instantânea e cópias impressas imediatamente emitidas por computadores, não queremos esperar respostas ou carregar um fardo — mesmo o fardo do Senhor. Nada há de errado em ter um fardo tão pesado que tenhamos de nos manifestar em lágrimas, jejuando e orando por longos períodos. É possível que um fardo assim faça parte vital da vivência do plano de Deus.

É óbvio que emocionalmente nem sempre podemos carregar em nosso coração um fardo tão pesado quanto o de Neemias. Deus sabe

disso e nos conduzirá à vitória em tempo mais do que suficiente para cumprir o Seu plano. As grandes dificuldades servem para levar os cristãos a dobrar os joelhos em intensa oração e finalmente proporcionar avanço espiritual.

TENDO POR CERTA A VITÓRIA

Uma noite, a nossa campainha tocou após a meia-noite. Vesti o meu roupão e apressei-me para atender. Examinando pelo postigo da porta, vi um homem que eu conhecia, no frio, descalço e vestindo apenas um pijama. Quando abri a porta, praticamente atirou-se em meus braços, implorando que o ajudasse. Acompanhei-o a uma sala em que pudéssemos conversar e fiquei sabendo que estava sendo atacado pelas forças das trevas. Apesar de cristão declarado, passara por algumas intensas provações. Naquela noite, despertara com a sensação medonha de que algumas forças malignas estavam tentando assumir o controle do seu ser, até matá-lo.

Comecei a orar por ele, e enquanto orava foi dominado por uma força convulsiva que parecia quase atirá-lo ao chão. Continuei a orar, citando a Palavra de Deus e concentrando-me na vitória de Cristo sobre o homem, às vezes ordenando que quaisquer forças das trevas que o estivessem atormentando deixassem-no e fossem para onde o Senhor Jesus Cristo as enviasse.

Continuando a orar daquela forma, ele começou a fazer gestos ameaçadores para mim. Sem dúvida, era grande e forte o bastante para me esmagar, caso tivesse conseguido continuar com suas ameaças. Prossegui arremessando as promessas da Palavra contra as forças de Satanás. Quando veio em minha direção, citei 1 João 5.18: "... Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o maligno não lhe toca" e 1 João 3.8: "... Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo". Várias vezes pareceu ser quase violentamente empurrado para longe de mim. Finalmente a guerra foi ganha. Ficou sereno e pôde, ele mesmo, orar e agradecer ao Senhor a vitória. Depois contou-me que parecia estar sendo controlado por um poder violento que queria fortemente ferir-me. Mas, toda vez que eu dirigia a Palavra de Deus contra as forças das trevas que estavam procurando dominá-lo, era como se aquela força violenta fosse

arremessada para longe de mim por uma força invencível. A Palavra do Senhor é invencível quando compreendida e aplicada corretamente.

A oração invencível depende de grande confiança. Neemias tinha por certo que Deus tocaria de tal forma o coração de um rei pagão, que seria favorável à reconstrução de uma cidade murada destruída pela guerra. Contava que Deus fosse induzir o coração do rei a pôr a ele, humilde copeiro, no comando de uma grande expedição de retorno a Jerusalém para reedificar os muros. Neemias tinha por certo que os judeus de Jerusalém se mostrariam sensíveis e o ajudariam. Estava seguro de que os inimigos que lutariam para impedir a tarefa seriam derrotados. Ele acreditava que um governo seria restituído em Jerusalém e a economia reestruturada. Em suma, contava que Deus cumprisse a Sua vontade para o Seu povo.

Neemias realizou tudo o que acreditava poder realizar e mais. Deus continuou aumentando sua segurança ao mover-se de vitória em vitória. Os muros foram reedificados. Os inimigos foram derrubados. As portas foram assentadas, e o governo da cidade e a adoração oficial restabelecidos. A espera confiante constitui parte essencial do caminhar invencível e vitorioso. Como filhos Seus, podemos ter por certo que Deus cumprirá por meio de cada um de nós a Sua vontade e o Seu propósito para as nossas vidas.

ASSUMINDO UMA POSIÇÃO DE INVENCIBILIDADE

Misericordioso Pai celestial, escolho ver a mim mesmo como Tu me vês na pessoa do Teu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Escolho ver-me como alguém invencivelmente forte e capaz de realizar tudo o que está em Teu plano para mim. Rejeito as acusações de Satanás de que sou irremediavelmente fraco e derrotado. Aceito a minha grande dificuldade atual como um chamado ao renovar da visão da vitória do meu Senhor. Ajuda-me a concentrar a minha atenção na espantosa majestade, no poder e na soberana grandeza do meu Pai celestial, que de modo algum pode falhar. Ajuda-me a ver que em minha união com Cristo sou mais que vencedor. Que o fardo das minhas provações torne-se uma manifestação do fardo do Senhor. Que esse fardo se manifeste em lágrimas de preocupação, horas de jejum e oração. Escolho não me esquivar do fardo que Tu desejas que eu

carregue.

Reconheço, Senhor, que é principalmente o meu próprio pecado e a minha falha que me trouxeram essa intensa provação. Arrependo-me profundamente dos meus pecados. [Cite cada um.] Limpa-me no sangue do meu Salvador. Tomo de volta de Satanás todo o terreno que lhe conferi com meus pecados e transgressões. Com a autoridade da cruz, reivindico todo esse terreno para o Senhor Jesus Cristo.

Precioso Senhor Jesus Cristo, Tu me prometeste jamais me deixar ou abandonar. Sei que isso é verdade e ousadamente afirmo: “O Senhor é o meu auxílio, não temerei”. Firmado na fé, resisto ao diabo e a seu reino. Ordeno que Satanás e seus demônios me deixem e dirijam-se para onde o Senhor Jesus Cristo os enviar.

Pai celeste, aceito e escolho desfrutar de tudo o que está escrito no pergaminho da Tua vontade para mim. Obrigado porque posso todas as coisas em Cristo, que me fortalece. Farei a Tua vontade, aceitando a minha responsabilidade de ser forte. Farei com a Tua força aquilo que sei ser a Tua vontade. [Diga-lhe o quê.]

Obrigado, amado Pai celeste, porque mediante o Senhor Jesus Cristo ouviste a minha oração — e me farás andar como alguém tão forte no Senhor que mesmo as estratégias mais poderosas de Satanás já estarão derrotadas. Oro em nome do Senhor Jesus Cristo e para a Tua glória. Amém.

EPÍLOGO

Simplemente Vencedor

Ora, aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém (Jd 24, 25).

O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará (1 Ts 5.23, 24).

Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém (Hb 13.20, 21).

Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém (Ef 3.20, 21).

Cada uma dessas passagens é o que a igreja veio a chamar de bênção, um pronunciamento de bênção. As bênçãos geralmente encerram um resumo da grande verdade, a fim de consolar, confirmar e criar confiança no coração do povo de Deus. Essas aqui citadas sem dúvida fazem isso. Eu recomendaria que cada leitor memorizasse e meditasse em cada uma. Elas nos asseguram de que, como filhos de Deus, nosso destino é ser vencedores por causa da vitória que Cristo conquistou.

Gostaria que este breve desfecho fosse uma espécie de bênção aos capítulos anteriores. A mensagem deste livro foi uma tentativa de ajudar o povo de Deus a olhar além da batalha atual em toda a sua luta pessoal. Mediante a certeza da Palavra de Deus, devemos fixar a atenção em nossa vitória, que é certa. “Que diremos, pois, à vista destas cousas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? [...] Em todas estas cousas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8.31, 37). A nossa batalha com o reino tenebroso de Satanás é na verdade a batalha do Senhor. É uma batalha que Ele já venceu. É uma vitória que Ele nos possibilita aplicar. Temos tudo que necessitamos para resistir ao inimigo em cada conflito que dirija contra nós. A aplicação diária e destemida da nossa vitória assegura-nos um caminhar invencível e o cumprimento da vontade de Deus.

Dentro de poucos dias, a nossa filha Judy retorna de um ano no exterior como obreira leiga no auxílio ao campo missionário. *NO Adversário*, relato a história de Judy e a batalha direta de nossa família com as trevas. Para libertá-la, foi necessário que se enfrentassem intrepidamente as forças das trevas. Mais de dez anos já se passaram depois daquele período traumatizante. Ela se formou no curso secundário e no instituto bíblico Moody e teve de amadurecer e crescer na graça. No entanto, os anos não a isentaram de ataques e lutas com Satanás. Dia a dia tem precisado combater espiritualmente e aplicar a vitória. Houve momentos intensos em que ela teve de enfrentar as tentativas de Satanás de invadir e dominar sua vida.

Relato o testemunho de Judy porque desejo salientar novamente que a vida de vitória não se adquire com uma confrontação do tipo “quebra-galho” e com uma ordem para que o inimigo saia. Isso pode se fazer necessário em momentos intensos da batalha, mas não põe fim à batalha. O combate espiritual é um caminhar diário, um exercício constante, uma prontidão de resistir a cada dia do nosso viver.

Devo também ressaltar que uma vida de combate espiritual bem-sucedida não garante uma vida sem sofrimento e frustrações. Numa perspectiva tacanha haverá momentos em que parecerá que o nosso inimigo alcançou a vitória. Entretanto, uma visão assim limitada não é fiel aos fatos. Os anos em que Paulo passou encarcerado em Cesaréia e Roma devem ter parecido aos de vista curta um triunfo para o inimigo. Todavia, durante aqueles anos, foram conquistadas algumas das maiores vitórias de Deus sobre as trevas. As cartas de Paulo aos efésios, aos filipenses e aos colossenses foram todas escritas na prisão. Ele escreveu a mensagem de vitória de Efésios 6.10-18, que tem sido compartilhada através dos séculos e ao redor do mundo. Agarre-se à visão de si mesmo como simplesmente vencedor.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUS, Harry J. *A treasury of Dwight L. Moody*. Grand Rapids, Eerdmans, 1949.
- CHAFER, Lewis Sperry. *Pneumatology*, v. 4, In: *Systematic theology*. Dallas, Dallas Seminary Press, 1981.
- COOK, Charles, ed. *Daily meditations for prayer*. Westchester, Good News Publishers, s. d.
- EXÉRCITO DE SALVAÇÃO. *Cancioneiro do Exército de Salvação*. São Paulo, Ex. de Salv., s. d.
- LLOYD-JONES, D. M. *The Christian soldier*. Grand Rapids, Baker Book House, s. d.
- KNIGHT, Walter B. *Knight's illustrations for today*. Chicago, Moody Press, 1970.
- MOODY, William R. *Life of D. L. Moody*. Kilmarnock, Escócia, John Ritchie, s. d.
- National Review*. Nova Iorque, 19 de fevereiro de 1983.
- SPURGEON, Charles H. *The full harvest*, v. 2 In: *Charles Haddon Spurgeon: autobiography*. Carlisle, Banner of Truth, 1975.
- UNGER, Merrill F. *What demons can do to saints*. Chicago, Moody Press, 1977.
- WIERSBE, Warren. *Be rich*. Wheaton, Scripture Press, 1976.

Vencer o Adversário

A Bíblia deixa claro que Satanás maquina contra nós, que ele quer-nos devorar e que lutamos não contra os inimigos humanos do nosso dia-a-dia, mas contra o reino altamente organizado de Satanás.



A batalha não vai cessar. Quem fechar os olhos corre riscos desastrosos. Mas não tenha medo. Sua vitória já foi conquistada. Nenhum inimigo –nem Satanás– é suficientemente forte para vencer o Deus que habita em você. Agora, é sua responsabilidade reivindicar essa vitória.

Este livro, escrito por Mark Bubeck, autor dos já conhecidos *O Adversário* e *O Reavivamento Satânico*, é um manual prático que ressalta os recursos poderosos da oração. Ele explica como se revestir de toda a armadura de Deus e como utilizar o poder do Espírito Santo na batalha espiritual.